



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

ADRIANA ANDRADE XEREZ

**MÃE RAMPA: OS IMPACTOS DO ENCERRAMENTO DO
ATERRO METROPOLITANO DE JARDIM GRAMACHO NOS
CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEIS**

**NITERÓI
2013**

ADRIANA ANDRADE XEREZ

**MÃE RAMPA: OS IMPACTOS DO ENCERRAMENTO DO
ATERRO METROPOLITANO DE JARDIM GRAMACHO NOS
CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Área de concentração: Antropologia Visual

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lygia Baptista Pereira Segala Pauletto
Co-Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz

NITERÓI
2013

ADRIANA ANDRADE XEREZ

MÃE RAMPA: OS IMPACTOS DO ENCERRAMENTO DO
ATERRO METROPOLITANO DE JARDIM GRAMACHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de mestre.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Lygia B. Pereira Segala Pauletto
Universidade Federal Fluminense
(Orientadora)

Prof^a Dr^a Ana Lúcia M. Camargo Ferraz
Universidade Federal Fluminense
(Co-orientadora)

Prof^a Dr^a Simoni Lahud Guedes
Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cláudia Turra Magni
Universidade Federal de Pelotas

Profª Drª Bárbara Andrea Silva Copque
Universidade Estadual do Rio de Janeiro
(Suplente externo)

Profª Drª Renata de Sá Gonçalves
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(Suplente interno)

AGRADECIMENTOS

Para que uma pesquisa se realize é preciso de um tema, de tempo para executá-la e muito estudo, mas também é necessário apoio, carinho e paciência das pessoas à sua volta. Um mestrando passa por períodos difíceis, e são esses sentimentos que encontrei com meus professores, amigos e familiares, fazendo toda essa experiência ser mais fácil.

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais pelo amor e apoio dado em todas as minhas escolhas.

À professora Ana Lúcia Ferraz que aceitou generosamente meu tema e minha vontade de fazer um filme, sendo a minha principal fonte de inspiração para realizá-lo. Sem suas valiosas contribuições, nossas longas conversas e sem o material que o Laboratório do Filme Etnográfico disponibilizou, certamente o resultado dessa pesquisa não seria o mesmo. Além disso, Ana foi uma mestra atenciosa e paciente em cada etapa desse processo.

À professora Lygia Segala pela atenção especial dedicada a esse trabalho.

Às minhas amigas queridas: Beatriz, Maria, Lídia, Joana, Eliza, Shahaf, Alana e Carol, e ao amigo Fernando. Pelo apoio inestimável, pela paciência com que ouviram minhas lamentações e celebrações das mais diversas situações passadas tanto em campo, quanto na biblioteca redigindo o texto.

Aos meus colegas do mestrado, especialmente Luiza Aragon, Rodrigo Pennutt, Pedro Alex, Sara Sousa e Victor de Mello, que acompanharam de perto a minha trajetória, e por toda troca que tivemos seja em sala de aula, seja no espaço da Cantareira.

Um agradecimento especial a Alexandre Rozemberg que comprou a ideia de fazer um filme, indo sempre com um sorriso no rosto gravar em Jardim Gramacho, tendo sido um ótimo parceiro de filmagem.

Um agradecimento imenso que não cabe aqui a Thiago Santos da Costa, que contribuiu ricamente para a feitura desse filme, andando no calor de 40 graus de Jardim Gramacho e vivendo comigo cada momento das filmagens até o seu final na ilha de edição, aturando meu mau humor e ainda assim sendo um amigo muito querido e compreensivo. Além disso, foi autor de uma trilha sonora belíssima, original e sensível.

A Pedro Fandiño, pela sua generosidade em várias etapas desse trabalho, na valiosa parceria ao editar o filme, nas correções de minhas longas frases e pelos

conselhos nos momentos de dúvida. Obrigada por todo o amor, cuidado e paciência que teve comigo nesse período.

Por fim, a todos catadores e moradores de Jardim Gramacho, que abriram suas casas e suas vidas, que me doaram tempo e atenção para que esse trabalho pudesse ser feito. Conheci pessoas e histórias maravilhosas, uma experiência sem precedentes em minha vida que ficará registrada com muito carinho em minha memória. Em especial um agradecimento à Glória Santos e Roberta Alves (Docinho) que me permitiram conhecer melhor Jardim Gramacho e o trabalho da catação.

RESUMO

Em junho de 2012, o maior aterro da América Latina, localizado em Jardim Gramacho, bairro do município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, encerrou suas atividades. Cerca de dois mil catadores, que trabalhavam no Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (AMJG), ficaram sem sua principal fonte de renda. O drama vivido por esses trabalhadores veio envolvido em amplo assédio midiático e por um grande sucesso do cinema, o documentário *Lixo Extraordinário*. Desta forma, o bairro de Caxias vivia um momento ímpar em sua história: a categoria de catadores, tão marginalizada, ganhava destaque em holofotes nacionais em meio a disputas políticas e conquistas trabalhistas.

É neste cenário que este trabalho se insere, ao buscar compreender o significado do aterro para os catadores que ali trabalhavam e como o encerramento deste impactou a vida não só destes trabalhadores, mas de todo o bairro que dependia da economia gerada pela coleta de materiais recicláveis.

Ademais, apresenta uma reflexão crítica sobre a presença da mídia neste contexto, e de como a produção de um filme etnográfico, como processo de pesquisa aliado à dissertação, se configura como uma abordagem que apresenta problemáticas em um espaço que está no foco da grande mídia. Esta pesquisa apoia-se em dois pilares fundamentais para entender este momento: por um lado, acessa a memória para recriar a forma de trabalho da catação e o espaço do aterro, enunciando os motivos pelos quais seu fim se tornou um grande problema para o bairro. Por outro, o uso da imagem, apresentando a vivência com a câmera combinado a uma reflexão no campo da Antropologia Visual. Com uma filmadora em campo, permitiu-se outra aproximação com os catadores, bem como um registro imagético deste momento importante para Jardim Gramacho.

PALAVRAS-CHAVES:

Jardim Gramacho, catador de material reciclável, antropologia visual, filme etnográfico, memória, aterro metropolitano de Jardim Gramacho

ABSTRACT

In June 2012, the largest landfill in Latin America, located in Jardim Gramacho, a district of the municipality of Duque de Caxias at Baixada Fluminense, ended its activities. About two thousand pickers, who worked at Metropolitan Landfill of Jardim Gramacho (AMJG), lost their main source of income. The drama experienced by these workers came involved in extensive media harassment and a blockbuster movie, the documentary *Waste Land*. Thus, the district of Caxias was living a unique moment in its history: the category of pickers, so marginalized, gained prominence in national spotlight amid political disputes and labor conquests.

It is in this scenario that this work fits in, seeking to understand the meaning of the landfill to the pickers who worked there and how its closure impacted the lives not only of those workers, but of the entire neighborhood that depended on the savings generated by the collection of recyclable materials.

Moreover, it presents a critical reflection on the presence of the media in this context, as well as how the production of an ethnographic film, as search process together with the dissertation, is configured as an approach full of problems in a space mobbed by cameras. This research is based on two fundamental pillars to understand this point: on one hand, accesses memory to recreate the form of work of scavenging and landfill space, stating reasons why its closure has become a big mess for the district. Secondly, the use of image, demonstrating the experience with the camera combined with a reflection on the field of Visual Anthropology. With a camcorder in the field, one allowed another approach to the pickers, as well as an imagery record of this important and dramatic time to Jardim Gramacho.

KEYWORDS:

Jardim Gramacho, picker of recyclable material, visual anthropology, ethnographic film, memory, metropolitan landfill of Jardim Gramacho

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACAMJ – Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho

ACEX– Associação de Catadores e Ex-Catadores

AMJG – Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho

BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento

COMLURB – Companhia Municipal de Limpeza Urbana

COOPERACAMJ – Cooperativa da Associação dos Catadores do Aterro de Jardim Gramacho

COOPERCAXIAS – Cooperativa de Catadores de Material Reciclável de Duque de Caxias

COOPERGRAMACHO – Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho

COOPERJARDIM – Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Jardim Gramacho

COHAB – Conjunto Habitacional

CRAS– Centro de Referência da Assistência Social

CTR – Central de Tratamento de Resíduos

FAETEC– Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro

FECAM– Fundo Estadual de Desenvolvimento Urbano

FEEMA – Federação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente

FPC –Fundo de Participação dos Catadores

FR – Fundo de Revitalização do bairro de Jardim Gramacho

FUNDREM – Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro

IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IETS – Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

INCRA– Instituto de Colonização e Reforma Agrária

INEA – Instituto Estadual do Ambiente

LIESA– Liga das Escolas de Samba

MNCR – Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PRONATEC – Programa Nacional de Acesso aos Ensino Técnico e Emprego

REEDUC – Refinaria de Duque de Caxias

RMRJ – Região Metropolitana do Rio de Janeiro

SEA – Secretaria Estadual de Ambiente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
-------------------------	----

PARTE 1 - O CAMPO

1 Capítulo 1- Breve História de Jardim Gramacho	19
--	----

1.1 O Bairro de Jardim Gramacho.....	19
--------------------------------------	----

1.2 Surgimento do Lixão.....	20
------------------------------	----

1.3 Mudanças Políticas: Nascimento de um Aterro.....	22
--	----

1.4 A configuração dos espaços dentro do Aterro de Jardim Gramacho.....	27
---	----

2 Capítulo 2 - Memórias da Rampa	32
---	----

2.1 As origens dos grupos políticos: Formando uma identidade para o catador.....	53
--	----

2.1.1 Surgimento da ACAMJG.....	58
---------------------------------	----

2.1.2 Surgimento da ACEX.....	63
-------------------------------	----

2.1.3 Plano de Transição.....	66
-------------------------------	----

2.2 Os desenhos da memória.....	71
---------------------------------	----

PARTE 2 - A CÂMERA EM CAMPO

INTRODUÇÃO	79
1 Capítulo 1 - O porquê da câmera?	84
2 Capítulo 2 - Quando a câmera entra em campo	99
Brizola.....	100
Jeniffer, Cantor, Silvana.....	103
Luciano.....	107
Rebelde.....	110
Serafim.....	112
Dona Fátima.....	113
Dona Ângela.....	116
Marize e Marlene.....	118
Glória.....	121
Luzia.....	124
Sindicato da cachaça.....	127
Bar do Tadeu.....	130
Docinho	131
3 Capítulo 3 - O que aprendi com a câmera	133
3.1 Imagem X palavra: uma busca pelo equilíbrio.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	154

Introdução

A cidade de Leônia

A cidade de Leônia refaz a si própria todos os dias: a população acorda todas as manhãs em lençóis frescos, lava-se com sabonetes recém tirados da embalagem, veste roupões novíssimos, extrai das mais avançadas geladeiras latas ainda intatas, escutando as últimas lengalengas do último modelo de rádio.

Nas calçadas, envoltos em límpidos sacos plásticos, os restos de Leônia de ontem aguardam a carroça do lixeiro. Não só tubos retorcidos de pasta de dente, lâmpadas queimadas, jornais, recipientes, materiais de embalagem, mas também aquecedores, enciclopédias, pianos, aparelhos de jantar de porcelana: mais do que pelas coisas que todos os dias são fabricadas vendidas compradas, a opulência de Leônia se mede pelas coisas que todos os dias são jogadas fora para dar lugar às novas. Tanto que se pergunta se a verdadeira paixão de Leônia é de fato, como dizem, o prazer das coisas novas e diferentes, e não o ato de expelir, de afastar de si, expurgar uma impureza recorrente. O certo é que os lixeiros são acolhidos como anjos e a sua tarefa de remover os restos da existência do dia anterior é circundada de um respeito silencioso, como um rito que inspira a devoção, ou talvez apenas porque, uma vez que as coisas são jogadas fora, ninguém mais quer pensar nelas.

Ninguém se pergunta para onde os lixeiros levam os seus carregamentos: para fora da cidade, sem dúvida; mas todos os anos a cidade se expande e os depósitos de lixo devem recuar para mais longe; a imponentia dos tributos aumenta e os impostos elevam-se, estratificam-se, estendem-se por um perímetro mais amplo. Acrescente-se que, quanto mais Leônia se supera na arte de fabricar novos materiais, mais substancioso torna-se o lixo, resistindo ao tempo, às intempéries, à fermentação e à combustão. É uma fortaleza de rebotalhos indestrutíveis que circunda Leônia, domina-a de todos os lados como uma cadeia de montanhas.

O resultado é o seguinte: quanto mais Leônia expele, mais coisas acumula; as escamas do seu passado se solidificam numa couraça impossível de se tirar; renovando-se todos os dias, a cidade conserva-se integralmente em sua única forma definitiva: a do lixo de

ontem que se junta ao lixo de anteontem e de todos os dias e anos e lustros.

A imundície de Leônia pouco a pouco invadiria o mundo se o imenso depósito de lixo não fosse comprimido, do lado de lá de sua cumeeira, por depósitos de lixo de outras cidades que também repelem para longe montanhas de detritos. Talvez o mundo inteiro, além dos confins de Leônia, seja recoberto por crateras de imundície, cada uma com uma metrópole no centro em ininterrupta erupção. Os confins entre cidades desconhecidas e inimigas são bastiões infectados em que os detritos de uma e de outra escoram-se reciprocamente, superam-se, misturam-se.

Quanto mais cresce em altura, maior é a ameaça de desmoronamento: basta que um vasilhame, um pneu velho, um garrafão de vinho se precipitem do lado de Leônia e uma avalanche de sapatos desemparelhados, calendários de anos decorridos e flores secas afunda no passado que em vão tentava repelir, misturado com o das cidades limítrofes, finalmente eliminada – um cataclismo irá aplainar a sórdida cadeia montanhosa, cancelar qualquer vestígio da metrópole sempre vestida de novo. Já nas cidades vizinhas, estão prontos os rolos compressores para aplainar o solo, estender-se no novo território, alargar-se, afastar os novos depósitos de lixo.

Ítalo Calvino, As cidades invisíveis, 1972.

A cidade de Leônia refaz a si própria todos os dias, através do consumo de produtos novos em detrimento dos produtos que julga não mais interessante usar. Não por acaso, Leônia nos soa extremamente familiar, talvez até possa perturbar de tão próximo das grandes megalópoles do século XXI. Cidades que têm como seu principal motor o consumo. E o consumo em sua essência só existe através da necessidade. Necessidades são criadas diariamente, produtos são forçosamente atualizados impulsionando novos desejos e conseqüentemente novas compras e novos descartes. A obsolescência hoje chega rápido, e artigos que deveriam ser bens de longa duração já saem de fábrica com data marcada para dar defeito. Isso sem contar as embalagens descartáveis de quase todos os produtos que estão disponíveis em supermercados, lanchonetes, restaurantes, cinemas, shoppings.

Leônia pode ser São Paulo, Nova York, Cidade do México, Bangkok. Leônia pode ser Rio de Janeiro.

Segundo dados da Comlurb a cidade do Rio de Janeiro produz cerca de 1,2 milhões de toneladas de lixo por ano. Por dia são recolhidos cerca de 8,8 mil toneladas, se fizermos a conta é como se cada habitante produzisse 1,5 quilos de lixo diário¹. Somos como os habitantes de Leônia, gostamos de acordar com os nossos lençóis novos e frescos, como uma geladeira cheia, cercados de todo o conforto que os eletroeletrônicos podem nos oferecer. E assim como os habitantes de Leônia, aplaudimos o gari passista no carnaval, orgulhoso do seu trabalho. Repudiamos o jornalista que discrimina o mesmo profissional situando como “*O mais baixo da escala do trabalho*”. Dessa forma, assim como os habitantes de Leônia colocamos os lixeiros como anjos na tarefa de remover restos da existência do dia anterior. Talvez o respeito, assim como no texto de Calvino, também seja silêncio motivado pela mesma razão, a de não querer pensar mais no que é feito do lixo, afinal são objetos descartados e quando jogados fora— momento que para nós é considerado como solução — não se faz mais necessário pensar nele, pois sua parte já fora feita.

E mais uma vez, assim como em Leônia, o lixo não fica onde é produzido, e sim é levado para outra cidade, para longe, onde ninguém possa sentir, ver e se incomodar.

No caso do Rio de Janeiro, quase a totalidade do seu lixo produzido era levado, até junho de 2012, por mais de trinta anos, para um lugar chamado Jardim Gramacho, um bairro situado na Baixada Fluminense, mais precisamente em Duque de Caxias. Talvez um lugar que seja o oposto de Leônia, onde não se encontra opulência, nem excesso de consumo. O que encontramos são pessoas, milhares delas que tiravam seu sustento e o de suas famílias na opulência do consumo carioca.

Essa provocação feita com o texto do Ítalo Calvino é um convite para se pensar o trabalho aqui proposto. As próximas páginas dessa dissertação pretendem relatar as memórias, as dores, as saudades, as lutas de um lugar que abrigou milhares de trabalhadores informais que tiveram nessas três décadas de funcionamento do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho uma jornada repleta de transformações, seja na forma de realizar o seu trabalho quanto no reconhecimento do mesmo. De catadores de lixo a catadores de materiais recicláveis. Do mais baixo da escala do trabalho, para o

¹ <http://www.limpabrasil.com/site/o-lixo-no-rio-de-janeiro-2/>

protagonismo de documentário concorrente ao Oscar. De bêbados, vagabundos e loucos para a mão de obra fundamental no processo de reciclagem no Brasil, colocando o país como campeão no ranking mundial de reciclagem de alumínio há dez anos.²

Algumas mudanças parecem pequenas, outras grandiosas, mas o fato é que a figura do catador nunca foi tão explorada, estudada e reconhecida, no melhor sentido da palavra, como agora. Passou por mudanças que talvez não atinjam toda a categoria, mas alguns representantes, fortalecendo lideranças políticas, reivindicações e conquistas como o reconhecimento oficial da ocupação pelo Ministério do Trabalho³ e a Lei de Resíduos Sólidos que foi pensada em um esforço conjunto entre catadores e o Governo Federal. Essa lei foi fruto da mobilização do Encontro Nacional de Catadores que só faz crescer a cada ano, revelando uma categoria cada vez mais consciente e organizada.

Muitos desses trabalhadores já se veem hoje, não mais como um sujeito sem oportunidades, mas como um agente importante não só para o meio ambiente, mas para o próprio progresso do país. Obviamente esse catador não constitui a maioria desse grupo de trabalhadores, e quando traçamos esses pontos positivos estamos falando de uma pequena parte dentro da grande massa que compõe os catadores de material reciclável hoje no Brasil. Segundo dados do IBGE de 2008, cerca de 70.000 brasileiros são catadores.⁴ Muitos exercem outras funções e coletam o material reciclável para complementar a renda. Mas os números mostram que o Brasil é também um país de catadores e catadoras. E grande parte dessa população ainda vive sob condições deploráveis, moradias precárias, em um trabalho insalubre, expostas a qualquer tipo de contaminação e doença, sem direitos trabalhistas e à margem do lucro do mercado rentável que hoje é a reciclagem, rendendo centavos por quilos coletados.

Esse é o quadro complexo em que está situado o catador de material reciclável no Brasil: de um lado uma embrionária organização política e social a fim de regulamentar o trabalho visando maneiras dignas de compor o ofício por meio de cooperativas, e televisão, de outro a condição de miserabilidade que a maioria ainda vive, e no meio dessa luta política, o fator da visibilidade trazida pelo cinema.

² <http://www.agsolve.com.br/noticia.php?cod=1149> e <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/meioambiente/2012/02/brasil-recicla-2-milhoes-de-latinhas-de-aluminio-por-hora/>

³ <http://www.mtecbo.gov.br/recursos.asp?codigo=5192>

⁴ http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pnsb2008/tabelas_pdf/tab021.pdf

Residimos no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Belo Horizonte, em Salvador, em Curitiba, vivemos em Leônia, nossa vida é marcada pelo consumo. Jardim Gramacho assim como tantas outras comunidades no Brasil vive dessa sobra, do que é descartado. Estar trabalhando no lixo, talvez seja para muitos o último recurso do trabalho honesto, o único ganha-pão possível para quem não tem escolaridade, para quem tentou vencer na grande cidade e não “conseguiu”. O Rio de Janeiro continua a produzir seus resíduos, mas hoje Jardim Gramacho não mais os recebe. Deixando desamparados cerca de 1.700 catadores⁵, 1.700 pessoas que viviam com o dinheiro produzido daquilo que comumente chamamos de lixo.

Como isso afeta um bairro que tem como sua principal atividade econômica a catação? Como ficam os catadores? O que acontece agora em Jardim Gramacho? Como essa população de catadores recebeu a notícia do seu fim? Como repensaram novas estratégias de trabalho? Ou a manutenção da catação, seja por meio de cooperativas, seja por meio de lixões irregulares que ainda escoam em Jardim Gramacho? Como veem o Aterro e o trabalho que lá existia? Sentem falta ou foi melhor dessa forma? Quais são os planos das lideranças para abrigar essa massa agora de desempregados? Esses são alguns dos questionamentos que pontuam esse evento recente, ainda latente na vida desses personagens que aqui serão apresentados. E como se desenvolve o fim de um lugar que representa esperança, trabalho, renda e autonomia.

Feita essa breve reflexão sobre lixo, consumo, catadores e o nosso papel nessa cadeia cíclica de consumo-descarte-reciclagem-consumo e o contexto do bairro de Caxias com o encerramento do seu aterro, cabe então apresentar a proposta do trabalho e como seguirá a discussão em torno de todo esse momento muito específico e especial para o catador de material reciclável de Jardim Gramacho.

Essa dissertação tem como seu principal pilar a memória, a memória ainda recente do evento apresentado. E como essa reminiscência ainda pulsante apresenta o aterro, suas alegrias e dores, a forma do trabalho, o conhecimento que lá se adquiria, as amizades e os espaços de sociabilidades, as perdas, a saudade e o desejo do seu retorno. Também serão mostrados os esforços para criar novas frentes de trabalho, cooperativas, polo de reciclagem, escolas de ensino técnico. E de como as lideranças se posicionam, e suas opiniões sobre esse novo momento que o bairro de Caxias está começando a viver.

⁵Dados estimados pela ACAMJG - Associação de Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho.

Jardim Gramacho será apresentado de trás para frente pensando em uma ordem cronológica. Sua formação, seus primeiros catadores, o que mudou do trabalho em trinta anos de aterro, e na própria figura do catador, e teceremos algumas breves considerações sobre o documentário mais recente produzido lá; *O Lixo Extraordinário* (2009) de Lucy Walker; co-direção: João Jardim e Karen Harley, acreditando que esse filme teve um valor significativo no processo de legitimação desses trabalhadores. Sendo um movimento de mudança que parte da classe, mas é captado pelo cinema, que por sua vez, rebate para a sociedade contribuindo em certa medida de novo para a classe. Nesse sentido a produção audiovisual parece ser fundamental para as questões tanto que concernem ao reconhecimento desse ofício como um próprio dispositivo que auxilia e ou possibilita essa legitimação, aproximando o público em geral do universo catador.

Esse documentário será aqui utilizado como ferramenta de análise auxiliando no esforço de compreender o campo, e foi também motivação para produzir o meu próprio filme. Assim, entramos em outra questão fundamental desse trabalho, a Antropologia Visual. Nessa segunda parte dedicarei a especificar as motivações que me levaram a produzir um filme sobre o tema apresentado, narrar essa experiência frente a esse drama vivido por Jardim Gramacho, associando minha pesquisa etnográfica a produção de um filme.

Essa parte do trabalho será uma grande discussão metodológica em torno da produção de um filme etnográfico. E sobre como a presença da câmera altera a relação no campo. Discutiremos como o uso da imagem abre possibilidades de descrições, nos modos de envolvimentos e representações que os limites do texto escrito não permitem explorar. Pensando nesses dois eixos de análise (memória e imagem) que se relacionam e ao mesmo tempo podem ganhar vida própria dentro da dissertação, o seguinte trabalho propõe três partes para serem compreendidas em sua plenitude. Dividindo-se da seguinte maneira:

Na primeira parte apresentaremos Jardim Gramacho e suas transformações. Em seguida uma etnografia produzida a partir da memória dos catadores que viveram essa história. Desenharemos o trabalho e o espaço do aterro pelo traço da lembrança articulando com uma bibliografia sobre o assunto. Esse primeiro momento vai ser delimitado pelo tempo em que estive em campo sem a câmera. Esse suporte só foi obtido oito meses depois. Tal fato foi crucial para compreender que minha pesquisa estava dividida em dois períodos ricos em especificidades; o trabalho de campo e o

trabalho de campo com a câmera, gerando abordagens, aproximações e resultados bem diferentes. Nesse sentido, seria coerente, além de interessante, fazer essa mesma divisão no texto.

A segunda parte então é dedicada a uma etnografia munida dos aparatos técnicos para realização de um filme. Apresentaremos um diálogo com a literatura sobre a antropologia visual e a experiência de outros antropólogos em suas incursões nas produções audiovisuais, além do que foi aprendido com a câmera, os desafios de construir uma narrativa fílmica e como a realização de um filme foi de grande auxílio no processo da escrita, que por sua vez me ajudou a pensar a montagem do filme.

Por fim, o filme será devolvido aos trabalhadores de Jardim Gramacho que participaram da filmagem, e a conclusão dessa trajetória serão as críticas, observações e reações provocadas por essa devolução. Com isso traremos uma reflexão sobre esse encontro, a forma de ver esse grupo e como os catadores recebem essa visão de fora. É a memória desses trabalhadores apresentada para eles a partir do meu olhar. Essa troca era chamada por Jean Rouch de "contraditiva audiovisual". E para encerrar esse percurso, a terceira parte, o filme.

Considero de suma importância entender esses dois trabalhos (texto e filme) como complementares, um diálogo entre a teoria e a prática; a etnografia e a filmagem; o texto e a imagem.

Capítulo 1 - Breve História de Jardim Gramacho

Ao começar a escrever esse capítulo esbarrei com um problema: a inconsistência de dados sobre o bairro. Em meu trabalho de campo conversei muito com representantes da ACAMJG que sempre se dispuseram a me oferecer informações sobre os catadores e o aterro. Contudo, ao realizar uma pesquisa mais aprofundada sobre os números que compõem o AMJG, notei disparidades em diversos dados e algumas pesquisas apresentavam contradições. Vale destacar que o intuito central desse capítulo não é o de oferecer um quadro detalhado de números e datas sobre esse espaço, e sim buscar compreender sua importância tanto para os moradores quanto para os catadores, além de situá-lo no tempo e espaço, seu surgimento e desenvolvimento para assim entendermos melhor os impactos do seu encerramento.

1.1.- O Bairro de Jardim Gramacho

O município de Duque de Caxias, administrativamente, está dividido em quatro Distritos: 1º Distrito (Duque de Caxias); 2º Distrito (Campos Elíseos); 3º Distrito (Imbariê) e o 4º Distrito (Xerém). O bairro de Gramacho está localizado no primeiro distrito e possui aproximadamente uma população de 52.500 habitantes⁶, nele há um sub-bairro chamado Jardim Gramacho⁷, que possui cerca de 13,7 mil habitantes distribuídos por 5.863 domicílios, correspondendo a 3,7 pessoas por casa, um pouco acima da média de 3,06 do Estado do Rio de Janeiro. (IETS, 2011, p.52)⁸

O bairro de Jardim Gramacho é dividido em subáreas: Conjunto Habitacional (COHAB), Morro do Cruzeiro, Triângulo e o Morro da Placa que possuem saneamento básico, estrutura razoável como energia elétrica, recebimento de água encanada e ruas pavimentadas, e as comunidades: Chatuba, Beco do Saci, Cidade de Deus, Favela do

⁶<http://www.censo2010.ibge.gov.br>

⁷Segundo o documento produzido pelo IBASE, que será amplamente utilizado nesse capítulo, houve um questionamento por parte de um morador no Primeiro Encontro de Integração Comunitária de Jardim Gramacho, considerando que Jardim Gramacho é um bairro e não sub-bairro. Porém é certo afirmar que no site do Censo, apresentado acima na nota 1, a área de Jardim Gramacho é entendida como uma região pertencente ao bairro Gramacho. Não parece haver uma fonte segura sobre o assunto. Por essa controvérsia, escolhi privilegiar a informação do Censo 2010, ainda que chamemos ao longo do trabalho Jardim Gramacho de bairro.

⁸IETS, Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade é uma entidade privada sem fins lucrativos que propõe um trabalho de pesquisa que estabeleça uma ponte entre a produção acadêmica e políticas públicas. No caso de Jardim Gramacho, foi solicitado pelas prefeituras envolvidas no aterro um diagnóstico social para nortear estratégias para o desenvolvimento urbano do bairro.

Esqueleto, Parque Planetário, Avenida Rui Barbosa e a Comunidade da Paz, popularmente conhecida como Maruim, sendo todas áreas muito carentes de qualquer infraestrutura básica. Para se ter uma ideia do desenvolvimento urbano de Jardim Gramacho, no bairro há cerca de dezesseis ruas oficiais e asfaltadas, existindo mais de trinta e duas sem asfalto. Além de se contabilizar dezesseis ruas pertencentes à ocupações clandestinas mais recentes, que ainda não foram registradas oficialmente pelo Município de Duque de Caxias (IBASE, 2005, p.9), 77% dos domicílios são abastecidos pela rede oficial de água, 71% pela rede oficial de esgoto, 98% têm luz elétrica e 85% destinam seu lixo à coleta pública. Nestas informações, destaca-se que 14% dos domicílios que não são atingidos pela rede oficial de esgoto, lançam-no a céu aberto, enquanto os outros 15% o fazem em fossas. (IETS, 2010, p.20) Apesar de Duque de Caxias ser um dos maiores municípios do Rio de Janeiro tanto em população quanto em produção de riqueza, este possui uma das piores distribuições de renda do estado além de apresentar um baixíssimo IDH⁹. Jardim Gramacho nesse contexto é caracterizado como uma região muito pobre, onde a maioria de seus moradores se encontra fora mercado formal de trabalho.

1.2- Surgimento do Lixão

A história do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho é controversa, tendo seu início marcado por reconfigurações políticas, questões ambientais e problemas sociais que foram se remodelando no decorrer de seu tempo de vida. Mas antes de acompanharmos esse processo, é preciso recuar um pouco no tempo para compreendermos o contexto da recepção do lixo no Rio de Janeiro. Vamos para a década de 1920, onde a Ilha de Sapucaia foi o último vazadouro da cidade.

A ilha em questão é uma das oito que formam o arquipélago em que hoje se encontra a cidade universitária da UFRJ. Durante vinte anos, esse espaço recebeu todo o lixo produzido pela até então capital federal. Na década de 1950, ou seja, dez anos após o seu encerramento, com o começo das construções da universidade, o solo apresentou uma série de irregularidades e contaminações impedindo a construção de prédios naquela área. Frente a essa experiência que trouxe dificuldades para a ilha de Sapucaia no comprometimento de seu território, o Rio de Janeiro não estava mais interessado em

⁹IBASE- Diagnóstico Social de Jardim Gramacho. Agosto/2005.

abrigar um lixão, e com isso, junto a pequena ilha de Saravatá que ficava próxima ao que hoje é o ponto de encontro entre a Linha Vermelha e a Rodovia Washington Luiz e mais tarde, foi para o início da estrada Rio-Petrópolis se tornaram vazadouros.. As diferentes destinações do lixo mostram que os resíduos do Rio de Janeiro foram mudando de acordo com o desenvolvimento da cidade e do seu entorno, sendo sistematicamente empurradas em direção a Baía de Guanabara, inserindo-se cada vez mais nos manguezais dessa região.(IETS,2011,p.6)

Na década de 1970, o bairro de Jardim Gramacho ainda era muito pouco habitado, e foi nesse período que surgiu a primeira área loteada para uma construção, uma COHAB, conjuntos habitacionais populares. Coincidentemente foi esse bairro o escolhido para abrigar o novo vazadouro que pudesse receber os resíduos do Rio de Janeiro e de sua região metropolitana. Jardim Gramacho era um bairro pouco habitado, sendo a maioria da população de baixa renda.

Nessa mesma década acontecia uma série de transformações na política nacional e no estado. O planejamento federal militar visava o desenvolvimento de regiões metropolitanas nos grandes centros do país, o que resultou na criação da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, fruto de uma fusão dos estados da Guanabara e Rio de Janeiro (1974/1975). Nesse momento é criada a Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (FUNDREM), cuja a função seria planejar o curso de diversas atividades públicas para esta nova divisão espacial. (IETS, 2011, p.7)

Porém, o governo militar brasileiro parecia ter interesses específicos na área de Duque de Caxias, e segundo Dalva Lazaroni, ex-secretária do Meio Ambiente do município¹⁰, era uma área considerada estratégica para a segurança nacional sob a alegação de que a Refinaria Duque de Caxias (REDUC) e a Fábrica Nacional de Motores (FNM) eram "antros" de comunistas. Fora isso, a forma de escolher a representação também foi alterada por esse governo, a fim de garantir o domínio e "proteção" do município. Os prefeitos deixaram de ser eleitos pelo voto direto, substituídos por interventores nomeados pelos governos estadual e federal. Em plena ditadura, foi fácil empurrar para Caxias um aterro que nenhuma cidade fluminense estava disposta a aceitar.

¹⁰Jornal o Globo - Opinião. Quinta-Feira 26 de Abril de 2012 - "O mangue virou um lixão"

O novo espaço que abrigaria um lixão, grande o suficiente para dar conta da produção de resíduos do Rio de Janeiro e da sua recém-criada área metropolitana, tinha como os principais critérios a serem atendidos: a equidistância entre o vazadouro e os municípios envolvidos na coleta e a disponibilidade de terras públicas utilizáveis para tal destinação (IETS, 2001, p.8). Assim, o INCRA, responsável por um território pertencente a UNIÃO de mais de dois milhões de metros quadrados de manguezal à beira da baía de Guanabara, cede parte desse lote a COMLURB e a FUNADREM em um acordo junto com a prefeitura de Nilópolis para a criação do, como era popularmente conhecido, "Lixão de Caxias". Segundo Dalva Lazaroni, o acordo para a concretização do vazadouro foi feito de maneira equivocada e inconstitucional já que as áreas de manguezal são consideradas de proteção permanente pelo Código Florestal Brasileiro. O Incra jamais poderia ter doado terrenos constitucionalmente intocáveis. Para agravar o cenário da futura depredação ecológica, a parte concedida para virar lixão é margeada por dois rios: o Iguaçú e o Sapucaí. Essa proximidade com os rios trouxe outro problema constitucional infringindo a Portaria nº 53 de 1979 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) que proibia o lançamento de lixo em cursos de água e suas cercanias imediatas. Os gestores passaram por cima das duas leis ambientais e não repensaram em abrigar o vazadouro em uma área mais adequada. (IETS, 2001, p,9).

Além disso, no início das operações do novo lixão não existia um órgão fiscalizador que produzisse um estudo de impactos ambientais que os despejos naquela região poderiam acarretar, e para piorar, esse problema coincidiu com uma crise econômica que atingiu o Brasil entre as décadas de 1970 e 1980. Essa conjuntura afetou a atenção política que deveria ser dada ao vazadouro de Jardim Gramacho, neste contexto, a falta de apoio institucional, de recursos financeiros e técnicos aliada à falta de políticas públicas das prefeituras envolvidas tornaram não só a área do lixão, como todo o seu entorno em uma região degradada com sérios problemas socioambientais que foram reverberados até 2012, ano do seu fechamento.

1.3- Mudanças Políticas: Nascimento de um Aterro.

Com o surgimento do vazadouro, o impacto na vida do bairro de Jardim Gramacho foi imediato. Logo em seus primeiros anos de funcionamento inúmeros estabelecimentos comerciais que giravam em torno da reciclagem foram abertos, além

do crescente número de barracos e construções extremamente precárias que começaram a abrigar os primeiros catadores que vinham de outras localidades. O documento produzido pelo IETS indica que relatos de catadores mais antigos apontam que os primeiros trabalhadores a ocuparem o "Lixão de Caxias" eram oriundos de outros vazadouros, como o próximo à Rodovia Washington Luiz, caracterizado como um grande terreno baldio na beira da estrada. O novo lixão era localizado em um bairro residencial onde poderia oferecer melhores espaços de assentamento para catadores que eram de regiões mais afastadas (IETS, 2011,p.9)

Esse foi o primeiro passo para um aumento significativo da população do bairro e conseqüentemente da população catadora. Junto com essa população crescente começaram a ocorrer diversos problemas ambientais e políticos:

"Nestes anos ocorreram rupturas do solo e vazamentos de chorume nas águas da baía e dos rios Iguaçú e Sarapuí e surgiram roedores, aves e insetos nas cercanias. Com o passar do tempo, o aterro passou a receber cada vez mais tipos de lixo de caráter prejudicial ao meio ambiente e à saúde pública, como os resíduos industriais e hospitalares. Enquanto isso, a COMLURB continuava sem os recursos necessários para a operação satisfatória do aterro e não recebia as suas parcelas de pagamento dos municípios da Baixada Fluminense que vazavam seus resíduos em Jardim Gramacho. Estas Prefeituras também não dialogavam ou cooperavam entre si para enfrentar as questões da destinação dos resíduos sólidos urbanos e seus desdobramentos ambientais". (IETS, 2011,p.10)

Os problemas apresentados acima foram se estendendo até o ano de 1996, onde transformações começam a ser pensadas e executadas para o "Lixão de Caxias". Esse espaço que recebia quase a totalidade de resíduos produzidos pela capital fluminense, já que também abrangia os municípios de Duque de Caxias, Nilópolis, Mesquita, São João do Meriti, Belford Roxo e Queimados.¹¹ Essas prefeituras, como visto acima, não cumpriam com sua parte no acordo para auxiliar a manutenção do vazadouro.

Mas não por acaso o período de mudanças políticas em relação ao vazadouro de Jardim Gramacho veio na década de 1990, foi nessa época que começaram a borbulhar discussões sobre o meio ambiente. Certamente o maior incentivador para as mudanças que vamos apresentar tenha sido a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD/UNCED), que ficou popularmente conhecida

¹¹http://www.senado.gov.br/comissoes/cre/ap/AP_20110811_Sebastiao_Santos.pdf (2009)

como ECO-92, cabe ressaltar que a conferência em questão aconteceu na capital fluminense. Dessa forma, o Ministério Público promoveu ações obrigando a Prefeitura do Rio de Janeiro a adotar medidas ambientalmente corretas para o tratamento e destinação final dos seus resíduos. (BASTOS, 2008, p.19) Portanto, quase vinte anos após a criação do lixão, em 1996 a COMLURB e as demais prefeituras da região metropolitana influenciadas pelas discussões promovidas pela ECO-92 e pressionadas por recomendações do Programa de Despoluição da Baía de Guanabara e por diversas atuações da FEEMA, e diante da inviabilidade política e orçamentária, decidiram então realizar a recuperação do vazadouro e de sua operação através de uma licitação pública que concederia estas responsabilidades a uma empresa privada. Este processo nomeou a empresa Queiroz Galvão que investiu cerca de 150 milhões de reais para transformar o "Lixão de Caxias" em um Aterro Controlado. (IETS, 2011.p.10/11)

Além dessa mudança fundamental, a empresa Queiroz Galvão promoveu o tratamento do chorume e do biogás advindos da acumulação dos resíduos e a recuperação da área do manguezal. Nesta nova fase de operação do aterro, começou-se a ter o controle dos caminhões com balanças digitais, ocorreu a implementação de sistemas de drenagem para coletar e tratar as águas pluviais e o chorume, e passou-se a recolher e queimar o biogás (metano) evitando que explosões, que antes eram recorrentes, acontecessem. Revestiu-se o solo de argila orgânica e impermeável, e uma manta protetora para receber o lixo hospitalar, todas essas medidas visando evitar a contaminação das águas fluviais. Ademais, instalaram sistemas de monitoramento da instabilidade do solo, para assim impedir novas rupturas e deslizamentos. (IETS, 2011, p.11). Nesta discussão cabe uma breve colocação a fim de especificar as diferenças entre Lixão, Aterro Controlado e Aterro Sanitário, essas diferenciações serão relevantes para compreendermos a história do AMJG, são elas:

Lixão: Os lixões ou vazadouros são locais onde os resíduos sólidos são despejados a céu aberto sem uma avaliação prévia da área em que a descarga é efetuada, não existindo a preparação do solo e nenhum sistema de tratamento para os líquidos gerados pela decomposição do lixo (o chorume). Este, que por sua vez, contamina a terra e o lençol freático. Nos lixões não existe nenhuma política que evite problemas ambientais e sociais, permitindo o trabalho de pessoas, inclusive crianças nesses espaços, além de não haver separação entre o lixo tóxico e hospitalar do lixo comum, gerando um lugar

extremamente insalubre e passível de contaminação e transmissão de doenças para pessoas e animais.

Aterro Controlado: O aterro controlado é uma fase intermediária entre o lixão e o aterro sanitário. Normalmente se encontra em uma área adjacente ao lixão. No aterro controlado o lixo não fica exposto a céu aberto, periodicamente ele é coberto por argila e grama, ou mesmo terra, e há captação do chorume e do gás. Esse tipo de aterro é preparado para receber resíduos com uma impermeabilização do solo e conta com uma operação para cobrir a pilha de resíduos evitando os impactos negativos que o acúmulo destes pode trazer. Eventualmente no aterro controlado existe uma estação de tratamento para os efluentes do lixo coletado, como no caso de Jardim Gramacho. O aterro controlado apesar de ser mais adequado do que o lixão, não é o modelo ideal de depósito de resíduos. Esse seria o aterro sanitário.

Aterro Sanitário: No aterro sanitário são realizados estudos geológicos e topográficos para a seleção e verificação do solo, o terreno é preparado previamente com o nivelamento de terra e com o selamento da base com argila e mantas de PVC impermeabilizando o solo, impedindo dessa forma que o lençol freático seja contaminado pelo chorume. A partir dos seis primeiros meses de funcionamento os efluentes produzidos são recirculados sobre a massa de lixo aterrada, prática essa que também é realizada no aterro controlado, sendo que no aterro sanitário não ocorre à proliferação de mau cheiro e poluição visual em função dos líquidos serem captados por drenos para o tratamento e os gases liberados durante a sua decomposição por outros drenos. Essa disposição do aterro sanitário visa não causar danos nem perigo ao meio ambiente e à população.

Ainda segundo o relatório do IETS, não foram só questões relacionadas ao aterro que ganharam melhoras com a atuação da empresa privada, houve também significativas mudanças no âmbito social, com a contratação de uma assistente social para a conscientização do trabalho e a importância do uso de equipamentos de proteção individual, tal como botas, capacetes, luvas e máscaras. (IETS, 2011, p.12) Além disso, segundo o relato de ex-catadores, teve início uma política de maior controle na entrada do aterro. Foram realizados cadastramentos de todos os que catavam no vazadouro, menores de dezesseis anos não puderam mais trabalhar, começaram a distribuir coletes

de diferentes cores para distinguir os catadores cooperados: os ligados a depósitos e os catadores que não estavam vinculados a nenhuma dessas duas frentes. Além disso, o lixo hospitalar passou a ser despejado em uma praça própria, onde havia um controle permanente que não permitia o acesso do catador.

A Queiroz Galvão também foi responsável pela criação de um centro de triagem e apoiou, com o intermédio da assistente social, o surgimento da primeira cooperativa de Jardim Gramacho a COOPERGRAMACHO. (IETS, 2011, p.12). Esse foi o princípio de uma organização do ofício que tinha como finalidade fazer migrar o catador do espaço do aterro para dentro da cooperativa. A Queiroz Galvão e a COMLURB em um esforço conjunto investiram na estrutura da COOPERGRAMACHO.

“A COMLURB e a QUEIROZ GALVÃO (...) estabeleceram as condições materiais necessárias para a criação da cooperativa de catadores que laboravam de forma totalmente desorganizada no aterro. Criaram-se instalações tais como vestuários, alojamentos, sede para a cooperativa, bem como foram fornecidos equipamentos necessários para a realização da triagem de materiais recicláveis em esteiras mecânicas, além de equipamentos de proteção individual” (MEIRELLES, GOMES, 2008, p.12)

O aumento significativo no número de catadores no momento em que o "Lixão de Caxias" passa a se transformar em AMJG é impressionante, em menos de uma década, a contar de 1996, o serviço social contabilizou 960 catadores (BASTOS, 2008), quase duplicando em 2004 em que registraram-se cerca de 1.700 catadores (PINTO, 2004). Além da atividade rentável e acessível para qualquer indivíduo que se disponha a atuar nela, principalmente os desempregados, homens e mulheres sem nenhum tipo de capacitação, o número crescente de resíduos sólidos recebido pelo aterro também pode ser uma pista desse aumento significativo de catadores. Em sua última década de funcionamento, o aterro chegou a receber por dia oito mil toneladas de lixo, sendo 240.000¹² toneladas por mês. O material reciclável extraído por esses trabalhadores chegava ao número aproximado de 200 toneladas por dia¹³. É o equivalente a uma produção de resíduos de uma cidade de quatrocentos mil habitantes.¹⁴ Lucio Viana ex-gerente do AMJG afirmou que foram os catadores os agentes responsáveis pela

¹² http://www.senado.gov.br/comissoes/cre/ap/AP_20110811_Sebastiao_Santos.pdf (2009)

¹³idem.

¹⁴Lucio Viana ex-gerente do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho /COMLURB

longevidade desse espaço, que sem essa classe trabalhadora o aterro não conseguiria permanecer ativo e habilitado a receber resíduos por tantos anos.

Ainda no usufruto de números e estatísticas, o AMJG recebia em sua vida útil 80% de todo resíduo sólido produzido na cidade do Rio de Janeiro, e como já dito, de boa parte de sua região metropolitana. Esses dados revelam uma quantidade extraordinária de material que chegava todos os dias, provocando um deslocamento cada vez maior de catadores para trabalhar na *rampa*¹⁵. Também vamos notar, ao longo da parte dedicada a etnografia, que muitos trabalhadores chegaram no AMJG levados por parentes ou amigos, o que nos leva a considerar que a “propaganda boca a boca” do trabalho também é um fator relevante desse aumento que acabamos de observar.

Por fim, quase seis anos depois, em meados de 2001, a Empresa Queiroz Galvão deixa de operar no aterro, assumindo a empresa EBEC, com um contrato de emergência até agosto de 2002, passando a gerência, manutenção e fiscalização para a Empresa S. A. Paulista, que deu continuidade ao trabalho inaugurado pela Queiroz Galvão até o quase encerramento do aterro de Jardim Gramacho que em seus últimos anos passou a ser gerenciada pela Nova Gramacho, empresa essa que extrai hoje a energia do gás metano. (IBASE, 2005)

1.4- A configuração dos espaços dentro do Aterro de Jardim Gramacho

Até o momento, acompanhamos a história do aterro de Jardim Gramacho através de seus dados, números, pesquisas e registros feitos por órgãos oficiais. Contudo, existe uma outra história paralela à essa, a trajetória do aterro contada pelos catadores que lá trabalharam. Narrar como o aterro foi se configurando a partir do que foi apresentado pelos catadores não é tarefa fácil, o mosaico proporcionado pelos personagens gera mais questionamentos do que certezas, as delimitações temporais dentro das transformações vividas ficam imprecisas. Isso se deve em grande medida, pela natureza de nossa matéria prima, a memória, sendo ela extremamente subjetiva e inconstante. Por isso, há muitos pontos contraditórios ou inconsistentes, e essas variações serão mostradas. A intenção é expor como esses catadores dividiram esses espaços dentro do aterro, e como as características geográficas foram influenciando as características do trabalho.

¹⁵Rampa é a forma como os catadores costumam designar o aterro. O termo é comumente usado, logo estará muito presente nesse trabalho. No desenvolvimento do texto vamos perceber melhor as variações existentes dessa expressão.

Quando o ainda lixão surgiu em Jardim Gramacho, os primeiros catadores que apareceram eram chamados de “Lideranças”¹⁶, são eles oriundos da Estação de Triagem do Caju, do Ponto Zero da Washington Luís e da *Rampa* do Xangô, sendo os dois últimos localizados em Duque de Caxias. Essas "Lideranças" tomaram conta do recém-instalado vazadouro e criaram normas para quem quisesse trabalhar lá. Entre elas, a permissão de entrada para os demais catadores somente após às duas da tarde. Segundo Dona Fátima, o melhor material de catar nessa época caía na parte da manhã, depois desse horário ficava a *xepa*, ela conta que catava das duas até às cinco da tarde, fazia um lanche e voltava para trabalhar até as cinco da manhã, horário em que os membros das "Lideranças" chegavam. Sempre que vinha um novato para trabalhar no "Lixão de Caxias", as "Lideranças" pediam uma porcentagem do material coletado, além disso, havia um controle de que material poderia ser catado. Caso alguém da "Liderança" catasse papelão, só quem era autorizado por eles poderia catar esse mesmo material, reduzindo drasticamente a possibilidade de garimpo do catador recém-chegado.

Havia também, segundo Dona Fátima, abuso sexual com as mulheres, as catadoras bonitas e jovens recebiam permissão para trabalhar mediante a ter relações com os catadores das "Lideranças", e a COMLURB, na época, parecia fazer "vista grossa" com os ocorridos.

Nossa primeira personagem¹⁷ não revela por quanto tempo as "Lideranças" ocuparam o aterro, provavelmente saíram logo depois da consolidação do trabalho da Queiroz Galvão. Dona Fátima conta que se acidentou no trabalho e ficou um bom tempo sem catar, mas não soube precisar quanto, e ao retornar ela afirmou que as coisas já haviam melhorado com o surgimento das cooperativas, que os catadores usavam coletes ligados aos depósitos e que havia caminhões para fazer o transporte não só dos trabalhadores como também do material colhido.

¹⁶Cabe ressaltar que serão denominadas como Lideranças nesse trabalho dois grupos diferentes, o primeiro aqui apresentado serão esses catadores que tomaram conta e se apropriaram do direito de catar no lixão de Jardim Gramacho, a designação para esse grupo foi dada pelos próprios catadores. O segundo grupo se trata de ex-catadores que passaram a presidir cooperativas e associações, pessoas que se envolveram na política do bairro em busca de melhores condições de trabalho para os catadores de materiais recicláveis do AMJG. Quando me referir ao primeiro grupo me utilizarei de *aspas*, para sinalizar a diferença entre os dois.

¹⁷Na parte dedicada a etnografia conheceremos os personagens aqui apresentados mais profundamente, e por ora me utilizo de algumas de suas falas para desenhar o aterro de Jardim Gramacho sobre a perspectiva dos catadores.

Em outras falas de catadores antigos como Dona Ângela, também não fica claro como ocorreu esse momento de transição. Há inclusive controvérsias sobre quem seriam essas "Lideranças". Docinho conta que as "Lideranças" eram pessoas que dominavam a *rampa* chamada Particular e que só lá exerciam autoridade e não em todo o espaço do lixão. Para compreendermos melhor essas contradições, é preciso mapear como o espaço era dividido. Aqui haverá então um entendimento pleno da expressão "*rampa*".

O até então "Lixão de Caxias" era dividido em três *rampas*, ou seja, lugares onde lixos determinados caíam, eram elas Serragem, Urubu e Particular.

A Serragem era a *rampa* menos disputada, onde caía o lixo da Baixada Fluminense, que segundo os próprios catadores, era o lixo pobre. Na Serragem geralmente catavam senhoras de idade ou novatos, trabalhadores que não catavam em ritmo tão veloz, por ser tratar de uma *rampa* pouco competitiva. Era aqui que Dona Fátima trabalhava, dizia ser mais tranquilo, divertido por ser uma *rampa* não muito disputada pelos catadores.

Urubu era a *rampa* mais desejada, ali caía o lixo vindo do Rio de Janeiro, reconhecido pelos catadores como o lixo rico. Era nessa *rampa* que se encontrava a maioria dos trabalhadores, onde a competição para colher o material era intensa, e o trânsito de veículos era em sua maioria de grandes caminhões que despejavam uma imensa quantidade de resíduos. Diferentemente da Serragem onde a maioria dos veículos que circulavam eram *BA's*.¹⁸

Por fim a Particular, que nos leva à mais uma complexidade do campo. A controvérsia é que alguns catadores dizem que ela recebia esse nome justamente por pertencer as tais "Lideranças", e outros afirmam que se chamava dessa forma porque ali só era despejado o *lixo extraordinário*¹⁹. Segundo os catadores, tratava-se de uma boa *rampa* para conseguir comida, pois ela vinha embalada e poucas vezes fora da validade.

Para problematizar ainda mais esse espaço, me utilizo de um trecho do relatório do IETS na parte dedicada à história do aterro:

" A recuperação do aterro significou, além de medidas ambientais e remediações técnicas, uma reestruturação do seu funcionamento interno. Ao longo do período em que era um lixão, foi feito um loteamento por funcionários da

¹⁸Apelido dado às pequenas carretas de limpeza urbana que por carregarem menos lixo, tinham os despejamentos considerados como não tão perigosos.

¹⁹Lixo extraordinário é todo lixo produzido em grandes quantidades, como supermercados, grandes condomínios, grandes empresas, fábricas, etc.

COMLURB de espaços dentro do aterro que recebiam o lixo dos caminhões. Estas áreas, genericamente denominadas “*rampas*”, passaram a ter donos que, por sua vez, eram responsáveis pelo pagamento dos caminhões, tratores e catadores que transitavam e trabalhavam em seus lotes. A reforma do aterro, no entanto, gradualmente desfez este arranjo, dando fim às *rampas* e retomando estes espaços e as funções de seus “donos” para a empresa concessionária.” (IETS, 2011,p.12)

É difícil concluir com clareza quem eram essas "Lideranças", aonde de fato atuavam, se eram legitimadas pela COMLURB ou apenas um grupo de catadores que se apoderou de algum espaço controlando a entrada e a coleta de material. As informações exibidas até então provocam mais questionamentos do que uma delimitação exata do que acontecia no aterro antes da chegada da Queiroz Galvão. A licitação parece ser uma unanimidade em termos de melhoria e organização de trabalho. Apesar de muitos catadores com quem conversei não atribuírem esses avanços a empresa em si, alguns alegavam que era uma medida do governo César Maia, outros atribuíam ao gerente do aterro, e até o próprio Lúcio Viana disse que os avanços vieram com sua gestão, como a retirada do trabalho infantil no aterro. Glória, responsável pela parte financeira da ACAMJG, discorda radicalmente e diz que Lúcio não foi atuante no aterro, assim como o mesmo não legitima a política feita pela associação.

Com isso, além da arena de disputas políticas que são travadas em Jardim Gramacho, a percepção de onde vieram as melhorias acaba sendo regida, muitas das vezes, por questões pessoais para um grupo determinado de catadores, enquanto a maioria dos trabalhadores demonstra pelas suas falas uma inconsistência sobre como os espaços foram se formando e modificando ao longo do tempo. Dona Ângela, catadora desde o início do aterro, conta que a Particular foi uma *rampa* originada da Urubu, foi um grupo de catadores que fizeram essa demarcação e por isso a nomearam de Particular, da qual a entrada só era permitida por eles.

Como percebido até então, a entrada da empresa Queiroz Galvão foi um marco para a história do “Lixão de Caxias” que então virou Aterro Metropolitano. É nesse período também que a organização do espaço do AMJG vai mudar. Por ter um controle mais rígido e uma preocupação maior com a segurança do trabalho, essas "Lideranças" deixam de existir, e os catadores mais novos com quem tive a oportunidade de conversar, afirmam que não conheceram esse grupo, alguns já haviam ouvido falar mas não sabiam precisar quem eram. É mais ou menos nos anos 2000, que a Urubu vira

Rampão e a Serragem vira BA (por conta do nome da carreta) ou Rampinha e não há mais a Particular, sendo ela integrada ao Rampão (antiga Urubu). As características das duas permanecem iguais, Rampão, abastecida por carretas maiores, lixo do Rio de Janeiro, Rampinha ou BA com o lixo da Baixada Fluminense.

Assim como contou Dona Fátima, é um consenso entre os catadores o perfil de quem trabalha em cada *rampa*. Para trabalhar no Rampão é preciso ser muito forte, rápido e eficiente, fora que se trata de um lugar onde há muita disputa e por isso muita briga, porém a Rampinha também apresenta as suas dificuldades, apesar de a concorrência ser menor e haver muitos novatos e pessoas de idade mais avançada, o que permitia um trabalho de coleta não tão agressivo, o dinheiro que se conseguia era menor, e o lixo vinha com muita lavagem, o que dificultava a separação do material e a locomoção pelo espaço.

Essa configuração de Rampão e Rampinha seguiu até o fechamento do aterro. Em seu último ano de funcionamento, em 2011, já não era mais despejado o material do Rio de Janeiro, restando para o AMJG apenas o "lixo pobre" da Baixada Fluminense.

Com esse breve panorama, conseguimos ter uma noção da história desse aterro, as motivações para o seu surgimento, as implicações políticas, econômicas, ambientais e sociais.

É do aterro de Jardim Gramacho que saíram lideranças que ganharam projeção nacional levando a discussão do trabalho do catador para espaços nunca antes conquistados. Ademais, vamos compreender como esse fato interferiu diretamente no impacto do encerramento. O que a Rampa significava? E o que o fim dela trouxe? A partir dessas duas perguntas, conheceremos histórias, construções políticas, fortalecimento da categoria, a dor e a esperança oriundas desse momento tão marcante e crucial para a vida desses catadores.

Capítulo 2 - Memórias da *Rampa*.

A revista *Carta Capital*, publicada em 26 de setembro de 2007, sob o título: *Reféns do lixo*:

"Entre os homens que se disfarçam de ratos e extraem do aterro a sobrevivência há histórias de vida inimagináveis para quem não conhece o lixo. Nossa pesquisa qualitativa identificou desde analfabetos até quem cata lixo à noite e faz faculdade particular de dia. Engana-se quem pensa que o catador ganha pouco, revela Honorato, que detectou renda média em torno de 2 mil reais." (BASTOS, 2008, p.82/83)

Em um estudo sobre o discurso dos catadores e sobre eles, Del Carmen Daher, a partir de uma notícia de jornal percebe a invisibilidade desses profissionais:

"Dois homens e uma mulher morreram soterrados por 21 toneladas de lixo de uma carreta na noite de terça-feira, enquanto catavam alimentos no Aterro de Jardim Gramacho, na periferia de Duque de Caxias... (Lixo desaba e mata três. *JB online*, 17 de junho de 2004) A imagem do indivíduo que vai ao aterro para catar alimentos, em meio ao lixo, atribui estatuto de alimento ao lixo, assim como apaga a condição de trabalhador. Caracterizado a partir de um plano diferenciado do da imagem do indivíduo que cata materiais comercializáveis para extrair deles a sua fonte de renda, é referido a partir de outras condições sociais. É preciso dimensionar atentamente o valor instituído em cada um desses comportamentos no processo de qualificação do catador como trabalhador. Ainda que os dois não sejam excludentes." (DAHER, 2011, p.11)

Com essas duas reportagens usadas como fonte em dois trabalhos acadêmicos distintos, indicamos como abordagens diferentes podem mostrar como é o catador e o seu trabalho. De um lado, a mídia que trata esse trabalhador como alguém que busca melhor escolaridade e que pode ter uma boa renda, do outro, pessoas sem identidade. Como sublinha Daher, os sujeitos da notícia não são reconhecidos como trabalhadores e o fato de catar no lixo não é entendido como um ofício pela mídia. Na segunda parte desse trabalho, trataremos mais a fundo a questão da imprensa em Jardim Gramacho,

problematizando as abordagens. Por ora, me utilizo dessas reportagens para trazer a complexidade do universo dos catadores.

Quando se fala de *catador*, seja na mídia, no campo das artes e até mesmo na academia, é mais comum uma abordagem que pensa a extrema pobreza que leva à marginalidade e com isso ao esquecimento e à invisibilidade social.

A escolha de mostrar as duas reportagens supracitadas, revela disparidades de interpretações sobre esses trabalhadores, pois elas resumem de certa maneira o que foi visto em campo. Pude conhecer trajetórias de sucesso dentro e fora da *rampa*, de pessoas que souberem criar novas alternativas já mirando seu encerramento, e outras que ainda vivem na condição de miserabilidade. Trata-se de um quadro complexo que nos revela que a figura do catador ainda é muito estigmatizada.

Para compreender um pouco melhor a estigmatização e conseqüentemente a marginalização vivida pelo catador de material reciclável, lanço mão da leitura de Erving Goffman, ao pensar o estigma:

"(...) atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso. Por exemplo, alguns cargos na América obrigam os seus ocupantes que não tenham a educação universitária esperada a esconderem isso; outros cargos, entretanto, podem levar os que os ocupam e que possuem uma educação superior a manter isso em segredo para não serem considerados fracassados ou estranhos" (GOFFMAN, 1988, p.13)

No trecho selecionado, Goffman destaca que o estigma não necessariamente tem um juízo de valor, mas ao tratarmos a realidade do catador, pensando em todos os elementos que rodeiam seu trabalho, tais como: lixo, restos, sujeira e desemprego. É evidente que o estigma atribuído a esses trabalhadores tem um cunho negativo. É muito comum histórias de catadores que relatam apelidos como: "xepeiros" remetendo a "xepa" ou seja o que sobra, assim como também como: "rampeiros" fazendo alusão ao lugar de trabalho, a *rampa*.

Essas pessoas são taxadas pelo seu trabalho, ganhando alcunhas pejorativas. Além disso, é comum filhos de catadores ouvirem na escola que são "filhos da lixeira".

Como se o lixo e quem trabalha com ele fossem a mesma coisa. Frente a isso, Goffman acrescenta: "Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica sem pensar no seu significado original" (GOFFMAN, 1988, p. 15).

Ao longo dos trinta e seis anos de existência do AMJG os termos "rampeira" e "xepeira" se tornaram recorrentes na fala da população, e assim como aponta Goffman, sem a devida reflexão sobre o conteúdo excludente e preconceituoso que há nesses apelidos. Ademais, não é só com o lixo que são relacionados os catadores, há estigmas como: bêbados, vagabundos, desempregados e loucos.

Não por acaso, o termo "catador de material reciclável" teve uma boa adesão entre esses profissionais, é como coloca Tião, no anúncio da Coca-Cola, que vamos comentar mais a frente, ele diz: "quando você se vê enquanto *catador de lixo* você se vê como lixo, quando você se vê como um catador de material reciclável, você sabe que você é um profissional, que você tem valor."

Com isso, para entender o bairro, os catadores e todas as transformações políticas que foram engendradas nos anos antes do encerramento do aterro, precisamos tirar o catador dessa estigmatização, e entender que apesar de existir nessa ocupação alcoolismo, miserabilidade, precariedade do trabalho, a velha imagem do catador como um ser excluído está tendo sua feição mudada.

A primeira vez que fui à Jardim Gramacho, em cinco de setembro de 2011, foi para visitar à ACAMJG (Associação de Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho). Já tinha trocado e-mails com Glória e combinado de conhecê-la. Ao chegar me deparei com uma vasta rua sem placa, à esquerda da Washington Luís, onde não havia nenhum estabelecimento comercial ou área residencial. Também não havia ninguém na rua. Fiquei sem saber aonde era o meu encontro. Procurei por alguém que pudesse me ajudar. Deparei-me então com um segurança do *Feirão das Malhas*²⁰. Perguntei a ele se conhecia a ACAMJG e onde ficava. Ele disse que não sabia que lugar era esse. Tentando me expressar melhor, disse que procurava por uma associação de catadores. O segurança rapidamente mudou o semblante como para o de quem sabia o que eu estava falando agora, e disse: "Sei sim, dos catadores, apareceu até na televisão, né?" e me indicou o caminho.

²⁰*Feirão das Malhas* é uma espécie de grande armazém onde funciona uma série de estandes de lojas de roupa. Este feirão só funciona em certos dias da semana. Ele é o ponto de referência para se chegar na ACAMJG.

Essa breve historietta aponta como Jardim Gramacho estava no foco da mídia. A "televisão", que o segurança do *Feirão das Malhas* se referia, era o anúncio da Coca-Cola²¹ que havia sido recentemente gravado no espaço da ACAMJG. Nesse primeiro contato havia percebido como a profissão estava alcançando uma outra legitimidade. Aquele segurança conhecia a Associação não porque trabalhava perto, mas sim porque havia visto na televisão ou porque viu um comercial sendo gravado ali. Fiquei feliz com isso, otimista pelos catadores e por esse trabalho que ainda não conhecia direito.

Ao chegar na ACAMJG fui recepcionada por Glória, que é oficialmente diretora financeira da Associação, apesar de atuar também em outras frentes dentro dela. Ela se mostrou muito simpática e disponível. Disse que no começo das suas reivindicações políticas, os estudantes, que passaram pela associação a fim de realizar suas pesquisas, a apoiaram, sempre ajudaram os catadores e isso foi fundamental. Por isso há uma gratidão, os pesquisadores que vão à ACAMJG são sempre bem-vindos. Senti-me acolhida e tudo parecia ser um mundo novo e fascinante.

Glória foi minha principal interlocutora em mais de um ano de campo. Sua visão de Jardim Gramacho e da catação foi fundamental para que eu pudesse entender sua lógica e seus problemas. Conheci Glória no ano de 2011. A ACAMJG existe desde 2004, ou seja, ao longo desses sete anos nossa personagem já estava afastada da *rampa*. O olhar de Glória já tinha um certo distanciamento do trabalho da catação e sua visão era extremamente crítica às condições desse trabalho.

Logo em nossa primeira conversa, quando meu interesse era ainda o de entender os impactos da produção audiovisual em Jardim Gramacho, perguntei o que ela achava dos filmes *Estamira* (Marcus Pardo, 2004) e *Lixo Extraordinário* (Lucy Walker, 2010). Ela respondeu:

“Estamira não tive vontade de ver, não gostava dela, ela era maluca. Quando éramos crianças, na *rampa*, a gente chamava ela de Jesus. Ela odiava ouvir esse nome e com isso jogava pedra na gente. Nenhuma criança gostava dela. Não sei por que fizeram um filme dela, todo mundo acha que catador ou é bêbado ou é maluco, ela só reforça essa ideia.” E seguiu: “Por isso que não fez sucesso, ninguém quis ver esse filme, o *Lixo Extraordinário* fez muito mais sucesso porque meu irmão é mais bonito.”

²¹"Cada garrafa tem uma história" - http://www.youtube.com/watch?v=qUvI_BsmLBM

Foi dessa forma então que descobri que Tião, o catador central do documentário de Lucy Walker, era irmão de Glória. Ainda assim, ela considerou o documentário um tanto forçado em alguns aspectos, mas afirmou que o dilema entre dignidade e fracasso em trabalhar no lixo permeia a vida de todo catador, inclusive a dela própria quando atuava no aterro. Esse discurso mais que recorrente sobre: "eu poderia estar matando, poderia estar me prostituindo, mas estou trabalhando" que é mostrado no filme é, segundo Glória, uma forma de amenizar a marginalização de ser catador. Para ela, só existem quatro trabalhos piores: traficante, ladrão, assassino e prostituta. Nesse momento, eu indago sobre a profissão assassino, ela prontamente responde: "Em alguns lugares do Brasil você ganha para matar." Aproveitou para dizer que não tem problema nenhum com a prostituição, e em um discurso libertário Glória afirma que cada um sabe de suas próprias necessidades e conhece seus próprios limites. Para ratificar sua fala disse que tinha algumas amigas na *Daspu*²².

Em meus diálogos com Glória percebi que sua visão sobre o catador é muito realista. Ela não acredita que a catação pode ser opção. Em sua concepção, trabalhar no lixo é a condição limite para se ter uma ocupação honesta. Ela afirma: "Ninguém quer fazer isso, faz porque precisa."

Logo no meu primeiro dia de campo, havia conhecido uma mulher de personalidade forte e opiniões bem formadas. Ao longo dos meses de convivência, percebi que a visão de Glória sobre o AMJG e o trabalho da catação influenciou de maneira direta a minha forma de ver aquele lugar.

Glória e Tião são duas figuras muito politizadas. Esse tino não veio do nada. Filhos de um pai sindicalista e de uma mãe que era filha de um líder sindical dos estivadores em Pernambuco, Glória conta que sempre se discutiu política em família, até para pedir um favor precisava utilizar argumentos. No entanto, seu pai ficou sem emprego e a situação começou a piorar em casa. Sua mãe, que nunca havia trabalhado, foi levada por uma vizinha para Jardim Gramacho. A partir daí, os oito filhos foram chegando aos poucos, do mais velho ao mais novo.

Glória afirma que no começo não era fácil. Ela levava comida para sua mãe e com o tempo foi começando a catar. Tinha cerca de onze anos. Alega que era muito agitada e encrenqueira e por isso sua mãe preferia tê-la por perto. Considerava mais seguro. Nesse começo, a invisibilidade social e o estigma eram muito grandes, não só

²²*Daspu* é uma marca de roupas, abreviação de Das Putas criada pela ONG Davida que luta pelos direitos das prostitutas.

por parte das pessoas de fora do aterro, como também por parte de quem trabalhava por lá: os donos de depósito, os sucateiros, os funcionários da COMLURB, ninguém tratava os catadores com respeito. Jussara, sua mãe, nunca admitiu essa condição. Foi a primeira a falar na televisão, mostrando que aquele era um trabalho honesto e que ela não tinha vergonha em realizá-lo. Glória hoje considera a atitude da mãe muito valorosa, mas na época foi um "perrengue" na escola porque era chamada de *filha da lixeira*, *xepeira*, entre outros nomes. "Na época o preconceito era muito grande, as pessoas não entendiam a importância desse trabalho."

Foi com essa iniciativa, tomada por sua mãe, que a vida da família Santos estava prestes a ganhar novos rumos. Jussara começou a articular politicamente os catadores. Quase todos os filhos enveredaram por esse caminho, Nilson e Cláudia, os mais velhos, e Claudeci, a caçula, trabalham de alguma maneira na ACAMJG mas ao que pude perceber os mais ativos e articulados são de fato Glória e Tião.

Enquanto Tião é responsável por assuntos externos, aproveitando também sua notoriedade conquistada depois do filme com Vik Muniz, da qual trataremos melhor mais a frente, Glória me pareceu ser a engrenagem principal da Associação, coordenando caminhões, falando com donos de depósito, articulando parceiros, motoristas, catadores, organizando eventos, oficinas e doações. Ela está todos os dias na ACAMJG e todas as questões que surgem são direcionadas para ela.

Glória tem uma trajetória política própria. Faz parte de uma série de movimentos sociais além do dos catadores, como o movimento negro e o das mulheres. Foi filiada ao Partido dos Trabalhadores, do qual se desligou recentemente. Glória gosta de conversar sobre o assunto e tem opiniões interessantes, mostrando-se sempre muito bem informada, em especial sobre as questões acerca dos catadores, como sempre frisa, sua luta principal. Em seu discurso sobre o aterro, é perceptível como suas militâncias atuam em complementaridade. Por exemplo, quando pergunto sobre preconceito entre os próprios catadores, ela me responde que Jardim Gramacho já é marginalizado demais e que não há espaço para outras discriminações, por isso gays, "macumbeiros", ex-presidiários, e usuários de drogas convivem bem na *rampa*, mas faz uma ressalva quanto às mulheres. Diz que há muito machismo na catação. Além disso, quando conversávamos sobre o movimento negro, Glória sempre me pedia para dar uma olhada na Associação e em tom de brincadeira me perguntava "Vê se tem um branco por aí?"

Em meu terceiro ou quarto dia de campo, conheci Dona Fátima, uma senhorinha muito simpática que é tia de Glória e também trabalha na ACAMJG cuidando da limpeza e demais pequenos serviços. Dona Fátima corrobora em vários aspectos com a visão de Glória, dizendo que não gostava de catar. Ia porque não tinha escolha frente ao desemprego, mas que, ainda assim, era melhor do que trabalhar em casa de família.

Dona Fátima chegou no ainda "Lixão de Caxias", nos idos de 1990, levada pela irmã Jussara. Assim como a trajetória da maioria dos catadores que conheci, nossa personagem perdeu o emprego e sem muita perspectiva foi auxiliada por um parente que conhecia a *rampa* e sua promessa de bons ganhos. Mas a tia de Glória não gostava do ofício, pois o considerava muito perigoso. Dizia que na sua época, não havia os caminhões que ajudavam os catadores a transportar o material coletado, por isso tinham que subir com um *burrinho sem rabo*²³ por entre o mangue até o alto da *rampa* e desciam com o peso da catação do dia. Quando chovia, a água ia até a altura do joelho, dificultando muito a locomoção. Dona Fátima também recorda das explosões que aconteciam e o quanto era difícil trabalhar à noite por não haver iluminação no aterro.

Ela descreve como os catadores da sua época faziam uma lanterna artesanal, com uma lata do tipo de leite em pó, em que cortavam um quadrado em um dos lados e colocavam uma vela, mas não era muito eficiente. Com o passar do tempo, os catadores começaram a usar lanternas na cabeça, que toda birosca aos pés do aterro vendia. O problema era sempre ter que comprar pilhas. Claudéci também rememora essa catação noturna, descrevendo a *rampa* nesse horário como a "visão do inferno", um lugar imenso, totalmente escuro e com várias explosões acontecendo²⁴. Todos esses aspectos foram enumerados para dizer que quando as cooperativas surgiram Dona Fátima ficou muito contente e não pensou duas vezes em realizar a mudança. Trabalhou um total de cinco anos no aterro.

Mas não há só memórias ruins, ela nos conta das maravilhas do lixo da Varig, lembrança essa compartilhada por muitos catadores. Havia os talheres de alumínio, os doces que vinham bem embalados e frescos, além das garrafas de champanhe que chegavam intactas. Quando o lixo da Varig caía no aterro, era uma verdadeira festa. Glória brinca que ficava admirada com o lixo da companhia de aviação e lembra da

²³ Carreta de duas rodas que se puxa manualmente.

²⁴Essas explosões que são descritas acima ocorriam nessa época pois ainda não se tratava de um aterro controlado e sim de um lixão, por isso o gás metano produzido pela decomposição de resíduos orgânicos não era canalizado. O gás metano é extremamente inflamável quando em contato com o ar, justificando as explosões frequentes.

decepção que foi sua primeira viagem de avião com as barras de cereal e o suco de caixinha. Sentiu-se em um ônibus.

Outra lembrança boa da *rampa* era o mangue ainda vivo. Dona Fátima conta que alguns colegas pescavam e catavam caranguejo, era uma forma de ganhar um dinheiro extra, e conta também que no caminho que fazia para chegar à *rampa* havia muitas abóboras e melancias, e sempre que podia levava algumas para casa. Glória lembra junto à tia que quando chegou com sua mãe em Jardim Gramacho, as crianças brincavam nas águas do rio que havia ali perto, "era tudo limpo e a gente se divertia muito".

Contradizendo um pouco a visão de Glória e Fátima, Dona Ângela, também conhecida por muitos como *Velha*, compartilha as memórias doces da *rampa*, mas ao contrário das duas afirma que adorava trabalhar lá. Dona Ângela chegou no aterro bem no seu início, quando ainda havia poucos catadores, e segundo ela, não mais do que trinta. Trabalhava em Botafogo como passadeira em uma tinturaria de carteira assinada e ao perder o emprego foi levada para Jardim Gramacho. Ela nos conta que esse trabalho sempre lhe fez bem, que conquistou muito amigos e só tem coisas boas para contar desse lugar, do qual hoje sente muita falta.

Dona Ângela catou por trinta anos e afirma que ganhava mais na *rampa* do que nos outros empregos que teve. Disse que foi a necessidade que a levou ao lixo, mas foi lá que conseguiu montar sua casa, o que os salários anteriores não permitiam, e acrescenta: "Você, quando trabalha na casa de alguém ou em algum lugar, gasta o seu dinheiro com condução, roupa, almoço e aqui em Jardim Gramacho além de ganhar mais, você não precisa gastar com essas coisas". Apesar de encontrar no começo muitas dificuldades, Dona Ângela se entregou a esse trabalho, revelando ser a única coisa que sabe fazer. Ela passou por dois acidentes graves. Em um deles, a carreta despejou o lixo em cima dela, quase matando-a soterrada. No outro, ela caiu de um monte formado por resíduos de quase cinco metros de altura. Velha lembra que os companheiros a ajudaram muito e foram fundamentais para que hoje esteja viva. Ela nos conta essa história em meio a risadas. Apesar de ter tido algumas fraturas com o último acidente, duas semanas depois já estava na *rampa* novamente. Seus colegas ficaram muito impressionados com sua rápida recuperação e a apelidaram, carinhosamente de *tapuru da rampa*²⁵. Afirma que é um trabalho muito perigoso e que já viu muitos amigos morrerem, mas considera

²⁵Tapuru é um tipo de larva que surge em elementos orgânicos em estado de putrefação.

lidar com a iminência de um acidente com carretas, grandes tratores e montanhas de lixo que podem desabar como o único lado negativo da catação.

Dona Ângela, depois de ficar “sumida” por um tempo, é indagada por mim se tinha acontecido alguma coisa e ela me responde: "Fiquei doente por falta de trabalho. O tempo que fiquei afastada me fez ter problemas que eu nunca tinha tido antes, como dor nas juntas e diabetes". Hoje, Dona Ângela atua na COOPERCAMJG como cooperada, e diz que tem muita gratidão pela família Santos. É a amiga de longa data de Jussara e todos eles a ajudaram demais.

Hélio, um jovem de 22 anos e que cata há 12 anos, está há um ano e meio na ACAMJG. Apesar de muito jovem, mostrou-se bem pessimista. Diz que não gosta do trabalho e se esforçou muito para encontrar o lado bom de ser catador. Ele afirma que a *rampa* é um lugar muito ruim, muito pesado. Ele não quer continuar nesse trabalho. Tentou prova para carteira de motorista de ônibus, mas foi reprovado, passando só na de moto. Tem a pretensão de ser motoboy. Também me contou que está montando um lava-jato e que quer ter uma barraquinha de açáí. Hélio disse que em sua família ninguém gosta de trabalhar com carteira assinada. Seu pai era camelô, mas era um homem acomodado. Já Hélio se apresenta como alguém que tem ambição, e por isso a vida no lixo não é para ele. Só está na catação porque é possível ter uma boa renda e espera pelo “dinheiro da indenização” para realizar seus planos. Conheci Hélio em dezembro de 2011 e os catadores já contavam com a indenização. Nessa época ainda se especulava um valor em torno de dez mil reais. Segundo Hélio, ninguém está muito interessado em fazer política, fortalecer a categoria ou lutar pelos direitos dos catadores. Ninguém vai às reuniões e assembleias que são organizadas pela ACAMJG e demais Cooperativas. O que querem mesmo é o dinheiro da indenização para começar uma nova vida.

Ao longo de um período de quase sete meses, frequentei com assiduidade a ACAMJG. Como me afirmava Glória sobre a Associação, a maioria dos catadores tinha segundo grau completo e alguns trabalhavam para pagar a faculdade e que ninguém tinha vergonha de trabalhar com lixo. Naturalizei os discursos da Associação, simplifiquei os problemas da catação a partir de uma única visão e para mim até aquele momento, o mundo de Jardim Gramacho se resumia à ACAMJG.

Foi em abril que aconteceu a primeira reviravolta em minha pesquisa. Já havia adiado por muito tempo minha visita ao aterro, que naquele momento funcionava parcialmente. Ao ver que uma considerável porcentagem dos resíduos do Rio de Janeiro estava sendo levada para Seropédica, fui percebendo que o encerramento do aterro era de fato iminente. A descrença nesse fechamento, compartilhada pela maioria dos catadores, me contaminou. Assim como eles, eu também não mais acreditava. Ao ver que esse anúncio era feito desde 2004 e que já estávamos em 2012, achei que, como nossos processos políticos são lentos, a tendência era que se levasse ainda mais tempo para que o fim chegasse. Enganei-me. Com isso, ao fazer minha primeira visita ao AMJG, o número de catadores já era bem menor, assim como a quantidade de resíduos despejados.

Os aterros geralmente estão abertos à visitação. Basta marcar uma hora com a instituição responsável. Pois bem, assim foi feito. Ao chegar, fui conduzida a uma sala pelo Adílson, responsável pela área de comunicação da COMLURB, onde estava Lúcio Viana, gerente do aterro há quatorze anos. Expliquei um pouco do meu trabalho e disse que já visitava a ACAMJG há cerca de sete meses. Ao falar isso, os dois começaram a desenvolver duras críticas à Associação e a destituir qualquer credibilidade, tanto sobre o Tião quanto sobre a Glória. Ouvi ofensas que soaram um tanto pessoais. Como até então a ACAMJG era meu principal contato, fiquei um pouco impressionada com o que escutei. Lúcio não me deixou gravar o que falava, por isso ficou bem à vontade em dizer o que pensava. Ele afirmou que Tião não soube aproveitar a oportunidade que teve com o filme *Lixo Extraordinário* e que tinha tudo para ser um grande líder em Jardim Gramacho. Agia, porém, de forma egoísta e não representava os catadores. Afirmou que ele nunca catou e debochou de sua imagem de "garoto Coca-Cola".

Ainda um pouco atordoada com aquele bombardeio de opiniões negativas sobre a ACAMJG e seus representantes, percebi, em cerca de dez minutos de conversa, que as questões políticas entre catadores e gestores públicos eram um pouco mais problemáticas do que havia imaginado.

Meu horário para conhecer o aterro estava marcado para às dez da manhã, junto com uma equipe de filmagem de uma televisão evangélica chamada "Nova Canção". Contudo, pelo rumo da nossa conversa e pelas informações que mostrei ter sobre o universo de Jardim Gramacho, Adílson e Lúcio perguntaram se eu conhecia Docinho. Respondi que não. Lúcio mostrou certa indignação por estar tanto tempo frequentando o bairro e nunca ter ouvido falar dela. Nesse momento, Adílson se referiu a Docinho

como uma "liderança do bem", e disse que eu deveria conhecer o seu trabalho. Lúcio disse que eles viram em Docinho uma alternativa ao trabalho feito por Tião, os funcionários da COMLURB. Então sugeriram passar meu horário para a tarde e aproveitar a manhã para conhecer a tal "liderança do bem".

Foi assim que conheci Docinho. O primeiro contato de uma longa relação em meu trabalho de campo. Ela foi extremamente simpática, me mostrou todo o espaço administrativo do aterro e explicou como as coisas funcionavam. Na época, já havia uma sala da Caixa Econômica Federal que estava cadastrando os catadores para receberem uma espécie de auxílio desemprego. Era o começo de uma estruturação para assegurar os futuros ex-catadores de Jardim Gramacho.

Mas antes de conhecermos melhor *Docinho*, descrevo minha primeira e única visita ao aterro de Jardim Gramacho. Ao ter meu horário trocado para a tarde, subi na companhia da equipe de reportagem do jornal francês *Le Monde*. Ao contrário dos meus companheiros de subida, não me impressionei com o que vi. Talvez porque àquela altura da minha pesquisa já havia visto e revisto filmes que tratam da catação como *Boca de Lixo* (Eduardo Coutinho, 1993), *Estamira* (Marcus Prado, 2004) e *Lixo Extraordinário*, além de ter frequentado com assiduidade cooperativas que são uma espécie de pequenas *rampas* mais organizadas.

Não foi o aterro ou o trabalho no lixo que me impressionou, mas sim a beleza daquele lugar. Localizado em um ponto alto aos pés da Baía de Guanabara, de lá, era possível ver todo o Rio de Janeiro: o Pão de Açúcar, o Cristo, todos os prédios da cidade, além de se ver também a Serra dos Órgãos e outras tantas cadeias de montanha contornadas por um verde profundo separado apenas pelas águas tranquilas da baía. Fiquei realmente admirada com o contraste entre o lixo e a beleza natural. Então ao olhar para um míngua número de catadores trabalhando sobre modestas pilhas de lixo, fiquei sem saber o que fazer. Não sabia como me aproximar, quem abordar e o que falar. Olhava ao redor extremamente perdida só reparando como eles trabalhavam.

Adílson e Lúcio, que subiram também, comentaram comigo que o ritmo não era mais o mesmo e não se podia nem comparar. As pilhas de lixo, em um passado recente, eram verdadeiras montanhas, e as carretas, as quais eu vi chegando no máximo umas cinco, subiam em maior número e conseqüentemente a quantidade de catadores também era bem mais expressiva. Eles me contaram que o que eu estava vendo era o fim daquele lugar. As pessoas que ali estavam eram insistentes, pois muitos já haviam

desistindo, por ser tão pouco o *material que caía*²⁶. Agora nem valia a pena ir para a *rampa* catá-lo.

Meu acanhamento inicial felizmente não durou muito. Logo subi um pequeno morro composto de lixo e passei por entre lonas de material coletado, encontrando um grupo muito simpático que descansava do trabalho. Eles estavam muito animados e me receberam com entusiasmo, mas não mostraram o mesmo sentimento quando disse que já conhecia o pessoal da ACAMJG. O que eu achava que seria uma chave para abrir portas na minha comunicação com catadores se revelou quase como um empecilho. Fui percebendo que as pessoas não viam com bons olhos a associação de Tião e as demais cooperativas, e entenderemos os motivos da descrença nessas instituições mais à frente.

Na minha breve visita ao aterro pude confirmar o clima de alegria e descontração como narrado pelos catadores que havia conhecido até então. Além do bom humor do grupo com quem conversei, percebi no entorno a mesma atmosfera: pessoas gritavam umas com as outras, por conta das distâncias e dos barulhos das máquinas, em tom de gozação, achavam objetos divertidos ou inusitados no lixo e brincavam com eles ou aproveitavam-no para caçoar de algum colega. No grupo com que me sentei havia três mulheres, sendo uma mais idosa, chamada Ana, e um rapaz que todos chamavam de *Macumbeiro*.

No decorrer de nossa conversa sobre o aterro, perguntei a Macumbeiro, Ana e Valéria se eles gostavam do que faziam, e os três responderam positivamente. Ana, a mais velha, já tinha dedicado vinte e sete anos de sua vida à *rampa*, enquanto Valéria e Macumbeiro mais de dez. Valéria inclusive me deu uma resposta que julguei muito sincera, quando perguntei se eles tinham orgulho do que faziam, ela disse: "Nem vergonha, nem orgulho, é o meu trabalho, é o que sei fazer". Em seguida questiono como será o fechamento do aterro em suas vidas, e Valéria me oferece uma resposta que, pela primeira vez em meu trabalho de campo, me fez perceber as dificuldades pungentes que rodeiam aquele lugar. Ela diz que, se fechar mesmo, vai colocar seus sete filhos no sinal para trabalhar. Eu rio acreditando se tratar de uma piada, ela me olha e afirma que é sério. Fiquei sem saber como reagir, acordei para a realidade do que era a catação de material reciclável. Precisava urgentemente conhecer melhor Jardim Gramacho.

²⁶ "Cair" é uma forma de expressão, usada largamente por todos os catadores que trabalham em Jardim Gramacho, para o material que é despejado no espaço do aterro. Lanço mão dessa expressão em meu texto, não só por estar na fala dos catadores, como também por ilustrar muito bem a ação do material que é depositado no aterro e demais espaços irregulares.

Depois do meu primeiro encontro com Docinho, marcamos uma conversa na ACEX, onde tive a oportunidade de conhecer Cantor e Ivan, apelidado como Grande.

Apesar de sair do raio das pessoas envolvidas com a ACAMJG, ainda estava dentro da realidade de uma Associação, ou seja, com catadores que se aproximaram de fazer política e que com isso conseguiram ter uma visão mais crítica do trabalho no aterro. Porém, o discurso encontrado aqui se diferenciava dos discursos encontrados na ACAMJG, primeiro pelas críticas que eram tecidas aos representantes dessa associação e segundo, pela forma de ver a *rampa* e o trabalho lá feito. Nesse momento da minha pesquisa conheci catadores e ex-catadores que revelaram o quanto o trabalho da catação pode ser um verdadeiro garimpo, uma mina rica, uma fonte de renda alta, maior do que muitos trabalhos de carteira assinada. Comecei a perceber que catação poderia ser uma atividade muito rentável.

Docinho, na verdade se chama Roberta, e como o apelido indica, é uma pessoa muito doce. Sempre muito sorridente, Docinho sonha alto e sempre fala que espera o melhor para os catadores de Jardim Gramacho. Quando a conheci, fiquei impressionada com o seu conhecimento de reciclagem. Ela falou sobre compostagem, disse que o seu próximo plano era o de fazer blocos para construção com lâmpadas fluorescentes e que já estava confeccionando vassouras com cerdas de PET. Percebi uma visão empreendedora sobre o material reciclável. Sua intenção era aproveitar o conhecimento que os catadores tinham com reciclagem. Na verdade essas ideias vieram de uma ONG chamada Ideia Cíclica. Docinho já tinha sido eleita presidente da ACEX e por isso foi procurada por Ricardo Viana, representante da Ideia Cíclica, que apresentou essas possibilidades de trabalho. Esse encontro aconteceu em 2011 e foi mediado pela COMLURB, que já não travava mais relações com ACAMJG. Com isso acreditavam que Docinho poderia ser uma nova voz para estimular novos rumos para os catadores de Jardim Gramacho.

Quando a conheci, em 2012, o negócio estava prosperando, e as vassouras já estavam sendo comercializadas. Mas Docinho tinha planos mais ambiciosos como o de vendê-las para a Companhia de limpeza de Duque de Caxias. Mas até o final desse mesmo ano a história não se revelou tão positiva. Ela se desentendeu com Ricardo acreditando que ele estava interessado unicamente em lucros e não de fato em ajudar aos catadores. Docinho ainda perseverou e encontrou êxito em sua aposta. O terreno em que estavam construindo a ACEX virou uma FAETEC focada para o catador, chamada

de Escola Canteiro. O espaço oferece cursos gratuitos de informática, português e matemática, além dos cursos técnicos como eletricitista, carpinteiro, mecânico, entre outros. Assim, Docinho conquistava um espaço importante para qualificar esses trabalhadores para outros ofícios e ampliar suas possibilidades no mercado de trabalho. Contudo essas conquistas ainda estavam no âmbito da qualificação individual e longe de um plano que pudesse englobar uma parte significativa de ex-catadores para um novo mercado de trabalho.

Assim como a maioria das trajetórias, Docinho chegou ao aterro levada pelo seu irmão. A ex-catadora, que tinha perdido o emprego de caixa de supermercado, começou a perceber que o irmão sempre vinha com uma boa quantidade de dinheiro para casa. Intrigada com o trabalho bem remunerado perguntou o que ele fazia, pois ela queria fazer também. Seu irmão postergou por um tempo a informação. Dizia que ela jamais iria aceitar, que não conseguiria trabalhar onde ele trabalhava. Docinho disse que de tanto insistir o irmão acabou assumindo que era do lixo. Depois de meses sem conseguir um emprego novo topou o desafio de trabalhar na *rampa*.

Segundo Docinho, o começo foi extremamente difícil. Além da força e da agilidade que demandava a catação, ela sentia muita vergonha do trabalho. Como era seu primeiro dia, seu irmão a levou à *Rampinha*, onde era mais tranquilo e não tão concorrido. Com o tempo, ela ganhava mais dinheiro e foi se acostumando com o trabalho. Docinho conta que, quando alguém mostrava ter preconceito, ela perguntava quanto a pessoa tinha na carteira e logo puxava uma nota de cinquenta reais para mostrar que ser catadora não era ser pobre. Contudo, Docinho percebeu que não era a única que tinha esse sentimento de vergonha. Ela nos conta que em seus primeiros meses na *rampa* encontrou com alguns conhecidos que estavam catando mas mentiam dizendo que atuavam em outras funções.

Ainda assim, Docinho, que catou até quase o encerramento do aterro, disse que só deixou de sentir vergonha depois do lançamento do filme *Lixo Extraordinário*. O documentário, segundo ela, mostrou para o Brasil como era a vida do catador e aquilo a fez ver que o seu trabalho era honrado e honesto, reconhecendo que demorou muito para perceber isso. A catadora então assume o próprio trabalho para si mesma depois de ver o filme.

Ivan, fuge um pouco do perfil do catador, apesar de ter chegado na *rampa* pelo motivo mais comum, perda de emprego. Muito bem articulado, Grande, como é chamado, chegou a cursar um ano da faculdade de administração e trabalhou em um

escritório de advocacia e na empresa de telefonia TIM. Sua esposa tem ensino superior completo, é fonoaudióloga e depois que ela passou em um concurso em Brasília, foram juntos para a capital. Porém, ao chegarem, a mulher de Ivan teve um sério problema de saúde e não pôde assumir o cargo. Sem emprego e sem dinheiro, o ex-catador retorna para o Rio de Janeiro, mudando-se do apartamento que morava no Méier para Duque de Caxias onde tenta se estabelecer com inúmeros trabalhos informais, como trabalho com artesanato e feirante. Um amigo seu chamado David lhe sugere comprar material reciclável para revender para as indústrias, algo como um atravessador. Ivan aceita e eles começam a trabalhar em Jardim Gramacho. Vivendo um pouco mais o cotidiano do bairro, Grande fica curioso e decide conhecer o aterro, e logo percebe que se catasse material diretamente da fonte aumentaria seus lucros. Em seu primeiro dia de trabalho faturou oitenta reais.

A partir desse momento Ivan continuou na catação por oito anos, segundo ele, motivado pelos vínculos que criou na *rampa*. Grande se mostrou um entusiasta do trabalho da catação, disse que já chegou a ganhar cinco mil reais em um mês, e que isso era possível se tivesse uma visão empreendedora como a dele, fruto do seu passado profissional. "O pessoal que cata, cata para ganhar o seu do dia, não tem visão de mercado, acham que o trabalho é só aquilo. Jardim Gramacho é um verdadeiro garimpo, todo o lixo do Rio de Janeiro vem pra cá. Aqui se encontra ouro, obras de arte, antiguidade." Para Ivan há vários tesouros no aterro que poucos catadores sabem que têm valor. Ele conta que já pegou muito ouro e antiguidade e vendeu em feiras livres, aumentando seus lucros, e além disso, ele guarda uma caixa com vários objetos que achou na *rampa* e julgou interessante para presentear seus filhos, para que se lembrem da época em que o pai trabalhou no lixo. E afirma: "Pena que eu cheguei tarde, se tivesse trabalhando quinze anos atrás no aterro, tava rico.".

Hoje Ivan conseguiu construir uma casa, tem um carro, educou os filhos e montou um negócio de aluguel de cadeiras e mesas para festas, tudo com o dinheiro da *rampa*. Mas apesar da catação próspera, perguntei o que ele dizia sobre seu trabalho para os amigos, que assim como ele tinham trabalhos formais e escolaridade alta. Ivan dá uma risada e me responde com uma palavra: "reciclagem", e completa que não estava mentindo. Mas Ivan sabia que seria difícil para os amigos mais antigos entenderem o que é ser catador, que não é ser miserável e que conseguia ganhar um bom dinheiro com isso. Como outro exemplo dessa dificuldade de contar sobre o que é o seu trabalho, Ivan fala do seu gerente do banco com o qual possui uma conta há mais

de vinte anos, e que jamais soube que ele era catador. Porque se o soubesse provavelmente teria sua conta fechada. Segundo Ivan, todos acham que o catador é um “morto de fome”, mas só vivendo a realidade da catação para saber que a história é bem diferente. Para ele o preconceito é tão grande que evitava falar do seu ofício para não causar constrangimento.

Ivan foi um catador que soube multiplicar o que ganhou na *rampa*, sempre procurou outros trabalhos a fim de aumentar sua renda, conseguiu construir um patrimônio com o dinheiro da reciclagem, e afirmou que nunca teve problema em catar, nem em seu primeiro dia, mas que só o fazia à noite, pois era mais fresco. Para ele o único ônus desse trabalho era a sujeira e a falta de segurança.

Cantor, cujo verdadeiro nome é Lenilson, era músico antes de conhecer a *rampa*, cantava à noite e também trabalhava em obras. Foi quando teve seus primeiros filhos que sua esposa começou a não querer que ele seguisse com sua carreira de cantor. Ele diz que por ter crianças pequenas, sua mulher não poderia mais frequentar os shows, que em geral, aconteciam à noite. Sua irmã, Luzia, já trabalhava na *rampa* e Cantor, que estava sem emprego e com três filhos decidiu começar a catar. Ele conta que acabou ficando na *rampa* “por desleixo”. Como ganhava muito por dia de trabalho não pensou em outras alternativas além da catação, achava que aquela fonte de renda nunca acabaria.

O aterro para Cantor transformou sua vida, e ele assume que gastava em um dia tudo que ganhava na noite anterior. “Na época que eu trabalhava no aterro eu ganhava muito dinheiro, fiquei meio piranha, meio louco, abandonei família, filho, arrumei um monte de mulher mesmo, saía com uma mulher todo dia. Eu sou um cara muito família. Com o dinheiro eu esqueci a família, bebia cachaça todo dia, fiquei três meses sem ver meus filhos, entendeu?” Ele conta que já conseguiu em uma boa época de aterro, em que era despejado muito material, quinhentos reais em uma única noite de catação. Segundo ele, o melhor período para se trabalhar no aterro foi entre 2004 e 2008.

Porém, é digno de nota que ao longo da minha conversa com Cantor os valores iam inflacionando. Começamos com um lucro de dia bom na média de R\$200 a R\$250, posteriormente mudou para R\$300 até chegar a R\$500. E que agora no final do aterro se trabalhasse muito conseguia-se no máximo R\$100. Em geral, pelas minhas conversas, os catadores que conheci afirmam que em um dia bom de trabalho era possível tirar até R\$300 em uma única jornada.

Cantor conta que tinha suas artimanhas para aumentar o “peso da sua lona”. Os *depositistas*, pessoas que compram o material dos catadores e revendem para as indústrias, cobram um preço muito baixo. Muitos catadores se sentem lesados. Por isso, a grande maioria, segundo Cantor, dá o seu jeito para aumentar o peso do material, seja molhando o papelão, colocando um pouco de barro na sucata, ou pedrinhas dentro das latinhas de alumínio. Pergunto se os *depositistas* já não sabem disso e ficam de olho. Cantor diz que sim, mas fala que todo mundo encontra seu jeito de disfarçar.

Cantor chegou a trabalhar um mês na cooperativa ligada à ACAMJG, a COOPERCAMJG, mas fez duras críticas a todos os responsáveis, e mostrou sua total descrença nos trabalhos das cooperativas. Engrossou o discurso de que todas as cooperativas eram desonestas e não realizavam um trabalho sério. Em suas críticas Cantor coloca na conta de Tião e da assistente social Valéria, problemas graves em relação a listagem dos beneficiados da indenização.

Cantor chegou a ser da diretoria da ACEX, mas revelou que esse não é seu sonho e que nem pretendia continuar trabalhando com isso, que seu desejo era mesmo de voltar a cantar. Tendo estudado só até a quinta série, Cantor escreve suas próprias músicas e se considera burro por ter acabado no aterro, e pensa que se fosse mais inteligente, hoje poderia com o dinheiro que ganhou por lá morar em um bairro melhor. Ainda assim se orgulha de ter uma casa própria.

Na primeira conversa com Cantor, ele demonstrou que tinha um lado bom na *rampa* onde se ganhava muito dinheiro e podia se divertir muito, além da conquista de comprar uma casa. No entanto, nesse encontro, Cantor disse que o aterro não era bom, que não gostava de trabalhar com catação e que não estava triste com o seu encerramento, apenas pelos colegas que ficariam desempregados e sem perspectiva. Contudo, em uma outra conversa, cerca de dois meses depois, quando o aterro já estava desativado, entrevistei Cantor com a presença da câmera e parte do seu discurso foi bem diferente. Ele afirmou que a pior coisa que poderia ter acontecido em Jardim Gramacho foi o fim da *rampa*. Que era uma imposição do governo, que fazia muita falta e era um ótimo trabalho.

Nesse segundo encontro, Cantor trouxe uma boa imagem para relativizarmos o trabalho do catador. Perguntando para mim se havia trabalho pior que o de catador eu respondi que sim, e ele com a minha afirmação completou: “médico-legista, um trabalho onde tem que estudar muito, mas lida com corpo morto, podre, pode pegar várias doenças.”. Cantor mudou o discurso e se mostrou um entusiasta da catação.

No período dessa segunda conversa, a indenização²⁷ havia sido paga para os catadores. Cantor era um dos contemplados, mas o dinheiro recebido já tinha se acabado, afinal: “A vida era curta e era preciso vivê-la intensamente”.

Visto isso, me perguntei o que levou Cantor a alterar sua opinião de maneira tão notável? Conjecturei três motivos: primeiro, o fim efetivo da *rampa*; segundo, o fim do seu dinheiro da indenização; terceiro, a presença da câmera. Adiante, discutiremos mais detidamente esses pontos.

Jeniffer também é uma ex-catadora que teve uma sorte distinta da maioria dos seus colegas após o fechamento da *rampa*. Ela conseguiu um emprego com carteira assinada na recepção da Escola Canteiro-FAETEC, mas não hesita em dizer que se a *rampa* voltasse seria melhor. Jeniffer chegou a Jardim Gramacho aos nove anos fugida de casa, e conheceu o aterro aos onze anos de idade. Disse que foi atraída pelo lixo da Varig, de que todos falavam. Mas só aos dezesseis anos começou a catar de verdade permanecendo nessa atividade por dez anos.

Jeniffer afirma que a *rampa* era um lugar muito bom e rentável, hoje, ela em seu novo emprego tem garantias caso fique desempregada ou se aposente, mas diz ser um preço muito alto: “ter que esperar o mês inteiro para receber seu salário é muito difícil, é ter que reprogramar toda uma história de vida. (...) Ganho R\$ 950 e já devo R\$ 350”. A afirmação é feita em meio a sorrisos. Ainda assim, mostra o quanto está difícil se habituar. Jeniffer reconhece que teve sorte. Há muitos amigos seus que viveram com o dinheiro da indenização e agora passam por dificuldades sem nenhum trabalho. Cantor, que também tem a mesma função de Jeniffer na FAETEC concorda com tudo que a amiga diz. Receber um salário mensal parece ser um grande desafio para o catador, que se acostumou a receber por dia. Valéria, que conheci no alto do aterro, compartilhou comigo essa visão: “Quando seu filho queria um *danoninho* era só subir aqui e fazer o dinheiro e pronto, comprava por seu filho. Agora sem *rampa* não tenho nem um real para meu filho ir pra *Lan House*”.

Apesar dessa nova forma de vida, Jeniffer sabe que está melhor do que muitos dos seus colegas de *rampa* que hoje se encontram desempregados e não possuem muita perspectiva. Com uma vida sofrida, Jeniffer garante que conseguia esquecer dos

²⁷Até o momento só comentamos sobre a indenização, não apresentando com detalhes do que se trata e o seu valor. Isso será feito mais a frente no trabalho, na parte dedicada às lutas políticas e suas conquistas. Por ora cabe saber que esse dinheiro foi dado para indenizar os catadores que trabalhavam no aterro de Jardim Gramacho por conta do seu encerramento.

problemas quando subia para catar, descrevendo o clima como muito divertido. Ela fazia parte de um grupo de amigos, junto com Cantor, que adorava beber cerveja e cantar no karaokê após o trabalho. Lembra sempre com carinho das amizades que fez na *rampa*, discordando da imagem de "pobre coitado" que fazem do catador. Afirma categoricamente que ela “escolheu catar e se pudesse estaria catando até hoje”.

A segunda parte dessa dissertação é dedicada à discussão da presença da câmera em campo, porém, considero de suma importância apresentar alguns aspectos desse debate, vivenciados nesse período da pesquisa. Em posse da câmera e ávida por novos cenários e imagens, entrei a fundo na geografia do bairro, conheci lugares que até então só havia ouvido falar. Como minha aproximação do campo veio muito intermediada por duas associações, o perfil dos trabalhadores do aterro se mostrou mais homogêneo. Ainda que com diferenças de opiniões e posicionamentos políticos, os catadores pareciam ter uma vida mais estável do que se supunha nas imagens feitas na televisão ou nos filmes sobre o assunto. Alguns tinham moradia própria, como Ivan, Dona Fátima, Glória e Cantor, outros a possibilidade de alugar uma “casa digna” como Docinho, Jeniffer e Dona Ângela. Além da boa articulação e considerações políticas bem formuladas, alfabetizados e informados, o catador que conheci não era uma figura miserável, fruto de uma lógica perversa do capitalismo que Bauman, em *Vidas Desperdiçadas*, (2005)²⁸ vai apontar como “refugio humano”. Essa era a imagem que construí em campo, e acreditei, ingenuamente, se tratar de uma maioria.

Mas ao me aprofundar pelas ruas de Jardim Gramacho me deparei com uma pobreza que até então não tinha visto no bairro. Construções extremamente precárias feitas com tábuas de madeira e papelões, sem nenhum saneamento. Ruas sem asfalto e cheias de lama. Muitas crianças, em período de aula, sem roupa, brincando com água suja e lixo em meio a insetos e urubus, mulheres sentadas no meio fio comendo uma refeição cheia de moscas que tornava difícil até a identificação do alimento. Um cenário cruel.²⁹

²⁸Nesse trabalho, Bauman problematiza o aumento constante de produção (decorrência do capitalismo) e da população mundial, e como esses fatores levam a desequilíbrios políticos, sociais e ambientais, acarretando no que ele vai chamar de refugio humano, um excedente de pessoas que são destinadas a total marginalidade.

²⁹No relatório feito pelo IETS em função do fechamento do aterro se constatou que a renda per capita registrada em domicílios com catadores é de R\$ 311, e 49.3% estão na linha da pobreza. Além disso, 76% dessa população trabalham por conta própria sem amparo algum ou qualquer outra fonte de renda.

Luzia faz parte desse universo, uma catadora que atuou por dezoito anos no aterro e sente falta do trabalho que realizava. Segundo ela, era o lugar onde não só tirava seu sustento, como também encontrava uma roupa, um sapato, uma carne boa para comer. Para ela era como se fosse uma mãe, a "mãe rampa". O meu encontro com Luzia revelou mais uma faceta da população catadora. Para ela, assim como para seu esposo, suas irmãs e seus vizinhos, a catação era a única opção. A escolaridade baixa e nenhuma outra experiência profissional a levavam à *rampa*, que oferecia uma renda razoável para ao menos se conseguir ter duas refeições ao dia.

Os catadores que havia conhecido até então encontraram outras maneiras de ganhar dinheiro, apesar de muitos se queixarem de não estarem ganhando tão bem quanto na época da *rampa*. Já a população que ocupa a parte mais pobre do bairro ficou à deriva, sem perspectiva, entregue à própria sorte, em que a solução, ainda que provisória, se encontrava nos depósitos clandestinos de lixo que se aglomeraram por essa região do bairro. Luzia era uma dessas catadoras que continuou no ofício graças a esse despejamento irregular de lixo. Ela mora do lado de uma "*rampinha*", um terreno baldio onde é vazado ilegalmente uma parte do lixo de Duque de Caxias. Para ela essa tem sido a única alternativa junto com o Bolsa Família³⁰. Luzia reclama da falta da *rampa*, como já narrado, que além de ser uma fonte de sustento que considerava muito boa, a catadora fez grandes amigos, como o pessoal do Sindicato da cachaça, um grupo de catadores com o qual ela sempre jogava futebol. E assim como outras histórias contadas, Luzia também via na *rampa* um espaço muito bom e divertido onde conseguia esquecer dos problemas.

Nascida no Piauí, mas criada no Pará, Luzia chegou em Jardim Gramacho graças a uma irmã que tinha sumido por alguns anos e retornou em casa dizendo que tinha descoberto uma "mina de ouro". A comparação com Serra Pelada sempre aparece nas conversas com vários catadores. Cantor e Ivan são dois que afirmam que se via muito ouro no aterro. Dona Ângela conta que era muito comum jogarem corpo de traficante na *rampa*, e sempre quando isso acontecia o pessoal corria para ver se tinha ouro ou dinheiro na carteira. O "achar dinheiro" também é uma história muito recorrente na fala de todos catadores que conheci. Mas a metáfora usada pela irmã de Luzia era para ilustrar que se tratava de um lugar com possibilidade de ganhos altos, e dessa forma, toda a família de Luzia migrou para Duque de Caxias em busca de uma vida melhor.

³⁰Com o fechamento do AMJG, houve um credenciamento de catadores para avaliar quais famílias poderiam receber o benefício do Bolsa Família.

A catadora disse que o que cata na *rampinha* clandestina nem se compara com o que tirava no aterro. Hoje em “dia bom” ela consegue ganhar somente trinta reais. Além da *rampinha*, há também o depósito clandestino. Luzia diz que lá é muito difícil, pois é num lugar fechado, deixando o cheiro insuportável. Muita gente vai lá catar, e por ser um lugar bem menor a competição fica muito grande.

A dificuldade que Luzia passava me levou a uma situação delicada com ela, que em um dado momento veio me pedir ajuda em dinheiro. Não esperava por isso. Percebi o quão difícil estava sua condição. O mesmo aconteceu quando tive a chance de conhecer o Sindicato da cachaça. Berruga, depois de um dia de conversa um dos fundadores veio até a mim e pediu para deixar uma ajuda.

O Sindicato da cachaça é um grupo formado apenas por homens, talvez as figuras mais conhecidas de Jardim Gramacho. Não há um catador com que eu tenha conversado que não tenha falado com carinho dessa turma. O Sindicato tem esse nome por se tratar de amigos catadores que ficavam na *rampa* Particular, onde caía o “lixo extraordinário”, e consumiam inúmeras garrafas de cachaça.

Hoje eles moram no Laguinho, um lugar perto do mangue que tem um lago onde eles pescam. Na verdade, são moradores de rua, que com o fim da *rampa* não tiveram como sustentar uma casa. Márcio e Berruga são os fundadores e os membros mais antigos, há também Izequíás e Jaime. Para viver sem o aterro, além da pesca que tanto serve para alimentação quanto para troca por outros alimentos, também realizam diversos bicos como pintor, carregador, ajudante de obras e outros.

O grupo, muito divertido, ainda tem a companhia de cachorros e gatos de quem cuidam com muita dedicação. Parecem ser bem integrados à natureza, afinal vivem no meio dela. O Laguinho é um lugar que não se imagina que exista em Jardim Gramacho. A lagoa é rodeada de verde que parece possuir uma fauna viva. Tanto o Sindicato da cachaça quanto Luzia relatam ver cachorros do mato, capivaras, caranguejos e até jacarés.

Dentro desse cenário, o Sindicato, na companhia de suas cachaças, conta como atuavam no aterro. Segundo outros catadores com quem conversei o grupo não era muito de trabalhar e catava o suficiente para trocar por bebida. Tal versão é confirmada com um largo sorriso por Berruga, que ganhou esse apelido por conta de uma verruga que possui em um dos olhos, "A gente já chegou a beber trinta garrafas de cachaça em

um dia de trabalho". Mas se orgulha em dizer que só gosta de álcool e que não consome nenhuma outra droga.

O problema com drogas era uma questão latente em Jardim Gramacho. Glória disse que quase todos os amigos que fez na *rampa* eram usuários de cocaína e mais tarde do crack, e muitos inclusive já morreram. Para ela é a realidade difícil que obriga você a se drogar, muitas vezes não dá para encarar um aterro "de cara". Há muitos catadores que consomem drogas para ter disposição de catar a noite inteira. Ivan diz que fumava um maço de cigarros para ajudar a ficar desperto, mas que nunca se envolveu com entorpecentes. Glória afirma que é muito fácil se perder por esse caminho. O fato de ter a mãe por perto no trabalho foi crucial para ela estar viva e saudável hoje.

O Sindicato da cachaça, por sua vez, também afirma que só se trata de álcool. O espaço que ocupava na *rampa* era, então, uma espécie de lugar para socializar no aterro. Parte das pessoas ia ao encontro deles para beber cachaça. Até quem não bebia frequentava o espaço. No começo do aterro alguns membros do *Sindicato* chegaram a morar lá, mas, desde que as reformas apresentadas no primeiro capítulo aconteceram, tiveram que se mudar. Contudo, a *rampa* foi mais que um trabalho para eles, foi um verdadeiro lugar de convivência e lazer. Eles dizem que todos do grupo se dão muito bem e poucas vezes houve brigas. No final do meu encontro com o Sindicato vi neles um grupo muito especial. A situação deles foi, a meu ver, a mais grave em termos de pobreza. Foram os primeiros catadores que conheci em Jardim Gramacho que eram moradores de rua. Ainda assim, era visível uma cumplicidade e amizade entre eles. A forma como lidavam com os animais, com as diferenças, com os problemas, bem como a descontração com a qual me receberam, fizeram-me entender porque muitos catadores tinham carinho por eles. O Sindicato da cachaça era entendido com um dos lados bons da *rampa*.

2.1- As origens dos grupos políticos: Formando uma identidade para o catador.

Como já apresentado no primeiro capítulo, em meados da década de 1990 houve uma política dentro do até então "Lixão de Caxias" a fim de fazer os catadores migrarem para os espaços da cooperativa, e surgiu então a COOPERGRAMACHO e com ela a inserção da figura de uma assistente social para acompanhar e incentivar os catadores a realizarem essa transição. Contudo, ainda com uma articulação incipiente, já havia se notado a descrença desses trabalhadores em se tornarem cooperados. Valéria

Bastos, a assistente social contratada pela empresa Queiroz Galvão e que atua até hoje em Jardim Gramacho, realizou no ano de 2008, sua tese de doutorado em que ilumina dificuldades que explicariam essa rejeição por parte dos catadores para formalizarem seu trabalho.

"Além desta identificação e cadastramento, o trabalho social a ser realizado, proposto pela COMLURB, incluía também orientar os catadores que atuavam na área de vazamento quanto à importância da formação cooperativista. O processo de organização dos catadores em cooperativa contemplaria a humanização da atividade e capacitação dos mesmos quanto ao processo legal e comercial. (...) Foi possível compreender que somente a identificação, o cadastramento e a organização dos catadores em cooperativa não resolveriam a problemática desta categoria,(...) Era preciso considerar que havia inúmeras questões a serem resolvidas, principalmente as ligadas ao processo de organização dos trabalhadores e de construção de sua identidade."(BASTOS, 2008, p.20/21)

Um dos maiores desafios percebidos por Valéria, é a rede de interdependência criada com os sucateiros ou atravessadores³¹, que por sua vez não tinham interesse algum na alteração da situação social em que se encontravam os catadores, sendo uma lógica de relação de trabalho que vê vantagens na condição de pobreza, pois com ela os atravessadores podem colocar o preço de compra o mais baixo possível para maximizar seus lucros.

Vale nos aprofundarmos um pouco mais na logística dos depósitos, justamente porque eles serão a principal fonte de remuneração dos catadores, e assim compreenderemos melhor o sistema de exploração que se criou, sendo o catador a base dessa pirâmide que tem em seu cume as indústrias. Pensando a cadeia de reciclagem feita em Jardim Gramacho e todo o capital que gira em torno desse negócio, Gisele Cardoso de Almeida descreve:

³¹Os atravessadores ou sucateiros são indivíduos que possuem um depósito, ou atuam nele e compram o material coletado pelos catadores e revendendo às indústrias. Em geral esses estabelecimentos alcançam um lucro bem vantajoso, chegando, por vezes, a 100%.

"Os preços pagos pelos depósitos são baixos, até porque eles são os primeiros intermediários, pois terão outros até chegar à indústria, e todos na cadeia precisam lucrar. Comparamos os preços pagos por um depósito de médio porte localizado no entorno do AMJG com os preços retirados de uma tabela feita pelo Informativo do Catador, que também fizeram uma tabela de preços dos materiais recicláveis pagos por diferentes cooperativas. Em Gramacho, o Kg do PET equivale a R\$ 0,10, enquanto que o preço na tabela é de R\$ 0,75. O papel de arquivo, em Jardim Gramacho, custa R\$ 0,10, enquanto na tabela, o preço médio é R\$ 0,33. Esses valores ficam muito maiores quando analisamos os preços pagos pelas indústrias, mas estas só trabalham com toneladas, o que impede que os catadores façam negócio diretamente com as indústrias." (MACHADO, 2012, p.8)

Segundo pesquisa realizada por Lúcia Pinto em Jardim Gramacho (2004) existem cerca de cento e cinquenta depósitos no bairro, sendo que somente quarenta e dois têm autorização para transitar no aterro para comprar o material coletado pelos catadores.³² Ademais a pesquisadora evidencia a exploração realizada por esses depósitos. A maioria dos catadores relacionados com esses estabelecimentos entrevistada por Lúcia Pinto afirma que não possui carteira assinada. Ainda na mesma pesquisa ela aponta que a aceitação dos preços baixos da venda de seu material pelos catadores é muitas vezes oriunda da possibilidade de empregar pessoas sem documentação, egressos ou fugidos do sistema penitenciário, e pela forma de pagamento imediata (PINTO, 2004, p.12). E acrescenta que os espaços dos depósitos em geral são insalubres, realizando as atividades em condições de higiene e trabalho deploráveis.³³ (PINTO, 2004, p.101/102).

³²No relatório produzido pelo Ibase em 2005 eles lançam mão de informações dadas pelos participantes do 1º. Encontro de Integração Comunitária de Jardim Gramacho, que alegam que não há cento e cinquenta depósitos no bairro. Estes consideram como corretos os quarenta e dois depósitos cadastrados, sendo os demais desdobramentos destes, pertencendo aos mesmos donos.

³³Lúcia Pinto vai separar em três grupos os depósitos que pesquisou em Jardim Gramacho:

1 – Precários: possuem péssimas condições de trabalho e de higiene, realizam suas atividades a céu aberto, em alguns casos funcionando próximo ao mangue;

2 – Semi-organizados: possuem caminhão para recolhimento no aterro e alguns trabalhadores fixos cadastrados. Possuem material para armazenamento, mas realizam a separação do material também a céu aberto;

3 – Grandes: Apenas cinco se encaixaram nesta categoria. Possuem empregados fixos cadastrados, equipamentos diversos como a prensa que compacta e organiza os fardos aumentando o valor agregado, balança, caminhões e poder de compra do material recolhido pelos depósitos menores.

A relação com o tráfico é outro problema apresentado por Valéria Bastos, que diz que muitos catadores vendiam drogas a fim de conseguir uma remuneração extra no espaço do aterro.

Por fim é também apontado o fator da "independência", argumento esse muito presente também em minha etnografia. Em geral os catadores com quem conversei colocam como o lado bom da catação o poder de escolher o dia e a carga horária que vai ser trabalhada, estando livre de uma relação patronal. Nete, hoje vice-presidente da COOPERGRAMACHO, diz que o catador tem o espírito livre, faz seus horários, não tem patrão e ainda por cima, trabalha a céu aberto, não gostando de estar em um lugar fechado com horário rígido para trabalhar.

Nesse quadro figuram então os principais desafios em trazer o catador para dentro da cooperativa diagnosticados por Valéria Bastos. "Para que essa transição seja feita é necessário olhar mais a fundo para o lixo, para a reciclagem e as ações que extrapolem o espaço da catação." (BASTOS, 2008, p.26).

Nesse momento se torna interessante entender um pouco melhor o perfil do catador e como funcionou esse cadastramento por parte da COMLURB. Possibilitando dessa forma uma melhor visualização da discrepância encontrada entre os que escolheram a cooperativa e os que optaram pela autonomia.

"O Serviço Social, desde 1996, mantém um cadastro atualizado dos catadores, e o perfil destes atores é o seguinte: pessoas potencialmente ativas, de ambos os sexos, na faixa etária entre 25 e 67 anos, residentes, em sua grande maioria, no Município de Duque de Caxias, e que por falta de capacitação e/ou saída do mercado formal de trabalho, encontraram na atividade de catação a sua sobrevivência. Há ainda aquelas que são oriundas de famílias que culturalmente tiveram como referência de trabalho os seus antepassados que também exerceram a atividade, configurando, portanto, a catação como um ofício passado de geração em geração os catadores, quando cadastrados pelo Serviço Social, são identificados dentro do Aterro por um colete na cor laranja. Aqueles que são "empregados" dos depósitos, mas desenvolvem a atividade de catação também dentro do Aterro, usam colete na cor verde limão. Há ainda os que utilizam uniforme na cor cinza dentro dos padrões estipulados pela COMLURB e são pertencentes ao quadro de sócios da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis do Aterro Metropolitano de Gramacho (COOPERGRAMACHO)" (BASTOS,2008, p.26).

Logo, existem três categorias de catadores aos olhos da instituição. Os de colete laranja que seriam os sem vínculo chamados de pró-cooperativados, costumam ser catadores mais antigos que possuem seus próprios coletes, ou seja, podem vender a qualquer depósito; os catadores de colete verde que são empregados de um depósito específico, ou seja o colete pertence ao depósito; e os de uniforme cinza que são ligados a cooperativas e não trabalham no espaço no aterro.

Visto isso, voltamos ao trabalho de Lúcia Pinto em seu “Diagnóstico da Atividade de Catação” que coloca em evidência a disparidade já anunciada entre cooperados e catadores autônomos. Segundo a pesquisadora há cerca de 1.700 catadores trabalhando no período diurno³⁴, desse número, 1.390 estão ligadas a algum depósito, enquanto em 2008 a COOPERGRAMACHO agregava menos de 10% desse contingente, chegando a 134 cooperados (IBASE, 2005, p.18) (BASTOS, 2008, p.144). Ou seja, a grande maioria dos catadores de Jardim Gramacho está vinculada a algum depósito. Para Valéria Bastos, essa total rejeição às cooperativas fez o poder público querer apontar um motivo que justificasse essa escolha, simplificando a situação ao acreditar que somente idosos, por terem maior dificuldade em garimpar no lixo, se interessam pelo trabalho formalizado (BASTOS, 2008, p.142). Essa conclusão talvez venha do perfil das pessoas que aderiram à ideia da cooperativa, a maioria mulheres e idosos que valorizavam o pagamento do INSS (IETS, 2011, p.13).

Podemos dizer que a primeira iniciativa em levar os catadores para o universo do trabalho formal foi frustrada, para a maioria desses trabalhadores a autonomia se revelou um bem precioso do ofício e da qual poucos estavam dispostos a abrir mão, além da troca desvantajosa de ganhos mensais. Em cooperativas a remuneração gira em torno de um salário mínimo enquanto na *rampa*, segundo catadores que entrevistei, podia-se chegar em um único dia de trabalho à média de R\$ 150. Além da predileção em receber por dia trabalhado. Esses elementos se configuram como uma característica comum a muitos catadores, e que como já dito por Valéria Bastos, é um fator ignorado pelo poder público que não tenta pensar nessas características para desenvolver um plano de ação buscando obter melhores resultados na formalização desse profissional.

³⁴A contagem dos catadores que trabalham no período noturno se revelou sempre problemática tanto para a COMLURB quanto para as empresas terceirizadas que controlavam o aterro. Segundo o ex-presidente da COMLURB José Henrique Penido, em entrevista dada para o Jornal Tribuna em 2004, à noite o aterro se torna um lugar incontrolável porque muitos catadores o acessam pelo manguezal e não há seguranças suficientes para fazer o controle. Penido afirma que se contar com os catadores da noite o número oficial pode até duplicar.

Para Marta Pimenta Velloso, que ao analisar duas cooperativas em diferentes contextos, uma bem-sucedida em Belo Horizonte-MG, e outra que apresentou maiores complicações em Petrópolis- RJ, reflete sobre como a subjetividade dos sujeitos deve ser considerada para se pensar alternativas de trabalho aos catadores de material reciclável visando sua emancipação social, e coloca:

"Os momentos internos do sujeito, quando sentidos pela maioria dos homens, podem ser transformados em realidade. A criação de uma outra realidade poderá vir à luz, através da manifestação dos sentimentos e das emoções de sujeitos. Assim, a realidade interna dos sujeitos interagindo com a realidade externa, podem contribuir para o processo de emancipação de pequenos grupos ou comunidades sociais. Somente a partir desses fatores essenciais para o desenvolvimento da criatividade, podemos gerar o que Santos & Rodriguez (2002) referem-se como recriação da promessa da emancipação social." (VELLOSO, 2005, p.56/57)

Em vez de negligenciar esse "espírito livre" que o catador parece possuir, como disse Nete, haveria de se pensar em como conciliar de uma forma criativa essa característica a um trabalho formal. Nesse contexto e partindo dessa forma de pensar surgiu a ACAMJG.

2.1.1- Surgimento da ACAMJG

O primeiro anúncio do fechamento do aterro aconteceu em 2004, segundo o relatório do IETS, o problema começou quando a COMLURB junto com a prefeitura do Rio de Janeiro quiseram encontrar outro destino para os resíduos da capital. Esse seria um ponto crucial na vida dos catadores, tendo em vista que o lixo do Rio de Janeiro, como já visto no começo desse capítulo, era o lixo rico, onde a maioria tirava seu sustento. Essa ameaça causou incômodo na categoria de catadores que começou a se mobilizar junto ao MNCR. Para agravar a situação, a prefeitura de Duque de Caxias fechou o aterro por três dias alegando inadimplência por parte da COMLURB, esta, que é dona do terreno, que em contrapartida afirmou que o município de Caxias devia pelos anos que despejou seu lixo gratuitamente no AMJG. (IETS, 2011, p.13)

Porém, não foi dessa vez que o aterro fechou, mas foi o começo de uma articulação que veio a se tornar real quase dez anos depois. Motivado por essa questão

que preocupava a população de Jardim Gramacho, Sebastião Santos, junto com seus irmãos e outros companheiros de *rampa* formaram a ACAMJG. A associação tinha como intuito mobilizar os catadores para juntos reivindicarem soluções frente ao poder público. O relatório produzido pelo IETS apresenta assim o começo da ACAMJG:

"A dinâmica organizacional dos catadores ganha nova força com a desvinculação de um dos membros da COOPERGRAMACHO, que, com o intuito de formar uma organização representativa mais abrangente da classe profissional (ainda não reconhecida formalmente), fundou a Associação de Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (ACAMJG). Em contato com o Instituto Brasileiro de Inovações pró-Sociedade Saudável (IBISS), alguns fundadores da ACAMJG participaram de um curso de liderança oferecido pelo instituto, adotando uma postura pró-organização local. Desde a criação da ACAMJG, três outras cooperativas surgiram no contexto do aterro: a COOPERCAXIAS, a COOPERJARDIM e a COOPERCAMJG, que foi fundada como um braço econômico e produtivo da ACAMJG. Todas estas organizações, apesar de suas diferenças internas e de formas de trabalho, estão articuladas para defender seus interesses em comum – necessidade de material reciclável e de meios para fazer a coleta, como caminhões, galpões, prensas, entre outras maquinarias administrativas, como computadores." (IETS, 2011, p.13)

A necessidade de uma associação para abranger as questões políticas saiu da primeira cooperativa de Jardim Gramacho, o que revela que a formação desta foi um fato interessante para a história dos catadores desse bairro, configurando um começo de formação política.

A fim de angariar mais catadores do que uma cooperativa se mostrou capaz de conseguir, a ACAMJG se mobilizou em uma tentativa de unir a categoria em prol de reivindicações políticas. Essa mobilização não se mostrou tarefa fácil. A associação conseguiu cadastrar mais de mil quatrocentos e oitenta catadores, em um esforço de mapear quantas pessoas atuavam no aterro e com isso quantos ficariam sem renda. Em sua pesquisa, a ACAMJG levava em consideração também o número de dependentes, compreendendo melhor o impacto do encerramento do AMJG. Glória conta que esse cadastramento foi muito difícil, primeiro, porque era a associação que ia atrás do catador, já que o contrário seria quase impossível, por isso eles iam ao espaço da catação e ninguém queria parar o trabalho para responder perguntas, por mais rápidas

que fossem, e segundo, porque os catadores em geral são totalmente descrentes de articulações políticas.

Em 2005 um outro golpe aconteceria no aterro: o lixo extraordinário não era mais despejado. Nesse evento muitos trabalhadores compreenderam que o aterro realmente ia fechar. Esse tipo de lixo era muito bom, pois caía material de grandes empresas e supermercados, logo, era possível catar, além de muito arquivo³⁵ e papelão, uma comida boa e embalada para levar para casa. Mas como os resíduos sólidos domiciliares continuavam sendo despejados, o problema do lixo extraordinário caiu no esquecimento.

A ACAMJG, no período de 2004 até o encerramento, tentou trabalhar para criar uma consciência política no catador, e apesar de conseguir cadastrar quase 1.500 deles, como dito acima, apenas cento e dezoito eram de fato associados. Desses a associação investia para estimular a conscientização sobre a condição do trabalho. Por vezes conseguia verba para mandá-los para os Encontros Nacionais de Catadores que acontecem todos os anos e para o Fórum Lixo e Cidadania. Dona Ângela e Nelsinho, seu vizinho e ex-catador, contam que já participaram desses encontros, um deles durou quatro dias e foi em Belo Horizonte, e que não só conheceram catadores do Brasil inteiro como também da Índia e da África. Nelsinho conta que ficou muito impressionado com a condição do colega africano que em um dia de trabalho ganhava sete reais, e com espanto dizia para Dona Ângela: "sete reais é o que a gente gasta em um prato de comida!".

Essas experiências que fazem os catadores saírem um pouco da realidade de Jardim Gramacho era fundamental para se ter uma melhor visão do todo, diz Glória, que afirma que sempre que pode, leva seus associados para algum encontro onde se discuta o ofício do catador. Outra iniciativa gerada pela ACAMJG para tirar o catador da *rampa* é o convênio com a Liga das Escolas de Samba (LIESA), da qual leva seus associados para catar o material reciclável que é gerado na Sapucaí nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, tanto do grupo especial quanto do de acesso, uma coleta que é, segundo Glória, além de rentável, muito divertida, porque eles podem ver os desfiles e as celebridades, já que trabalham das arquibancadas até os camarotes.

³⁵ Arquivo é o nome que os catadores dão para todo tipo de papel branco como miolo de livro, jornais e revistas.

Em 2010 o filme *Lixo Extraordinário* é lançado, dando grande visibilidade à Jardim Gramacho. Destaco essa produção pela maneira como ela reverberou nas lutas da ACAMJG. O filme conta a história do artista plástico brasileiro internacionalmente conhecido, Vik Muniz e de sua busca por um novo desafio artístico. Essa procura o leva a Jardim Gramacho, o maior aterro da América Latina, onde o artista, conhecido por usar elementos inusitados em sua obra, é instigado a trabalhar com o lixo. Ao chegar nesse lugar Vik Muniz conhece personagens que trabalham na coleta desse material e ganham suas vidas dessa maneira. Tudo isso é apresentado ao espectador, que dessa forma conhece um pouco melhor a vida no aterro, vê sua paisagem e acompanha um pouco do trabalho. Mas o que nos interessa nessa história é a relação que é desenvolvida entre Vik e Tião, e como suas trajetórias são aproximadas no filme. Tião ganha grande destaque no longa e sua história nos é contada de maneira mais aprofundada. O filme mostra como esse personagem, apesar de catador, tem consciência política e consegue ver as coisas de uma maneira mais ampla. Mostra suas reivindicações e lutas, e o esforço de garantir uma vida melhor para os catadores a partir da sua associação.

O documentário ganhou fama, e consequentemente Tião também. Essa conquista é mostrada inclusive no próprio filme que abre com o Vik Muniz indo ao programa do Jô Soares, e encerra com Tião sendo entrevistado pela mesma atração. O filme chegou longe e foi até ao Oscar, e a notoriedade passou a ser internacional. Tião deu palestra na *David Rockefeller Center for Latin American Studies*, uma organização de estudos latino-americanos da universidade de Harvard, onde ele falou sobre os impactos do documentário *Lixo Extraordinário* na população catadora e em suas lutas políticas³⁶, também carregou a tocha olímpica em Londres em 2012³⁷, participou de uma série de programas falando sobre os catadores e se tornou um dos protagonistas da campanha de reciclagem da Coca-Cola e do Limpa Brasil. Foi um salto muito grande em sua vida. É claro que essa fama advinda do filme teve algum impacto na ACAMJG. Segundo Glória, as reuniões com os poderes públicos³⁸, por conta do fechamento do aterro, que deliberavam sobre como aconteceria essa transição para o encerramento e sobre quais soluções poderiam ser encontradas para os catadores, aconteceram ao longo de dois

³⁶www.caxiasdigital.com.br/blog/lixo-extraordinario-e-ovacionado-em-harvard-e-trabalho-com-catadores-vira-case-study/

³⁷<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/06/catador-do-lixao-brasileiro-conduz-tocha-olimpica-nas-ruas-de-liverpool.html>

³⁸As reuniões sobre o fechamento do aterro envolviam as lideranças políticas dos catadores sendo elas compostas pela ACAMJG, e os presidentes das quatro cooperativas COOPERGRAMACHO, COOPERJARDIM, COOPERCAMJG E COOPERCAIXIAS e os representantes da prefeitura de Duque de Caxias, do Rio de Janeiro, do Governo do Estado e do Governo Federal.

anos sendo realizadas quase todo mês. Foram intensas negociações com forte pressão por parte dos representantes dos catadores. E o sucesso de Tião aconteceu no meio desse processo. Segundo ela, como ele havia se tornado uma pessoa pública, ganhou espaço na grande mídia, isso foi um fator relevante em meio às negociações, e o governo passou a ouvir Tião com mais "boa vontade". Além disso, como a notícia do encerramento ficou muito destacada, ele recebeu diversos convites para dar a sua opinião, principalmente na televisão. Com isso, o governo não ia querer fazer um plano de encerramento em que direitos humanos e ambientais não fossem respeitados, pois estavam todos no centro das atenções.

Contudo, Glória também apresenta as complicações advindas com a fama conquistada. Ela nos conta que houve uma grande organização para se fazer um protesto na frente da sede da COMLURB, exigindo que o plano de transição fosse cumprido. Ela conseguiu alugar alguns ônibus e mobilizar oitocentas pessoas. Glória até brincou comigo dizendo que eu não alcançaria a dificuldade de conseguir reunir esse número de catadores. Mas na data marcada para o protesto, dia vinte três de fevereiro, foi o mesmo dia em que saiu a indicação do filme *Lixo Extraordinário* ao Oscar, com isso a grande mídia só queria saber com que roupa Tião iria na premiação e ninguém deu destaque à grande passeata realizada em frente à COMLURB.

Mas em geral essa relação só trouxe ganhos, o próprio Vik Muniz ajudou diretamente a ACAMJG. Todo o dinheiro conquistado no leilão, que é mostrado no documentário, algo em torno de cem mil reais, foi doado para a ACAMJG, que investiu na infraestrutura da associação e na compra de computadores, onde seriam realizadas oficinas de informática para os filhos dos catadores. O artista plástico também fez a mediação entre a Coca-Cola e a Natura, para que essas empresas fizessem uma parceria com ACAMJG, ou seja, todo o lixo produzido por ambas as companhias é doado para a associação. Com a visibilidade conquistada a ACAMJG ganhou vários prêmios de sustentabilidade, Tião inclusive ganhou o prêmio "Faz a Diferença" do jornal O Globo em 2011³⁹. Isso tudo foi muito positivo. Glória conta que se orgulha muito do irmão e sabe que é muito difícil para ele, que com apenas trinta e dois anos carrega muita responsabilidade. Ela afirma que liderança em periferia é sempre traficante e que seu irmão conseguiu fazer um caminho distinto.

³⁹<http://oglobo.globo.com/rio/faz-diferenca-2011-tiao-santos-se-emociona-e-aplaudido-de-pe-4431319>

Esse destaque fez de Tião uma figura controversa em Jardim Gramacho. Inúmeros catadores com quem conversei, afastados da ACAMJG, teciam duras críticas a ele e seus irmãos. Docinho diz que o pessoal os chamam debochadamente de "Família Sardinha" mas reconhece que sua visibilidade foi imprescindível para ter sucesso nas discussões com o governo. Dona Ângela, que segundo ela própria, foi muita ajudada pela família Santos, reconhece que eles têm seus defeitos, como o baixo preço com que compram o material dos cooperados, mas diz que foi graças a Tião que o "fundo catador" saiu. Sendo esta a primeira vez na história do Brasil que o fim de um aterro ou lixão gera indenização para o catador.

Jeniffer e *Cantor*, por exemplo, dizem que não se sentem representados por Tião, e não sabem quem o colocou como líder dos catadores, como se tivesse havido uma eleição para isso. O mesmo é compartilhado por Lúcio Viana, afirmando que Tião nunca foi catador, somente sua mãe e seus irmãos o foram. Diz que o terreno em que hoje está a ACAMJG foi dado pela COMLURB e que é mal aproveitado. Ressalta ainda que Tião não é um líder de verdade e que se aproveita da imagem dos catadores. Lúcio mostrou ter um desacordo forte com Tião em relação à indenização.

Frente a essa discordância entre ACAMJG e COMLURB no meio das negociações do plano de transição para o fechamento do aterro, foi pensando em criar uma alternativa à associação de Glória e Tião, que surgiu a ACEX (Associação de Catadores e ex Catadores).

2.1.2- Surgimento da ACEX

Com a entrada da empresa Queiroz Galvão houve uma série de mudanças no até então "Lixão de Caxias", entre elas a contratação da assistente social Valéria Bastos.⁴⁰ Valéria começou a trabalhar no aterro no ano de 1996 seguindo até os dias de hoje. Por conta do seu bom relacionamento com os catadores seu trabalho pode ser continuado mesmo com as mudanças de empresas ao longo dos anos que gerenciavam o AMJG. Hoje Valéria Bastos atua junto da ACAMJG, realizando uma visita semanal todas as terças-feiras.

⁴⁰Valéria Bastos fez seu doutorado na PUC-RIO em 2006 sobre os catadores de Jardim Gramacho, sua tese tem o título: Profissão Catador.

Nos últimos anos antes do encerramento, a COMLURB considerou importante olhar com mais atenção para os catadores que trabalhavam no período da noite. Esse turno não era contemplado pela assistente social que atuava somente com os catadores da manhã. E como já mencionado, era problemática a relação com os trabalhadores da noite, sendo difícil o cadastramento e a realização de uma fiscalização. Por conta do plano de transição e por conta do fechamento do aterro, se fez necessário dar atenção aos catadores da noite, para se ter uma real dimensão de quantos trabalhavam nesse horário. Com isso a Nova Gramacho contratou Isaías, que não tinha formação em Serviço Social, e sim em Comunicação Social e Filosofia, por isso era chamado de Coordenador de Responsabilidade Social. Isaías visitava o aterro à noite, conheceu os catadores e perguntava a todos quem queria ser uma liderança. Docinho aceitou o convite e perguntou o que tinha que fazer, Isaías pedia para que cada liderança levasse pelo menos dez pessoas para uma reunião onde iria se discutir a situação do catador frente ao encerramento do aterro.

Docinho conta que no primeiro encontro havia sessenta catadores, e que esse número foi diminuindo a cada reunião até chegar a formação de seis pessoas entre elas Cantor e Ivan. Foram nesses encontros que a ideia de uma associação surgiu, com o intuito de ser uma alternativa à ACAMJG. E por meio de votação o grupo decidiu que Docinho deveria ser a presidente. Assim, em 2011, nasce a ACEX, que teve em Isaías um parceiro e incentivador, e pela primeira vez os catadores da noite se sentiam incluídos. Ainda que muito catador da manhã também trabalhasse à noite, havia muitos que iam exclusivamente quando não havia mais sol, por ser mais fresco e menos competitivo.

Valéria Bastos, dessa forma, foi criticada pela ACEX por não ter dado a devida atenção a esse grupo de catadores, que por muitos anos, como conta Docinho, ficaram sem saber das articulações para o encerramento do aterro. Com isso, o grupo começou a se unir e a participar das reuniões junto às outras lideranças de Jardim Gramacho para estipular como seria o plano de transição. É nesse momento que as disputas políticas se acirram. A ACEX dessa forma passa atuar como uma espécie de oposição à ACAMJG e demais cooperativas.

Docinho coloca que sempre mostrou insatisfação com a representatividade de Tião, segundo ela, a maioria dos catadores é alheia aos assuntos do aterro e se não fosse a chegada de Isaías, que ocupou o cargo de Coordenador de Responsabilidade Social em Janeiro de 2011, seus colegas só saberiam do encerramento na hora em que apagassem

as luzes do aterro. Ela questiona que tipo de líder é esse que não conversa sobre esse problema grave com os seus representados? Docinho relata uma história na qual uma amiga sua, uma catadora chamada Luciana, fez um curso de gestão de cooperativas na ACAMJG. Docinho questionou a Tião porque ele não levava esse saber para a frente de trabalho⁴¹, a que ele teria respondido: "Não tenho tempo de sentar em lona de arquivo para conversar com catador". Sendo verdade ou não, isso que foi contado ilustra o espírito de dúvida e descrença que há em torno da ACAMJG por parte de Docinho e de seus colegas da ACEX.

A Associação de Docinho também cria suas oportunidades para os catadores, como já apresentado. Ela se une com a ONG Ideia Cíclica e passa a confeccionar blocos de obra que têm em sua composição 5% de lâmpada fluorescente e as vassouras com cerdas de PET, ação essa mediada pela COMLURB, mas que não vai para frente, o que faz com que Docinho passe a desconfiar da intenção da ONG e afirme que o real motivo da Ideia Cíclica era o de lucrar e não de ajudar de fato os catadores. Contudo, o espaço da associação se transforma em uma FAETEC pensada para capacitar o catador para o mercado de trabalho, essa iniciativa dá muito certo, tendo até o final da minha pesquisa cursos com sua capacidade máxima de alunos preenchida e turmas extras sendo abertas. Apesar disso, Docinho disse que quando começou com a associação, muitos catadores a criticaram, acreditando que ela tinha se "vendido", que tinha se tornado "outro Tião" e que estava do lado da COMLURB e contra os catadores. E completa que se apanha muito quando se torna uma liderança, sendo sempre uma luta provar que está dando o seu melhor.

Hoje a ACEX está desfalcada sem Ivan, Cantor e Abissalon, um dos seis componentes da formação original. Contudo Docinho é otimista e tem inúmeros planos para a associação à qual preside. Mais à frente vamos observar melhor a atuação dessa ex-catadora e os desafios que encontrou sendo uma liderança. É importante nesse momento, entendermos como se deu o plano de transição, e o papel da ACEX dentro dele, como já dito, é nessa negociação que as disputas políticas se evidenciam, e a participação dos catadores se faz presente.

⁴¹Frente de Trabalho é como é chamado o espaço do aterro onde ocorre a catação

2.1.3- Plano de Transição

O plano de transição é uma série de medidas criadas para amenizar o impacto que o encerramento do AMJG provocaria em seus catadores. Como já mencionado, foi uma força tarefa onde atuaram em conjunto os governos federal, estadual e dos municípios de Duque de Caxias e Rio de Janeiro e o Conselho de Lideranças⁴² que representavam o catador. Essas reuniões aconteceram ao longo de 2011, onde tentava-se chegar a um denominador comum para atender às demandas dos catadores.

Nesse tempo nada era decidido, até que em Janeiro de 2012 o prefeito Eduardo Paes anuncia o fim efetivo do aterro, causando um alvoroço entre a categoria e seus representantes nada estava decidido e se a *rampa* fechasse seria um impacto catastrófico para os quase dois mil catadores da região e seus dependentes.

Glória conta que em 2006 com a abertura da nova licitação para a empresa que gerenciaria o aterro, a COMLURB foi pressionada pela ACAMJG a incluir uma cláusula no contrato em que obriga a empresa vencedora a criar um Fundo de Apoio aos Catadores. Em meio à muita discussão, foi decidido que a renda gerada pela exploração de Biogás do aterro deveria ser direcionada para esse fundo, que previa, em um primeiro momento, a geração de trabalho e renda.

Voltamos para 2012. Dado o anúncio do encerramento, nenhuma das reivindicações da classe havia sido atendida, e foi então repensado o Fundo de Apoio aos Catadores, cogitando a possibilidade de se tornar uma espécie de indenização.

As complexidades políticas começam aí. Ivan conta que quando a ACEX começou a participar das reuniões sobre o plano de transição, foi então que ele ficou ciente de uma minuta no contrato que dizia que todo o dinheiro desse fundo deveria ser encaminhado para a cooperativa. Ivan demonstra a insatisfação com essa cláusula e sua associação a questiona. Da forma como ele me narra o episódio, parece que Ivan vê com grande desconfiança essa minuta, concluindo que ela só favoreceria aos interesses dos presidentes e cooperativas e que foi a ACAMJG que impôs essa condição. Já Lúcio apresenta sua plena insatisfação com a resolução de transformar o fundo de apoio em uma indenização nominal, alegando que isso conservará o catador na informalidade e atribui a culpa a Tião que não teve interesse político em manter o fundo como era na sua ideia original.

⁴²Esse conselho era formado pelos representantes das quatro cooperativas e das duas associações, e alguns representantes escolhidos para falar em nome da Frente de Trabalho.

Aqui percebemos que é atribuída a Tião a culpa pelos dois momentos, tanto pelo fundo criar condições de trabalho, e com isso necessariamente o seu dinheiro ser aplicado em cooperativas, assim como também por ter transformado essa renda em uma indenização individual. Glória conta que foram duas lutas diferentes e igualmente desgastantes, a primeira de se criar o fundo pensando na geração de trabalho e renda e a outra de se discutir junto com o Conselho de Lideranças o que fazer com esse dinheiro na véspera do encerramento. Para Glória, a posição da ACAMJG é igual à de Lúcio, eles preferiam que esse investimento fosse destinado à criação de empregos. O fundo contava com o montante de vinte e cinco milhões de reais, que dividido pelos quase mil e setecentos catadores daria para cada um quatorze mil setecentos e cinco reais e oitenta centavos, uma quantia razoável.

Decidido então o destino do fundo e o quanto seria a indenização, restava agora uma nova batalha, pensar junto aos catadores como seria dado esse dinheiro e quais seriam os pré-requisitos para recebê-los. No período de 23 de janeiro a 16 de fevereiro foi realizado no CRAS, Conselho Regional de Assistência Social de Jardim Gramacho um cadastramento de todos os catadores, nele além dos dados pessoais e da documentação, se faziam perguntas sobre o trabalho, se gostariam de trabalhar em cooperativas e o que fariam com o dinheiro. Nete, que participou do cadastramento, disse que inúmeras pessoas que nunca cataram uma latinha na vida tentaram se cadastrar, e a grande maioria era desmascarada na hora de responder que tipo de material catavam no aterro. A vice-presidente da COOPERGRAMACHO chega a rir com alguns exemplos como pelúcia e CD, pois era nítido que não tinham noção do trabalho do catador. O cadastramento foi realizado pelos funcionários do CRAS e membros de cooperativas e associações. Glória conta que apesar de ter milhares de catadores, todo mundo se conhece de alguma forma, e com isso dava para reconhecer um impostor tentando tirar vantagem da indenização, que segundo ela foram muitos.

Assim, a primeira triagem foi feita resultando em 1.907 catadores, foi então organizada uma assembleia onde compareceram desse total cerca de 1.300 pessoas para decidir quais seriam as condições para receber o fundo e como receberiam. Membros da ACEX, ACAMJG e outras lideranças subiram na *rampa* executando uma pesquisa junto aos trabalhadores para saber quais os critérios eles julgavam serem os mais justos para tornar o catador apto a receber a indenização, colheram esse material, separaram as respostas mais recorrentes e formularam uma proposta que foi então apresentada no dia

da assembleia. As mais de 1.300 pessoas se dividiram em grupos para deliberar sobre as sugestões oferecidas, caso não concordassem deveriam apresentar uma contraproposta. Alguns pontos foram acertados como: não poder receber quem está afastado há mais de cinco anos do aterro com exceção dos maiores de sessenta anos, e ter no mínimo um ano de catação, tendo em vista que muitas pessoas sabendo da indenização começaram a catar em Janeiro de 2012, dessa forma o número de 1.900 catadores cadastrados caiu para um 1.709 aptos para receber o dinheiro do fundo.

Porém, o assunto mais polêmico ainda estava para ser decidido, o de como receberiam esse dinheiro. Glória afirma que era terminantemente contra a cota única, e defendeu sua posição alegando que doze parcelas seria o ideal. Um ano seria o tempo de colocar todo o plano de transição em prática, gerando novos postos de trabalho e que nesse período o catador poderia se capacitar⁴³ e os que não tivessem conseguido entrar no mercado de trabalho, seriam incorporados pelo Polo de Reciclagem que estava sendo construindo. Assim, segundo Glória, ninguém passaria sufoco. A indenização dividida dessa forma daria 1.116 reais, ou seja, um salário razoável, completa Glória, que criticou o irmão por não ter tido força de convencer os catadores que essa seria a melhor solução. Dessa forma, a ACAMJG tentou negociar o pagamento em seis parcelas, mas não teve jeito: a cota única foi uma unanimidade.

De todos os catadores que conversei ao longo de minha estadia em Jardim Gramacho, poucos tinham dúvida de que essa foi a melhor solução, a maioria acreditava que se não fosse assim teriam seu dinheiro roubado. O problema é que muitos não souberam usar o benefício e alguns meses depois já passavam por necessidades, só que agora sem o aterro. Glória debochava de todos os catadores que diziam no cadastramento que iam abrir um negócio com o valor da indenização, e afirmava que as pessoas não tinham muita noção do valor do dinheiro. Fato é que durante o meu trabalho de campo ninguém soube apontar algum caso de alguém que tenha aberto seu próprio negócio. O que ouvi foi que muitos investiram em construir ou melhorar a casa, como Dona Ângela. Cantor é um exemplo de quem gastou tudo em pouco tempo, se justificando que pela vida ser curta e não saber se estará vivo amanhã aproveitou o dinheiro como achava certo. Luzia deu todo o dinheiro para a mãe que estava doente, e Docinho disse que gastou uma parte e guardou o resto na poupança. As aplicações das

⁴³Quando fala em capacitação do catador, Glória se refere a Escola Canteiro da FAETEC que funciona desde de Junho de 2012 e o convênio que a ACAMJG fechou com a PRONATEC que ofereceu gratuitamente mais de 1.500 vagas para os catadores de Jardim Gramacho.

indenizações foram as mais variadas, mas assim como afirmou Lúcio Viana, não foram capazes de tirar o catador da informalidade e nem de amenizar os problemas que o fim do aterro trouxe. Mas, essa não era a única etapa do plano de transição.

O cadastro realizado, comentado acima, foi também aproveitado pelo Governo Federal, que incluiu alguns catadores no programa Bolsa Família, até todos serem reintegrados no mercado. Inclusive, a maioria dos catadores afirmou, nesse mesmo cadastro que não gostaria de trabalhar em cooperativa, a descrença por essa alternativa de trabalho já se mostrou histórica, desde a formação da COOPERGRAMACHO. Contudo essa parece ser a solução apresentada no plano de transição. Está sendo construído com uma verba de 1,5 milhão reais oriunda do Fundo Estadual de Conservação Ambiental e Desenvolvimento Urbano o Polo de Reciclagem⁴⁴. O terreno que hoje pertence a ACAMJG foi estendido, e nele as quatro cooperativas de Jardim Gramacho COOPERGRAMACHO, COOPERJARDIM, COOPERCAXIAS E COOPERCAMJG vão ganhar seu próprio espaço e infraestrutura. A ACEX também ganhou um lote, onde funcionará uma Central e Capacitação de Tratamento de Resíduos – CCTR. Docinho todos os dias acompanha e atua na preparação do solo e das obras.

Segundo Glória, em maio de 2013 o Polo ficará pronto, recebendo o lixo de empresas que já traçaram convênios como Natura, EBX, o condomínio Morada do Sol, eventos que acontecem na Marina da Glória, e em planos futuros, a recepção dos resíduos de Duque de Caxias, pois há o plano de implantar coleta seletiva no município. Glória aponta que o começo do Polo não vai oferecer mais de cem vagas, mas seu plano é ampliar cada vez mais.

Além disso, mais 1,5 milhões de reais foram investidos para a construção de uma cerca no entorno do aterro com a função de evitar o depósito ilegal de resíduos, e está em andamento o reflorestamento da área do mangue, no qual alguns ex-catadores foram aproveitados para atuar no replantio da região, como o filho de Dona Fátima. Ainda outros catadores foram admitidos pela COMLURB e hoje operam máquinas com carteira assinada no aterro sanitário de Seropédica.

Cabe frisar que o Polo de Reciclagem se encontra dentro de um contexto maior, onde se pensa com mais atenção o ofício do catador no Brasil, em um momento histórico em que essa categoria conquista paulatinamente maior organização e mais voz.

⁴⁴ "O Drama de Gramacho" - Jornal O Globo- Caderno Razão Social - 15 de Março de 2011

O Movimento Nacional dos Catadores junto com o Governo Federal deliberou a Lei 12.305, ou a Lei de Resíduos Sólidos, que é bem abrangente. Trata-se da questão do lixo em todas as suas esferas, desde o consumo até a chegada na logística inversa, a reciclagem. Nesse sentido, abarca-se o fim dos lixões e a regulação da coleta seletiva em que todo o material reciclável deve ser destinado aos trabalhos de cooperativas formadas por catadores e catadoras. É como explica o site do Ministério do Meio Ambiente: "Cria metas importantes que irão contribuir para a eliminação dos lixões e institui instrumentos de planejamento nos níveis nacional, estadual, microrregional, intermunicipal e metropolitano e municipal; além de impor que os particulares elaborem seus Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos."

Essa lei também coloca o Brasil em patamar de igualdade com os principais países desenvolvidos no que concerne ao marco legal de tratamento de lixo, e inova com a inclusão de catadoras e catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis, tanto na Logística Reversa quanto na Coleta Seletiva"⁴⁵

Dessa forma há um plano nacional para regularizar essa profissão e uma meta de exterminar os lixões que são nocivos para o meio ambiente e um espaço extremamente insalubre e inadequado de trabalho. Contudo, essa mesma lei flagra um paradoxo vividos pelos catadores de Jardim Gramacho. No momento em que a luta não só dos trabalhadores do AMJG como dos catadores em geral no Brasil ganha destaque e espaço na agenda pública para ser discutido e pensado, as soluções apresentadas parecem atropelar o real desenvolvimento do país. Quando olhamos para a Lei de Resíduos Sólidos, o que apreendemos dela é uma forma avançada de pensar o lixo produzido, legislando regras que conferem responsabilidades ao setor público e privado, assim como a cada cidadão com a separação do seu lixo para o perfeito funcionamento da coleta seletiva.

Sabemos que o ritmo de uma mudança de hábito não se faz de forma tão rápida. Não é possível medidas como estas serem postas em prática a curto prazo, pois demanda muito tempo até que todas as esferas envolvidas se organizem para estarem aptas a realizarem o serviço de forma satisfatória. Ou seja, até o Brasil incorporar de fato as políticas responsáveis com a produção de resíduos sólidos, muitos catadores continuaram na informalidade, atuando nas péssimas condições de trabalho que lhe são inerentes. Assim, como os catadores de Jardim Gramacho que viram no avanço da Lei

⁴⁵<http://www.mma.gov.br/politica-de-residuo-solidos>

12.305 ser ao mesmo tempo um ganho para a categoria, concomitantemente esta apresentou ser um retrocesso para o trabalho de catação no atual momento. Em outras palavras, com o fim do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, que teve seu encerramento por motivos ambientais previstos na Lei de Resíduos Sólidos, com sua longa vida e por não se tratar de um aterro sanitário, sendo este um lugar insalubre onde a ocupação da catação não pode ser tolerada, milhares de trabalhadores e suas famílias ficaram sem a sua principal fonte de sustento.

É inegável observarmos que há vitórias valiosas no reconhecimento desse trabalhador e de uma lei que resguarda seu trabalho e garanta seus direitos, porém é claro como essa conquista não articulou, no caso de Jardim Gramacho, uma transição adequada que pudesse amparar esses trabalhadores. O futuro é ainda incerto.

Até agora tentei traçar um panorama da situação de Jardim Gramacho no contexto do seu encerramento e como a população catadora, seus representantes e o poder público se mobilizaram em prol de uma solução. Foi partindo da memória de quem viveu essa história que compreendemos o trabalho da catação e como esse fim impactou cada personagem apresentado de maneira única. Muito do que alcancei em campo através de minhas conversas foi a fonte principal para entender que lugar era esse e quem eram as pessoas que lá viviam e que de lá tiravam seu sustento. Acompanhei catadores na iminência da desativação do aterro, no momento em que foi fechado e os segui até seis meses depois de seu fim efetivo. Nessa trajetória cheia de oscilações, percebi como esse evento dramático afeta também a fala e principalmente a lembrança vivida. Frente a tudo o que foi apresentado aqui, e no que encontro em minhas anotações, gravações, filmagens e nas minhas próprias lembranças, considero relevante fazer algumas breves considerações sobre a memória do catador de Jardim Gramacho.

2.2- Os desenhos da memória.

Pensando a obra de Proust, Walter Benjamin afirma:

"Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas

uma chave para tudo o que veio antes e depois.”
(BENJAMIN, 2012, p.37)

O Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho fechou suas portas a dois de junho de 2012 e era para muitos trabalhadores um lugar verdadeiramente especial, para além da relação de ganha pão, um espaço onde muitos fizeram amigos, encontraram parceiros, se divertiam e como era comumente apresentado para mim, um lugar onde se podia esquecer dos problemas.

Apesar da minha presença lá ter um foco, era importante entender o que era a *rampa* e o que o fim dela acarretou na vida das pessoas que conheci. Minhas perguntas seguirem por esse roteiro, muitos abriam suas vidas pessoais, que por vezes se misturavam com as histórias vividas no espaço do trabalho. A vida vivida foi exposta de maneira tão generosa e sem grandes receios. Dessa forma foi possível ver que os limites do aterro não eram necessariamente os limites do trabalho, que naquele lugar muito se aprendia, muito se conquistava, muito se vivia.

Walter Benjamin disse: "O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre grandes e pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. (BENJAMIN, 2010, p.223). Distinguir entre o vivido no trabalho e o vivido na esfera pessoal, nesse caso não se trata de uma limitação tão fácil de ser realizada que deve ser considerada. O Sindicato da cachaça, por exemplo, tinha na *rampa* a sua moradia, seu espaço de diversão e o local de trabalho. Quando Jeniffer e Luzia contam que no aterro conseguiam esquecer os problemas, você entende a dimensão disso na vida das personagens quando elas contam pelo que já atravessaram e ainda atravessam, e que existem marcas profundas em suas vidas.

O fato de Docinho chorar quando conta que sua filha tem orgulho da mãe catadora e que não tem vergonha de contar para as colegas da escola, ou quando narra que seu ex-marido quase tirou os filhos da sua guarda quando soube que ela havia virado catadora, é o trabalho que se envolve muito profundamente com a vida e vice-versa, esses aspectos estão muito impregnados na memória, não se acessa a história de um determinado lugar sem com ele acessar a subjetividade de quem o viveu.

"É preciso recordar o paradoxo da memória que faz com que não haja nada de mais pessoal, de mais íntimo e mais secreto do que a memória, mas que as memórias de uns e

de outros, entre parentes, vizinhos, estrangeiros, refugiados – e também adversários e inimigos – estejam incrivelmente enredadas umas nas outras ao ponto de, às vezes, já não se distinguir nas nossas narrativas o que é de cada um: as feridas da memória são, simultaneamente, solitárias e partilhadas." (RICOEUR, 2005, p.1)

A memória então, elemento essencialmente subjetivo pode ganhar contornos coletivos, Ricoeur destaca as feridas da memória, que são ao mesmo tempo solitárias e partilhadas. A dor do encerramento da *rampa* afeta cada catador individualmente e é compartilhada por todos. O bar do Tadeu, localizado ao lado da entrada do aterro, foi um lugar que frequentei bastante em minha pesquisa, e sempre havia algum catador por lá, afinal ali era o bar mais próximo do aterro. Além das figuras que se tornaram conhecidas para mim, sempre havia um que puxava papo, e para todos que eu perguntava sobre o encerramento, havia uma opinião compartilhada por todos: "foi péssimo", as pessoas só citavam o desemprego, que hoje muitos passam fome, que o bairro foi abandonado, que antes ele era cheio de vida, com muitas pessoas andando de dia e noite, os bares ficavam abertos, podia se sair a qualquer hora que haveria movimento na rua. Cada um com quem converso preenche através das descrições o vazio que hoje se encontra o bairro. É possível visualizar pelas narrativas o barulho intenso das inúmeras carretas chegando e saindo, dos catadores rumando em direção ao aterro ou voltando dele, os bares cheios de trabalhadores conversando. Esse quadro é pintado por cada fala, e a saudade desse tempo já é compartilhada por muitos.

Na narrativa dos trabalhadores em Jardim Gramacho, que tive a oportunidade de conhecer mais intimamente, percebi um elemento interessante, (como já dito, minha trajetória em Jardim Gramacho se deu oito meses antes do encerramento até sete meses depois do seu fim, e houve personagens com os quais convivi durante todo esse percurso), e em suas falas pude sentir tons diferentes, que adicionam novas matizes ao discurso sobre fim do aterro.

A primeira vez que encontrei com Cantor foi no dia 17 de maio de 2012, e em uma longa conversa, discutimos como seria o fim do aterro, ele afirmou que estava feliz porque não gostava do trabalho: "Eu sei que eu não sou burro, mas no fundo no fundo eu sou, então eu não tô aqui porque foi falta de opção, eu tô aqui porque eu sou burro. Eu não quero tá aqui, hoje em dia eu penso de outra maneira.(...) Eu deixei chegar no extremo, agora eu tenho que encarar, dizer para você que eu gosto? Detesto ficar

mexendo no lixo de todo o Rio de Janeiro! ‘Você acha defunto, ossada, merda...’ e acrescenta: "Eu queimo meu lixo, porque eu odeio lixo." Quase dois meses depois do fim do aterro reencontro Cantor, que me apresenta um outro discurso em que diz: "Olha, nos tínhamos desvantagens, mas tinha muito mais vantagens que desvantagens. O governo simplesmente cortou essa vantagem nossa, obrigando a gente a fazer o que eles querem, como sempre, né? Ditadores. Porque a gente fazia o que queria, trabalhava o dia que queria e dava condições para família bem melhor que o salário que eles oferecem para a gente." Cantor afirma que na época em que catava no aterro comia três tipos diferentes de carne por dia, e nunca comprou acém, e hoje ele reclama do trabalho assalariado. Eu pergunto se ele não está feliz com o final do aterro por ter conseguido uma ocupação com carteira assinada, e ele diz que não, que esse emprego não significa nada para ele, e só ajuda a dar um arroz e feijão para a família.

Em menos de dois meses a visão de Cantor mudou consideravelmente sobre o trabalho no aterro, apesar de ainda ponderar o lado negativo da catação, em minha segunda conversa ele acentuou o tons do lado positivo do trabalho e o quanto estava saudoso da renda que tinha do aterro. Muito diferente de nosso primeiro encontro, onde Cantor revelava veementemente sua aversão pelo trabalho na catação.

De uma forma mais suave, Docinho também apresentou oscilações em sua memória sobre o trabalho na *rampa*. Ela sempre considerou que podia se ganhar um bom dinheiro, e que seu irmão tem uma casa, carro e moto, frutos do trabalho no aterro. Mas em nosso primeiro encontro ela entendia o fim do aterro como um começo de uma nova fase, em que estava feliz em colocar um ponto final na sua trajetória de catadora. Já em nossa última conversa em janeiro desse ano, Docinho afirmava que se pudesse estar em Seropédica catando, estaria. Não sei ao certo precisar o que fez as opiniões e memórias do trabalho mudarem depois da desativação do aterro, mas a forma com que cada indivíduo via seu trabalho mudou frente ao drama efetivado.

Parece ser um ponto em comum para quem pensa a memória colocar o presente como matéria ativa para redesenhar as lembranças vividas. Bergson afirmava que é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde (BOSI.1983, p.10). Benjamim coloca: "Articular historicamente o passado, não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo (2010, p.224).". A essas reflexões acrescento a colocação de Pollak:

"Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colocou o passado (...) Conforme circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformado e reinterpretando o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido." (POLLAK, 1989, p.6)

Essa colocação ilustra bem a mudança contundente de *Cantor*, que redesenhou o trabalho na *rampa* a partir de seu encerramento efetivo. Ao se deparar com a percepção de que aquela realidade nunca mais voltaria, no lugar de um alívio como demonstrou Docinho em um primeiro momento, revelou-se a saudade e vontade, caso tivesse uma oportunidade, de voltar ao antigo ofício.

Quando Pollak diz também a que lugar o presente colocou o passado penso no trabalho assalariado de *Cantor*, do qual lhe trouxe imenso desgosto, ele chega até dizer que o trabalho não vale nada para ele. O lucro conseguido na *rampa* comparado com a realidade de hoje revelou que o passado era mais interessante, e logo as boas memórias desse tempo são acessadas na segunda fala de *Cantor*, fala as quais não foram apresentadas em nosso primeiro encontro.

Outros exemplos podem ser dados, como o aumento gradativo na fala de alguns catadores de quanto poderiam ganhar por mês na *rampa* “em meu começo de trabalho de campo era modestos 1.500 reais até uns 2.000 em dias bons, pós-fechamento cheguei ouvir 6.000 reais, fora o ouro, os celulares, as roupas de marca”. Jeniffer conta que achou na *rampa* um sapato que já viu vendendo no Shopping por quase R\$1.000. Os exageros nas cifras mostram o quanto a *rampa* também foi ficando supervalorizada na lembrança dos catadores.

Ecléa Bosi define bem como lidamos com a memória, principalmente pensando o contexto apresentado: "Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideia de hoje, as experiências do passado" (BOSI, 1983, p.17). Baseada nas considerações acerca da memória de Halbwachs⁴⁶ acrescenta: "A memória não é sonho é trabalho" (Bosi, 1983, p.17)

"A experiência da releitura é apenas um exemplo entre muitos, da dificuldade, senão da impossibilidade que todo

⁴⁶Halbwachs vai dizer que o caráter da memória é livre, espontâneo chegando a ser quase onírico.

sujeito que lembra tem em comum com o historiador (...) refazer, no discurso presente, acontecimento pretéritos. (BOSI, 1983, p.23)

Meu trabalho de pesquisa acabou sendo muito bem situado no tempo histórico de uma comunidade. Ou seja, minha questão era compreender o impacto do fechamento do aterro para os catadores. Muitos desses trabalhadores, como mostrado ao longo do texto, são moradores do bairro de Jardim Gramacho, e isso, dessa forma, facilitou para identificar esse drama não só nas memórias vividas, como também no próprio bairro, esse abandono e vazio que é tão presente na fala daqueles com quem conversei.

Outro ponto digno de nota sobre essa reconstrução ou manutenção da memória do catador está também presente no Plano de Transição, que visava incluir no projeto de reurbanização do bairro um Museu do Catador.

Em minhas conversas em Jardim Gramacho, tanto com moradores quanto com catadores ninguém acreditava muito na reurbanização, alegavam que com o fim do aterro ninguém mais iria se importar com o bairro. Dessa forma, os próprios catadores debochavam da ideia do museu. Brincavam sobre o que iam colocar lá dentro, pontuavam: lixo, uma lona, uma balança, e demais elementos que compõem o universo da catação, e que para eles soava extremamente desinteressante, muitos me perguntavam, quem ia ter interesse de ver um museu com esses tipos de objetos?

O interessante é que na fala, ainda que jocosa, sobre essa ideia, muitos enumeravam elementos que iriam para dentro desse suposto museu, o que inconscientemente talvez, revela quais objetos eles consideravam relevantes para apresentar a si próprios. Muitos cogitavam a lona, o que não é de se admirar. A lona é um dos elementos mais importantes para que o trabalho seja realizado, senão o mais, e é nela que os catadores depositam o material colhido.

Mesmo que esse museu não se concretize, a ideia dele despertou um diálogo interessante entre eu e os catadores, sobre os objetos e demais saberes (como a forma de realizar a catação) que eles consideravam essenciais para o seu ofício.

O aterro também se revelou um lugar de aprendizado, além do saber da reciclagem, o conhecimento mais recorrente nas falas dos catadores foi o de distinguir o ouro e demais metais preciosos. Vários catadores com quem conversei como Ivan, Cantor e Luciano, que será melhor apresentado na segunda parte do nosso texto, me narravam táticas de reconhecer o ouro, e como saber se ele era puro, banhado ou misturado com outro metal.

Realizada essa breve consideração sobre a memória, apresentando todo o percurso que Jardim Gramacho viveu até chegar ao encerramento do maior aterro da América Latina, esse lugar que abrigou milhares de trabalhadores, muitos dos quais dedicaram quase que vidas inteiras na coleta de materiais recicláveis. Conhecemos algumas trajetórias, as lutas políticas e as conquistas de muitos desses catadores, alguns que ainda estão seguindo seus caminhos em busca de alternativas para a vida sem catação.

Agora que estamos mais próximos dessa realidade, situados no tempo e espaço, familiarizados com os personagens, convido o leitor a seguir para a segunda parte desse trabalho. Nesse novo momento será apresentada uma reflexão a outro momento dessa mesma pesquisa, quando coloco em campo os equipamentos de filmagem. Nessa segunda parte novos questionamentos, inquietações e reflexões em torno da memória e imagem serão apresentados.

PARTE 2

Parte 2 - Introdução.

"A raiz de toda arte é o homem"

Karl Marx

Tanto a Antropologia quanto o Cinema pertencem à ordem das narrativas. As semelhanças no trabalho do antropólogo com o do documentarista são inúmeras, ainda que de natureza distintas. O cineasta se pretende artista enquanto o compromisso do antropólogo está na ciência.

Contudo, não é novidade que a Antropologia, esse jovem campo do saber, trabalhe em conjunto com o cinema, outra invenção relativamente recente se pensarmos na perspectiva do tempo histórico. A antropologia em sua origem nasceu do desejo de conservar manifestações culturais de grupos ditos "primitivos" na crença que esses estudos poderiam colaborar para entender melhor a origem do homem moderno e desenvolvido, e também para arquivar essas manifestações como algo que estava inevitavelmente a mercê de um fim. Ao mesmo tempo, estava acontecendo uma revolução tecnológica com os irmãos Lumière na França (BARBOSA e CUNHA, 2006) em 28 de Dezembro de 1895, onde acontecia para o mundo a primeira projeção de um filme.

Segundo Andrea Barbosa e Edgar Theodoro da Cunha, o nascimento da antropologia e o do cinema parece ter sido concomitante. E o seu encontro, fez do audiovisual uma ferramenta sem precedentes para o trabalho do antropólogo. Assim como coloca Pault (s/d): "A etnografia é contemporânea ao nascimento do cinema e os primeiros filmes foram, de fato etnológicos".

Contudo, a intenção aqui não é traçar a genealogia entre a antropologia e o cinema para justificar esse trabalho, e sim com as exemplificações feitas acima mostram como o trabalho do antropólogo pode se enriquecer com a experiência audiovisual e vice-versa.

A motivação para esse trabalho partiu de um filme, um filme difícil de definir. Alguns o categorizam como *filme ensaio*, uma tentativa de transpor a ideia do ensaio literário para a produção fílmica.⁴⁷ Não se trata de um documentário, filme etnográfico,

⁴⁷Para se entender melhor o conceito de filme ensaio sugiro a leitura da dissertação "O ensaio e as travessias do cinema documentário" de Marília Rocha de Siqueira, UFMG, 2006.

ficção ou hibridismo dos gêneros apresentados. A difícil definição da obra em questão pode ser ao menos descrita, se trata de uma cineasta, no caso, Àgnes Varda, em seu filme *Catadores e Eu* (2000) que parte por uma viagem pela França mostrando as reminiscências do trabalho de "catador", ou em francês *glaneur*⁴⁸. Varda nos mostra como essa prática foi se reinventando ao longo dos séculos com todas as dificuldades que o advento do capitalismo trouxe, como os grandes produtores que não permitiam mais as práticas da coleta de alimentos, ou impunham limites de quanto recolher e de aproximação com a plantação.

Mas o que desperta e instiga nessa produção de Varda, foi como ela ampliou essa ideia do *Glaneur*, e obviamente, tratando-se de um filme do ano 2000, como ela apresentou os *Glaneures* contemporâneos, ou seja, os catadores das cidades, pessoas que escolhem o lixo para viver, ou que por não terem escolha vivem do lixo.

Nesse filme encantador, percebemos as várias formas e utilidades que o que é jogado fora pode ganhar. Varda nos apresenta artistas plásticos, ativistas, jovens urbanos, chefes de cozinha e ela mesma, como uma catadora de imagens e histórias acerca das pessoas que fazem da coleta uma forma viver. Varda nos mostra verdadeiros saberes que passam de geração para geração, ou que são simplesmente apreendidos na rua como uma espécie de subterfúgio da opressão das grandes cidades e do consumo excessivo. É claro que o caso francês difere em diversos aspectos do caso brasileiro. Quanto a isso não resta dúvida. Porém, a reflexão gerada ao assistir ao filme de Varda me conduziu diretamente à produção audiovisual brasileira acerca dos catadores de materiais recicláveis. Logo, foi a partir dessa experiência que fui impulsionada a rever *Boca Lixo*, me reaproximar de *Estamira* e conhecer o até então recém-lançado *Lixo Extraordinário*. Nesse percurso cheguei enfim ao interesse de estudar esses trabalhadores informais que ganham sua vida da catação do lixo.

Do filme surgiu a ideia do trabalho de campo e do trabalho de campo voltamos para a ideia de realizar um filme. O cinema sempre esteve presente no meu campo como um todo, fazendo entender que ele não é delimitado pelas fronteiras físicas do bairro de Jardim Gramacho, mas também abarca a produção audiovisual aqui citada.

⁴⁸*Glaneur* se diferencia de catador, por que como conta Varda, era uma prática muito popular na França rural de "catar" os alimentos do campo que foram deixados para trás pós-colheita.

Como coloca Claudine de France em *Do filme etnográfico a Antropologia fílmica*⁴⁹, "A originalidade da disciplina está no fato de que ela possui um objeto de duas faces: o filme pode ser tanto o seu instrumento quanto o seu objeto." (FRANCE, 2000, p.18). Com isso em vista, o seguinte trabalho exercita essas duas facetas da Antropologia Visual, tanto utilizando fontes audiovisuais para estudo e reflexão como campo e material bibliográfico de pesquisa, como também uma via de experiência dentro do campo, outra forma de produzir conhecimento.

Porque falar de Jardim Gramacho em um trabalho de mestrado para além do texto escrito? Porque mais um filme sobre esse lugar, sobre essas pessoas? E como isso pode contribuir para o estudo de catadores que acontece de maneira crescente no universo acadêmico? A pesquisa aqui apresentada está fundamentada em dois pilares, a memória e as imagens, sendo impossível desassociar uma da outra. A comunidade de Jardim Gramacho, como já apresentada, sofreu um violento golpe com o encerramento das atividades do Aterro Metropolitano. Tudo é muito recente, o que se flagrou nessa experiência de campo foi como essas pessoas estão reaprendendo a viver, descobrindo novas formas de sustento, geração de cursos de capacitação, novas organizações políticas sendo criadas e manutenção das velhas associações e cooperativas.

Dito isso, se pensa então o uso das imagens no contexto apresentado. O vazio do bairro, por exemplo, quem frequentou Jardim Gramacho antes do encerramento do aterro não acredita na desocupação de hoje. É possível dizer que existe uma espécie de melancolia pelas ruas, principalmente pelas ruas que levam até a *rampa*. O movimento de caminhões que era ininterrupto dia e noite, se transformou em uma avenida empoeirada onde em raros momentos se vê um veículo trafegando. As birosacas que rodeavam o espaço pré-trabalho no aterro, configurando-se com um lugar de socialização, estão fechadas e as que conseguiram ficar abertas contam com a presença de alguns poucos ex-catadores, que agora sem terem o que fazer e com pouca esperança de arranjar um novo serviço, ficam à sombra do bar do Tadeu vendo a vida passar, brincando com os transeuntes ou simplesmente jogando conversa fora.

Esse esboço de descrição é intensificado no poder das imagens, no olhar, no silêncio, na amargura, na esperança ou na falta dela, todos esses sentimentos que são evocados pelos personagens de Jardim Gramacho ganham força com a câmera. A

⁴⁹Nesse texto Claudine de France apresenta o que seria essa nova disciplina. Em seu texto ela prefere usar o nome Antropologia Fílmica no lugar de Antropologia Visual, pois se trata especificamente de usar e estudar produções audiovisuais, enquanto a Antropologia Visual abarca também a produção e o estudo de fotografias e demais trabalhos de artes visuais.

descrição de um bairro que já foi tantas vezes cenário de documentários e reportagens de televisão adquire um novo sentido no trabalho proposto.

Aqui não mais registraremos o ofício do catador e a vida no aterro, agora se trata de compreender a nova vida desses trabalhadores, a memória desse espaço que já foi tão debatido, comentado e retratado. Os registros realizados desenham como era a vida na *rampa*. Uma memória tão recente que nos leva a um lugar ainda mais interessante que a narração das histórias vividas, mas ao sentimento atual compartilhado pela maioria das pessoas que permaneceram no bairro. A sensação de abandono, de falta de esperança e de saudade.

O assédio constante da mídia na iminência do encerramento deu voz de maneira muito precária a esses trabalhadores. Tudo deve ser resumido a alguns poucos segundos na televisão, as lembranças dessa forma não seriam acessadas de maneira aprofundada, possibilitando uma verdadeira reflexão sobre o problema, a única função é noticiar o que está acontecendo, nada mais.

A pesquisa então proposta visa incluir essa discussão, registrar esse momento tão pertinente no conjunto de imagens produzidas sobre o bairro, perceber como isso impactou a vida desses trabalhadores através das falas, gestos e na forma de reconstruir os fatos vividos.

Nesse sentido, a segunda parte desse trabalho focará em um dos pilares dessa pesquisa: a imagem. A primeira parte, como já apresentada, contou a vida do bairro, as histórias, a experiência etnográfica e trouxe toda uma reflexão que servirá de bagagem para entendermos esse novo momento.

Aqui se justificará o porquê da escolha de se realizar mais um filme sobre Jardim Gramacho, será também discutida a metodologia da Antropologia Visual, tentaremos compreender os processos que rodeiam a feitura de um filme etnográfico, seus desafios, sua relação com a memória, e como a entrevista munida da câmera pode por vezes potencializar ou enfraquecer o discurso.

Por fim, cabe ressaltar mais uma vez que a escolha de dividir esse trabalho da maneira proposta surgiu com o próprio desenvolvimento da pesquisa, que em campo, se encontrou dividido da mesma maneira como ocorre aqui. Meu primeiro momento em Jardim Gramacho foi sem a presença de nenhum equipamento de filmagem. Nessa ocasião estava criando relações, conhecendo os espaços, as lideranças, funcionamento das cooperativas, ex-catadores e a população em geral do bairro, ganhando confiança e gerando intimidade.

Esse método foi adotado em parte pela necessidade de se criar vínculos, para uma maior liberdade e possibilidade de verdadeira imersão no universo da pessoa filmada, mas também em parte pela busca ao acesso ao equipamento de filmagem. Eu não possuía nenhuma câmera ou microfone que pudesse usar em campo. Isso só foi possível com a criação de um Laboratório do Filme Etnográfico, que supriu essa lacuna, permitindo a realização do meu projeto em sua plenitude.

Dessa forma passei quase sete meses em Jardim Gramacho, dessa vez só realizando as filmagens. Toda essa experiência será analisada à luz da teoria produzida na Antropologia Visual, realizando dessa maneira um grande exercício de reflexão metodológica. Concluiremos o presente trabalho com o que foi aprendido com a câmera, e o que a experiência de uma filmagem acrescentou nesse trabalho. E as impressões dos personagens retratados após verem o filme. Observando atentamente as reações e ouvindo atenciosamente as opiniões dos personagens que compõem o filme.

Parte 2

Capítulo 1 - O porquê da câmera?

Os últimos anos foram bem atípicos para o bairro de Jardim Gramacho. Segundo informações da Comlurb⁵⁰ o aterro sempre recebeu muitos fotógrafos e equipes de televisão, mas o assédio visto no ano de 2012 com o anúncio do encerramento foi surpreendente. Os dois filmes premiados, *Estamira* e *Lixo Extraordinário* também contribuíram para fixar fama ao bairro e levar a imagem dos catadores pelo Brasil e pelo mundo.

Podemos contar que desde 2004, Jardim Gramacho já dispõe da visita de uma série de profissionais que trabalham com imagem, entre eles, cineastas, documentaristas, jornalistas, repórteres, fotógrafos, artistas plásticos além dos acadêmicos e pesquisadores de naturezas diversas. Configurado o quadro acima, surge a pergunta mais pertinente no meio desse mar de representações e informações sobre Jardim Gramacho, porque mais um filme sobre os catadores desse bairro? Partindo dessa provocação pretendo gerar uma possível reflexão sobre uma abordagem metodológica do "porquê do filme" e como esse processo funcionou dentro e fora de campo.

Como já havia dito na introdução dessa segunda parte, a ideia desse trabalho partiu de um filme que me levou a outros filmes. Vendo e revendo as obras sobre o assunto, percebi uma questão que me mobilizou, nenhum dos filmes falava do cotidiano do catador. Os dois filmes construídos a partir de experiências em Jardim Gramacho, giravam em torno de dois outros grandes temas e tinha o cotidiano da catação em segundo plano. Em *Estamira*, o documentário tem em seu mote principal além da biografia de Estamira que envolve sua loucura, sua poética e seu universo, com isso, inclusa nesse contexto está também sua atividade como catadora, da qual a personagem faz poderosas reflexões. Já *Lixo Extraordinário* apresenta a trajetória do artista plástico Vik Muniz do momento em que conhece o aterro até a proposta de um trabalho em conjunto com os catadores. A vida desses personagens é superficialmente contada, e não se relata de perto o cotidiano da catação. Não se trata dos diretores em questão não se

⁵⁰Dados recebido através de uma entrevista feita com Adílson, funcionário da área de comunicação da Comlurb e Lúcio Viana gerente do aterro em 10/05/2012.

importarem com o ofício, mas seus objetivos como cineastas eram dar vultos a outros temas. Dentro dessa percepção o sentimento foi uma instigante vontade de produzir um filme que tivesse Jardim Gramacho como personagem principal, o bairro, o aterro, catadores e suas vidas.

Porém, o dinamismo que é inerente ao mundo mudou o curso dos meus planos. Assim como já narrado na parte primeira desse trabalho, o anúncio de quase dez anos sobre o encerramento do aterro tornou-se realidade. E no seio desse período turbulento estavam minhas ideias e pretensões seguindo um novo fluxo de interesse. Tratava-se de um dos momentos mais importantes e significativos na vida daqueles milhares de catadores, e isso deveria ser visto e registrado. O fim do aterro e como isso repercutiu na vida desses trabalhadores se transformou no tema central do meu trabalho, e não poderia ser diferente, e o que cabe salientar é que mudando o rumo da minha pesquisa não excluiria o objetivo inicial de entender os impactos da produção audiovisual naquela comunidade e o de compreender de forma mais aprofundada esse trabalhador.

Pensando que esse evento pode ser considerado histórico dentro da trajetória de Jardim Gramacho, e dentro da história dos catadores de materiais recicláveis no Brasil, destaco a frase de Eduardo Geadá na sua introdução de uma coletânea de artigos sobre o cinema organizada pelo autor⁵¹ em que diz:

"O cinema transforma tudo que é histórico em poético, seja no documentário ou na ficção, ao recriar nas imagens a experiência do homem comum" (Geadá, 1985, p.5)

Acrescento a essa reflexão, a fala de Balázs também trazida por Geadá, que afirma que a imprensa durante séculos tornou ilegível a face dos homens e foi com o cinema, que o corpo e o rosto do homem pôde se traduzir em uma experiência visual, sem a mediação das palavras, o indizível se torna visível. Vale lembrar que essa colocação de Balázs, se refere ao cinema mudo, porém sua opinião resiste ainda muito atual.

Comolli, por exemplo, crítico e teórico do cinema contemporâneo, em especial do documentário, vai defender esse ponto de vista. A cristalização ou a banalização que a televisão em geral faz das "pessoas comuns"⁵² da nossa sociedade. E como na experiência do cinema isso pode ser revertido, através de uma percepção e compreensão

⁵¹Estéticas do Cinema, 1985.

⁵²Termo usado por Geadá.

mais profunda, explorando não só a palavra mas outros aspectos que fazem o outro se comunicar.

Pensemos em todo o assédio da mídia, aqui já mencionado, em torno do encerramento do aterro de Jardim Gramacho à luz das considerações apontadas acima.

O anúncio do fechamento foi realizado diversas vezes ao longo de 2012, sempre sendo reconsiderado e gerando a estipulação de uma nova data. Com isso, enquanto novos anúncios eram refeitos, intensificavam-se as matérias de jornal, tanto impressas/internet quanto televisivas.

Mas o que a televisão mostrava desse evento que seria devastador para a economia familiar desses milhares de trabalhadores e para a economia do bairro? Como a mídia via esses catadores? E que voz eles ganhavam? Quais eram os questionamentos feitos por esses profissionais da informação? E como os catadores os percebiam?

Para ajudar nessas indagações, Marilena Chauí, em uma conferência realizada na USP, em 2012, intitulada "A ascensão do conservadorismo"⁵³, questiona as perguntas feitas por repórteres em grandes eventos, e afirma que aos protagonistas da situação nunca é perguntado: O que foi que aconteceu? O que você pensa disso? O que você fez disso que aconteceu? Constatando que os repórteres removem a voz daquele que vive o drama para refletir sobre o assunto, suas colocações são apenas para ilustrar o problema e não para pensar o problema. A reflexão da crise é função de quem dá a notícia. O mesmo acredita Balázs, quando afirma que a "imprensa tornou ilegível a face dos homens". De acordo com Chauí, há uma espécie de subestimação do personagem que viveu ou vive o evento noticiado, como se ele não fosse capaz de falar sobre o ocorrido, aproveitando-se em sua fala somente o que sente, mas não o que pensa.

Não seria diferente com os catadores de Jardim Gramacho? Suas falas são sobre as tristezas e agonias do iminente fim de sua principal fonte de renda, mas não há espaço para falarem sobre o que eles acham do encerramento, que possíveis soluções sugeririam, quais são as causas desse encerramento. Em suas falas para a mídia resta apenas o sentimentalismo.

Comolli faz duras críticas à televisão e como ela lida com a população em geral, o espaço para o povo falar é sempre pouco, sempre diminuído por outras falas que a televisão considera mais importantes, igualmente como pensa Marilena Chauí, dessa forma Comolli conclui:

⁵³ http://www.youtube.com/watch?v=KrN_Lee08ow

"A raridade da palavra e raridade da presença das pessoas, quero dizer, do povo, são tais na televisão, apesar da ininterrupta enxurrada de imagens e mensagens (...). Tudo o que passa na televisão lhes dá a impressão, às pessoas do povo de não terem lugar ali, ou pior ainda; de terem lugar fixado de antemão" (COMOLLI, 2008, p.57).

Ainda na mesma crítica o autor completa: "O povo é reduzido à mais mixuruca das banalidades" (COMOLLI, 2008, p.57). Seria então a poesia que o cinema possibilita, colocada por Geada, uma opção satisfatória para sanar a lacuna deixada pelos meios de comunicação? Uma via de compreensão mais aprofundada e interessante do encerramento do aterro?

Minha experiência no bairro aponta que o que foi visto em relação à imprensa e à cobertura do fechamento do aterro está mais próximo das ponderações de Marilena Chauí e Comolli. A pressa exigida pelos editores e pelo próprio ritmo da televisão dita como tudo deve ser feito, sendo um motivo para os jornalistas não poderem de fato se aproximar. Outro fator negativo é a maneira como esses profissionais afetam a rotina dos catadores, sem se preocupar com os malefícios que isso pode trazer. Um exemplo disso foi quando estive na ACAMJG conversando com duas cooperadas, Damiana e Alessandra. Elas estavam contando que tinham acabado de ir embora jornalistas de um canal de notícia da televisão fechada, perguntei como foi e o que perguntaram, e a única coisa que me disseram é que elas ficaram muito irritadas, pois a equipe ficou o dia inteiro lá, pediram para entrevistá-las, mas demorou horas, e com a espera não puderam almoçar. Por fim, ao fazerem imagens da associação, elas não puderam pesar o material porque fazia muito barulho, atrasando o serviço. Era uma quinta-feira, dia certo de pesar o que fora coletado para ver quanto tinham ganho na semana e receber o dinheiro na sexta-feira. Minha conversa com Damiana e Alessandra se deu por volta das cinco da tarde, quando estavam começando a pesar o material, e segundo elas, a essa hora já estariam se preparando para ir embora.

O glamour que a televisão pode provocar em muitos, pareceu para as duas cooperadas uma realidade distante, pois para elas a equipe de filmagem só trouxe incômodos, atrasando um dia de trabalho e as impedindo de almoçar. E ainda me confessaram que nem ficaram interessadas em saber quando ia passar o tal programa.

Esbarramos então na problemática inicial da minha pesquisa, que pretendia compreender se havia de fato um impacto da produção audiovisual nos catadores, podendo ele ser tanto negativo, positivo ou nulo. A escolha do conceito "produção audiovisual" também não era aleatória, meu interesse não se limitava apenas a filmes, mas a tudo que se relacionava a produção televisiva. Reportagens, comerciais, programas especiais.

Essa análise, que como já dito, não foi excluída do trabalho sobre o encerramento da *rampa*, na verdade serviu para compreender melhor os processos de uma produção fílmica, do que deveria ou não ser feito.

Nesse exercício de examinar as abordagens dos repórteres e profissionais da televisão em geral, junto com a leitura sobre o tema, pude perceber mais detidamente o que distingue a prática de um jornalista para a de um antropólogo que trabalha com cinema. Como afirma Claudine de France: "O antropólogo-cineasta aventura-se ao mesmo tempo no campo do historiador, do jornalista de televisão e do cineasta de ficção." (FRANCE, 2000, p.22).

Logo, diferenças essas que podem parecer muito simples no primeiro momento de serem reconhecidas, não o são. Há uma sensação de estarmos atuando da mesma maneira, mas as diferenças são distinguidas nos detalhes que pontuam o encontro com o outro. Um desses detalhes é o tempo, o tempo fornecido para escuta, o tempo do outro que passa a ditar o seu ritmo de trabalho e não ao contrário, como no ocorrido com Damiana e Alessandra. Mais uma vez, nessa mesma reflexão retorno a Claudine de France:

Longe de ser um caçador que opera aqui e ali por meio de vazias pontuais imagens, o pesquisador-cineasta é, de mais a mais, um acompanhador das pessoas filmadas, por um tempo indeterminado. Pouco importa que o período de inserção preparatório à filmagem seja longo ou curto. O essencial é que o pesquisador esteja pronto para enfrentar o tempo de inserção que as pessoas filmadas lhe impõem. (FRANCE, 2000, p.27)

Nesse sentido, as abordagens e formas de produzir do antropólogo-cineasta estão mais próximas do método do documentarista, onde ambas as práticas tem como força motriz o desejo de encontrar o outro, permitindo que o tempo do observado conduza o tempo do observador.

Aproprio-me mais uma vez de Comolli para pensarmos as diferentes abordagens que são realizadas pelos antropólogos e pelos jornalistas, onde o ponto central é o tempo. Lembrando que o autor aqui está pensando no universo do documentário, mas que tal conceito cinematográfico não está tão distante do que entendemos por filme etnográfico.

Sua reflexão gira em torno da importância de saber aproximar e conduzir a câmera ao sujeito filmado, e dessa forma a pessoa em foco, segundo o que defende Comolli, notará que se trata de outro tipo de relação. Revelada pelo que ele vai identificar como o encanto da "primeira vez", afinal, segundo o autor, hoje em dia já há um saber sobre o que é captação de imagens, estas que são extremamente compartilhadas, o ato de filmar, inclusive, já foi bem popularizado por artigos como o celular e as câmeras fotográficas digitais, resultando em vídeos de qualidade razoável. Aquele que filmamos têm uma ideia da coisa, mesmo que nunca tenham sido filmados, e isto segundo o autor, não impede que a "primeira vez", ou seja, a primeira vez filmados, seja uma experiência cheia de ansiedade e expectativas, revelando ser um processo muito excitante.

O ponto crucial para Comolli é que a sensação de "primeira vez" pode ser repetida várias vezes, pode acontecer para sempre. É o caso do encontro com o sujeito que filma interessado em saber minúcias daquele sujeito que é filmado, surge então uma nova "primeira vez" inaugurando uma outra forma de relação, diferente da do jornalista-entrevistado:

"Bastarão, felizmente, apenas alguns minutos de filmagem para que tudo mude (...) Após a retração, a emoção pode nascer. Retorno ao efeito da "primeira vez". Um exemplo, a duração de um plano, isso muda tudo.(...) é o conjunto da relação filmador-filmado que pode mudar. A própria ideia de ser filmado que o filmado faz de si mesmo. Para começar, ninguém tem a possibilidade de falar, de monologar por vinte minutos. Isso nunca acontece. Com ou sem câmera. Isso desencadeia todo o tipo de efeitos específicos de palavra e presença." (COMOLLI, 2008, p.58)

As diferenças traçadas entre o trabalho do antropólogo-cineasta e o jornalista foram apresentadas como um ponto importante para considerar a presença da câmera

em minha pesquisa. Algo como um contraponto a tudo o que estava sendo produzido naquele momento. Um trabalho que servisse de antagonista às produções jornalísticas realizadas em Jardim Gramacho, ainda que existam algumas exceções.

Um bom exemplo do esforço da televisão nesse sentido é o programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo, realizado logo após o encerramento do aterro, que segundo os próprios catadores com quem conversei como Glória e Seu Brizola, que inclusive ganham destaque na atração, a equipe de filmagem ficou no bairro por semanas, até meses acompanhando de perto todas as negociações a respeito da indenização, o dia do encerramento, e semanas depois do encerramento. Nesse último momento, escolhido pela edição para abrir o programa, Caco Barcelos tece uma consideração a um aprendiz de jornalista, comentando sobre o fato de que no dia do encerramento da *rampa*, Jardim Gramacho estava abarrotado de repórteres e algumas semanas depois só restaram eles de equipe de filmagem. Não à toa o *Profissão Repórter* remete aos primeiros programas do *Globo Repórter*, que tinham a intenção de realizar um jornalismo investigativo, que de fato discuta os problemas. Cabe lembrar que Eduardo Coutinho, documentarista que será amplamente discutido no próximo capítulo, era um dos responsáveis pela concepção do *Globo Repórter*, e na verdade foi a sua atuação que reformulou o programa para um caráter mais documental. Caco Barcellos se mostra oriundo dessa mesma escola do jornalismo.

Até o momento duas inquietações foram apresentadas, a ausência notada de um documentário que tenha de fato o universo de Jardim Gramacho em primeiro plano, e a maneira superficial e pouco crítica como a mídia em geral tratou da questão do encerramento do aterro.

A terceira e talvez mais fundamental de todas as justificativas para uma introdução da câmera na pesquisa de campo no cerne desse trabalho, aparece em forma de pergunta: porque registrar esse momento tão fundamental em forma fílmica? A própria questão parece já conter a resposta, porque se trata de um momento importante, um marco. Mas porque um filme ajudaria ou enriqueceria essa pesquisa? Onde eu encontraria facilidades no meu trabalho de campo, já que as pessoas que busco parecem estar tão saturadas de serem filmadas ou de verem pessoas sendo filmadas? Esse contexto só faria aumentar meus desafios com a presença da câmera. Um bom exemplo disso é que a maioria dos indivíduos com os quais conversei achava que eu era jornalista, que trabalhava na televisão, e logo, ganharia dinheiro com isso.

Esses desafios de fato existiram e serão detalhados no próximo capítulo. Por ora cabe balizar esse ponto da pesquisa com as reflexões da Antropologia Visual sobre o enriquecimento do trabalho com a câmera, e ainda, como uma produção fílmica pode ser usada como fonte de pesquisa, assim como o documento escrito, possibilitando ao pesquisador ter acesso a informações que só as palavras não conseguem alcançar.

Muitos antropólogos e aqui privilegio Roy Wagner, entendem que a matéria capital que compõe esse campo do saber que chamamos de Antropologia é o encontro de duas culturas. É no fruto desse encontro que está nosso verdadeiro objeto de investigação, em que ambos, o observador e o observado são afetados. Para Wagner o que torna a cultura visível é esse "choque", sendo através dele que a cultura se inventa. Para o autor é válido pensar que é no momento da escrita que essa invenção ganha corpo, que as observações oriundas do encontro ganham seu contraste, é a maneira do antropólogo narrar a experiência vivida (WAGNER,2010,p.37). O texto então deve ser desenvolvido narrando este registro, e precisa conter essa matéria crucial que preenche o corpo do trabalho antropológico.

Para Jean Rouch é o filme etnográfico que representa o caminho mais frutífero para estabelecer um diálogo entre o pesquisador e o pesquisado⁵⁴.

O encontro etnográfico, matéria tão cara aos estudiosos da cultura, é um momento bem particular, pois é nele que todo o trabalho estará baseado, é através das conversas, observações, participações de eventos cotidianos e eventos especiais que tudo que se deseja apreender e compreender sobre determinado grupo será encontrado.

Realizamos a importância do encontro para a Antropologia tecendo essas sucintas considerações, contudo, cabe lembrar que um terceiro sujeito fundamental deve ser ponderado, e é com esse terceiro sujeito que as relações se completam no contexto da disciplina, fechando um ciclo. Marc-Henri Piault, no artigo "Antropologia e a passagem da imagem", discute os resultados do encontro dentro do universo da Antropologia Visual, pontuando o terceiro sujeito, elemento fundamental: o espectador ou leitor do produto final de determinado encontro.

(...) entre o observador e o observado se constrói a passagem produtiva, que fabrica materialidade, ou melhor, materialização concreta dessa troca intencional. Aquilo que se oferece como produto de uma situação. Este produto é também objeto de um terceiro olhar, o do

⁵⁴Nota usada por Bela Feldman-Bianco em seu artigo: *(Re) Construindo a saudade portuguesa em vídeo: História orais, artefatos visuais e tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica*.

espectador-consumidor-questionador, último elemento de uma triangulação necessária para navegar em direção aos Novos Mundos. (PIAULT, 1995, p. 28)

Pensemos então nesse encontro na forma de um triângulo como nos sugere Piault. Observador, observado e o fruto dessa relação como um produto de interesse para um terceiro sujeito. É nos pontos dessa forma geométrica que a cultura se inventa para Wagner, e para Rouch é na produção fílmica que esse diálogo encontra um facilitador. Um autor fala de texto, o outro de imagem, porém ambos atribuem a mesma importância ao encontro que é apresentado para o terceiro sujeito em forma de narrativa.

Não se trata de elencar qual linguagem é mais relevante ou mais eficaz, mas de compreender as facilidades e limitações que cada uma traz e como isso pode ser explorado em um trabalho que una as duas abordagens buscando uma complementaridade.

Pensemos na fala de nossos interlocutores, essas comunicações são sempre registradas pelos antropólogos, faz parte da metodologia do trabalho. Para isso são utilizados gravadores, há profissionais que preferem o método da conversa casual e no final de um encontro anotam tudo em seu caderno de campo, e aqui trabalhamos com o conceito de registro. O mesmo acontece com a filmagem, o tempo da fala é ditado pelo personagem, operamos com um material bruto, da mesma maneira como faz o antropólogo que não trabalha com o suporte visual.

Obviamente a fala quando captada pelo microfone e pela câmera, terá um longo processo até chegar no produto final, o filme. Esse percurso começa por uma decupagem, momento em que o diretor vai julgar o que é mais importante ou mais interessante para entrar no filme. Selecionados os trechos, seguimos para a etapa da ilha de edição na qual uma nova triagem será realizada por conta da montagem, e imagens que melhor dialogam ou que estão em melhores condições técnicas serão selecionadas para formar então uma linha narrativa, compondo o filme.

Um trabalho de cerca de dez horas de gravação, pode virar um curta-metragem de vinte minutos, e para isso acontecer muito material tem de ser cortado. E quem julga o que entra e o que sai é o antropólogo-cineasta. Da mesma forma que é responsável para selecionar das longas entrevistas registradas pelo gravador, ou anotadas à exaustão em seu caderno de campo, o que entra no corpo do texto final.

Mas existe um único fator que diferencia ambas as práticas, nos dois casos: a fala pode ser manipulada, editada, colocada no contexto a que parecer pertinente ao pesquisador, porém a única diferença reside na entonação, na emoção presente na fala.

A lógica da escrita não é da mesma natureza que a lógica embutida na fala pura e simples. A dimensão da oralidade traz suas características eloquentes, apresenta ritmo, entonação, expressão. Esse fator é de extrema relevância para o trabalho do antropólogo que tem como método a observação. A emoção expressa pode até ser descrita minuciosamente pelo autor do texto, mas nunca poderá ser comparada com o que se vê na experiência audiovisual, o olhar, o tom de voz, a maneira como o corpo se coloca para dizer determinada coisa, o gestual das mãos.

Tudo isso também é texto, e comunica por vezes muito mais do que a própria fala. Há casos, inclusive, em que o corpo contradiz a palavra dita. A imagem animada é riquíssima e única para o registro dessas sutilezas eloquentes, fundamentais para o trabalho etnográfico como bem explica Marcius Freire:

"Quem se refere à etnografia se refere igualmente à descrição, e esta última permanece uma das questões centrais de qualquer pesquisa baseada na utilização da imagem animada." (FREIRE, 2009, p.18,19)

Essas entonações e corporalidades da fala tornam-se ainda mais poderosas quando o que está sendo filmado se encontra em um contexto dramático, como no caso de Jardim Gramacho.

As memórias recentes que são acessadas, lembranças da *rampa*, do trabalho, da vida mais ativa do bairro trazem à tona uma emoção forte na maioria dos catadores que entrevistei. Michel Pollack em *Memória, Esquecimento e Silêncio*, ao pensar a memória dos judeus sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, trará uma reflexão a respeito do assunto. Pollack vai perceber como agem as lembranças de eventos extraordinários que possam ter colocado quem recorda em uma situação extrema, são esses tipos de lembranças que na fala podem ser acentuadas ou caladas, ou seja, o que era positivo na *rampa* pode se transformar agora com o seu fechamento, em uma das melhores coisas da vida, o que era negativo pode ser amenizado ou até mesmo deixado de lado, em um momento em que o pior aconteceu. A fala e as lembranças podem ganhar cores fortes, assim como todos os outros aspectos que compõem essa fala, o olhar, a entonação, o gesto, a emoção empregada em cada momento recordado, e até mesmo o silêncio.

"Conforme circunstâncias ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo na lembrança de guerras ou grandes convulsões internas, remete sempre ao presente, deformando ou reinterpretao o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o apreendido, o vivido e o transmitido. " (POLLACK, 1989, p.6)

Chegamos em um aspecto fundamental para compreender a importância do registro audiovisual em uma pesquisa que tem como seu "objeto" principais situações dramáticas. Como colocar em um texto escrito a relevância, o peso, a eloquência do silêncio? Aspecto que pode ser revelador no encontro com o outro. O que o silêncio revela? O que só o corpo está dizendo?

Silêncio é pausa, é reflexão, é sentimento, é medo. Silêncio é polissêmico. É apenas com outros elementos fornecidos pela pessoa emudecida que ele pode se tornar um pouco mais inteligível, seu pensamento no momento do não dito. O suporte audiovisual não só parece fundamental, como também a única solução possível de se captar esses elementos. Enriquecendo em grande potência o trabalho de observação e descrição do antropólogo.

Ainda na esfera do corpo, outro ponto essencial para uma compreensão do trabalho do catador é sua corporeidade. Mesmo que agora o trabalho no aterro seja extinto, restando à etnografia o registro dos detalhes orais revelados pela memória, há ainda os catadores que trabalham nas cooperativas, sendo um jeito de agir com o corpo muito similar à atuação na *rampa*, talvez tendo como única diferença o ritmo. No aterro, além da concorrência, as carretas da COMLURB descarregavam sucessivamente em grande quantidade, vários veículos por hora. Sempre quando "caía material novo" a disputa era intensa. Salvo essa questão, o corpo atua de maneira muito parecida, o lixo que chega nas cooperativas, é despejado pelo chão, e assim os cooperados com sua barrica separam o que é reciclável do que não é.

Os movimentos são múltiplos e repetitivos, agachar, recolher, segurar, levantar e colocar na barrica. Por vezes, é pegar a barrica, colher o material do chão com o próprio vasilhame e jogar o conteúdo em uma espécie de cesta larga que fica na altura do umbigo. Nesse momento a agilidade vista na *rampa* volta, mas não mais pela disputa concorrida de material reciclável, e sim pela prática do trabalho, do reconhecimento

rápido do que vale e o que não vale, pelas mãos astutas que separam o lixo com uma rapidez difícil de acompanhar.

Richard Sennett, em *O Artífice*, fala dessa relação do corpo com o trabalho e de como a concentração pode transformar o corpo do artesão na mesma coisa que ele fabrica. Vejo uma simbiose entre o homem e o seu ato de separar o material em um ritmo tão próprio e acelerado, uma visão tão perspicaz ao perceber em poucos segundos o que deve ser colocado na lona e o que deve ir para o lixo.

A fronteira entre a mão e o objeto a ser reciclado é, nesse sentido, como coloca Sennett, uma transformação em um único corpo; há uma entrega, uma transformação que o corpo sofre se fundindo com o trabalho, através da concentração e da prática. A descrição desse ofício, aqui disposta em uma lauda, ganha contornos muito mais eficientes em alguns segundos na tela. A forma de mostrar pode ser poética ou realista, dialogando com uma fala, com uma música ou apenas com o som do lugar, mas a questão principal que se compreende perfeitamente no suporte audiovisual é a velocidade, essa simbiose, o gestual de catar, selecionar, separar, descartar e pesar e o ritmo que é empregado em cada momento. O peso dos materiais, a percepção do que é mais fácil e do que é mais difícil de carregar. Uma materialidade é afirmada. Os objetos inusitados que são achados quebrando a rotina do trabalho, gerando por vezes risadas, por vezes olhares curiosos, objetos que podem ser levados para casa, acessórios coloridos que são colocados ali mesmo, no momento em que são achados. Os diálogos enquanto o material é batido, o olhar para o material, conexão importante com a separação, olho e mão como ferramentas fundamentais para o trabalho.

Tudo isso é descrito e compreendido de outra forma, ou até mesmo de maneira mais contundente na imagem animada, possibilitando a percepção dos detalhes, do peso das coisas, da força aplicada, dos diferentes olhares, da dificuldade do sol quente e até mesmo das pasmaceiras cotidianas. "O cinema é capaz de descrever imagens complexas em um tempo comprimido e de forma concreta" (FREIRE, 2009, p.288)

É possível capturar com qualidade as minúcias do trabalho. E a captação do som direto, que consegue ir além dos diálogos ou silêncios, mas que registra também o som local, o barulho dos papéis que se amassam, vidros que se quebram, latinhas que se juntam formando uma grande massa para reciclar, o caminhão que passa, o cachorro que late. Recriando assim um ambiente sonoro, gerando no espectador uma experiência mais aproximada do lugar, enriquecendo a descrição e conseqüentemente a pesquisa.

Sáimos então do universo da corporalidade e entramos no rico universo da área pesquisada, os elementos, texturas, sons, construções, transeuntes, tudo o que acontece de mais corriqueiro em um lugar é registrado nos limites do enquadramento escolhido pelo cineasta-antropólogo. No entanto, essa limitação gerada pelo visor da câmera pode revelar uma gama proeminente de detalhes que poderiam facilmente ser deixados de lado em um texto escrito. Não por irrelevância, mas pelos limites de páginas e caracteres que são pré-estabelecidos. Sendo, como já dito antes, o suporte audiovisual uma maneira eficaz de exibir um cenário farto de detalhes em alguns poucos segundos. E como coloca Yasuhiro Omori:

"Tanto os personagens centrais da pesquisa como transeuntes e o recorte do mundo, da natureza, contidos no espaço do visor da câmera, são gravados e transformados em imagem técnica (...). As imagens assim gravadas trazem diversas informações que, eventualmente, passavam despercebidas pelos pesquisadores ao momento da filmagem". (FREIRE, 2009, p.289)

Logo acima afirmei que ao ver uma cena, existe embutido nela uma série de detalhes que poderia contribuir para o pesquisador que acessa tal material, diferentemente do produto escrito, que não daria conta em palavras de uma descrição intensa sem se ocupar de muitas laudas para tal. Omori (2009), acrescenta outra questão interessante ainda nesse contexto dos limites do enquadramento. Ele coloca que com a filmagem feita, o próprio antropólogo-cineasta, e não o pesquisador que acessa o material como fonte (terceiro sujeito), se surpreenderia com possíveis novas informações que ele mesmo não teria notado no momento da gravação.

Rever o material filmado também é um grato exercício de observação e autocrítica. Muito se descobre sobre o campo e sobre si revendo o que fora registrado. Esse assunto será mais detidamente debatido na terceira parte desse trabalho.

Vimos até o momento as justificativas para o uso da câmera em campo, e o que esse instrumento pode facilitar na pesquisa antropológica, assim como alguns desafios também. Refletindo sobre essa questão de como a câmera se torna um instrumento importante na pesquisa antropológica e até mesmo, como apresentado, um elemento

imprescindível para registrar particularidades relevantes do campo, difíceis de serem apreendidas e apresentadas pela palavra.

Tomando esses aspectos da pesquisa na antropologia visual fica a questão de como um filme etnográfico, produzido por um antropólogo-cineasta, pode ajudar na pesquisa de outro antropólogo? Omori lembra através da voz de Jean Rouch, que os irmãos Lumière, inventores do cinema, "já manifestavam a certeza de que o formato, se bem aproveitado em suas características intrínsecas, poderia, no futuro, contribuir de forma efetiva para a pesquisa científica." (FREIRE, 2009)

E acrescenta:

"(...) para que o filme etnográfico ou o estudo antropológico através da imagem tenha, no futuro, condições de processar, organizar e estruturar logicamente os arquivos de imagem que propiciem uma melhor compreensão do ser humano, é imprescindível que conceitos extraídos por meio da visão sejam revertidos em palavras para fazer surgir novos pensamentos. Para tanto, é também importante entender o mecanismo de produção do sentido da imagem cinematográfica." (FREIRE, 2009, p.287, 288)

O audiovisual, como já dito e enfatizado pela colocação dos irmãos Lumière, lembrada por Jean Rouch, pode ser uma ferramenta de grande valia para a ciência, contudo Omori acrescenta que para essa pesquisa se realizar plenamente é necessário um caminho de duas vias, o primeiro caminho implica em que conceitos recolhidos através da visão do antropólogo-cineasta devem ser transformados em texto, ou seja, os conceitos são extraídos das observações dessas imagens filmadas e transformados em texto com reflexão metodológica e diálogo com outros autores.

O segundo movimento é em outra direção dessa via, onde o texto dialogando com a teoria e explicitando a metodologia do filme produzido deve ser também dotado de compreensão dos mecanismos de produção dessa imagem, e tudo que envolver o "fazer fílmico" deve ser abarcado, os impactos da presença de uma câmera, técnicas de filmagem, luz, enquadramento, som, edição e outros tantos mais elementos que são cruciais para definir uma abordagem na feitura de um filme, e que, por consequência, influenciam o discurso transmitido.

Nesse sentido, uma obra que funcione para fins científicos, ainda que contenha elementos poéticos, deve vir acompanhada também de uma reflexão escrita. Universos diferentes de linguagem que caminham juntos para uma melhor elucidação do tema pesquisado. Vale frisar que o trabalho audiovisual dá conta por si só de apresentar, analisar e compreender questões e conceitos que foram filmados. No entanto, o que Omori tenta nos dizer é que entendendo como forma completa de exercício de reflexão da ciência, a teoria e metodologia de determinado trabalho registrado de maneira fílmica não podem ser apresentados nesse mesmo suporte, ou pelo menos, não podem de maneira tão plena quando realizados através do texto escrito.

É nesse momento que entra a combinação perfeita para uma pesquisa plena, entre texto e imagem, em que em um são usadas as ferramentas para explicitar satisfatoriamente a metodologia e teoria, e no outro abrange o campo subjetivo e descritivo. Assim, a análise antropológica do objeto em estudo encontrará, nos dois meios aqui tratados, ferramentas competentes para os seus fins, sendo a etnografia plenamente atendida tanto na esfera do texto, quanto passível de ser realizada na imagem em movimento com equivalente qualidade.

Com isso a Antropologia tende a ganhar em seu estofo disciplinar mais uma ferramenta que entra em campo não como disputa de melhor ou mais adequada para a natureza de nosso trabalho, mas como uma poderosa aliada para a descrição tão cara à nossa prática e o empoderamento de nossos meios de análises críticas e produção teórica.

Capítulo 2 - Quando a câmera entra em campo.

Em meu tempo em campo sem os equipamentos de filmagem, percebi, logo após algumas visitas, ter havido um amadurecimento sobre a minha presença em Jardim Gramacho por parte dos catadores. Todos no bairro já pareciam familiarizados com os inúmeros profissionais e pesquisadores que se interessavam por eles. Dessa forma, reconhecendo os elementos que esses profissionais utilizam, questionavam-me então aonde estavam minha câmera e meu gravador.

Perguntavam que tipo de pesquisadora eu era por não possuir esses equipamentos. No começo, não me sentia à vontade portando esses materiais, gostava de ter uma relação que julgava como "natural", e acreditava que essas formas de registro não ajudariam no meu empenho de aproximação. Acreditava que uma câmera ou um gravador eu imporia uma distância, e já delimitaria meu papel ali. Com o passar dos meses, percebi que esse desconforto inicial fora superado. A maneira como a câmera já tinha se naturalizado naquele lugar era um dado muito interessante a ser observado.

Em minha pesquisa de campo, que durou cerca de um ano, vi um número considerável de estrangeiros fotografando, muitas equipes de filmagens, e quase todo catador que conheci participou ou conhece alguém que participou de entrevistas, gravações ou sessões de fotos que aconteceram por lá.

A câmera, qualquer que seja, não é mais um objeto exótico para os moradores de Jardim Gramacho. Essa constatação afetou meu trabalho completamente. A primeira sensação após tal comprovação foi o sentimento de ser apenas mais uma pessoa dentre tantas, fazendo as mesmas perguntas, se interessando pelas mesmas coisas, importunando da mesma maneira. Dessa forma, me sentia na obrigação de sempre justificar por horas a minha motivação de estar ali, em um esforço de convencer que minhas razões eram legítimas e sinceras, que eu não trabalhava na televisão e não ganharia dinheiro com aquilo.

Proferindo esse discurso, mais uma observação foi alçada: a de que essas questões que eu apresentei não eram uma preocupação para eles, e que esse discurso servia para convencer a mim mesma disso e não aos catadores. Todos que entrevistei, salvo Rebelde, que posteriormente veio a entender que se tratava de um trabalho acadêmico e compreendeu completamente o papel que desempenhava lá, não queriam saber se eu ia ganhar dinheiro ou não com aquelas entrevistas, e não se importavam se

já tinham respondido "como era a vida de catador" incontáveis vezes. O que pude notar é que eles percebiam que a relação era diferente, o primeiro e mais distinto ponto era o tempo de permanência no bairro, tornando meu rosto conhecido para um número razoável de moradores. Entretanto, alguns ex-catadores que acompanhei ainda me chamavam de jornalista e sempre me perguntavam quando minha reportagem ia ficar pronta, e que estava demorando muito. A confusão com jornalista não se deu pelo fato de estar em posse da câmera. Desde os meus primeiros dias em campo já me perguntavam se trabalhava no jornal, e o caderno também é um objeto pertencente ao universo desses profissionais.

A entrada no campo com a câmera se deu de maneira muito suave. Na época, ainda não tinha uma equipe de filmagem, (que conquistei e perdi parte dela no decorrer do trabalho), era somente eu, minha inexperiência e a câmera, uma *handycam* pequena que não causava tanto alvoroço em quem me via com ela.

Minha primeira entrevista filmada, curiosamente, não foi com nenhum catador com quem já possuía mais intimidade, pois a gravação foi realizada no primeiro encontro.

Brizola

Certa vez expressei minha vontade a Docinho de conhecer Seu Brizola. Essa vontade se deu por conta de uma conversa que tive com Glória e Claudeci (ACAMJG). Elas estavam narrando como foi o dia do encerramento do aterro e, em um determinado momento, Claudeci contou que Seu Brizola, figura muito conhecida por todos em Jardim Gramacho, de quem até então eu nunca tinha ouvido falar, pegou um punhado de terra do aterro e levou para casa. Por achar aquele gesto muito interessante e apaixonado, tive grande vontade de conhecer Seu Brizola.

Docinho não sabia precisamente onde era a sua casa, só sabia a rua, e para lá fomos perguntando para os transeuntes onde ele morava. Conseguimos chegar sem muita dificuldade, e foi para mim, a primeira prova de que se tratava de uma figura muito popular no bairro.

Chegando para conhecer Seu Brizola, fui apresentada por Docinho, e o senhor de pouco mais de 60 anos me recebeu com muita animação. Ele, na semana anterior ao nosso primeiro encontro, tinha acabado de gravar um depoimento concedido à equipe

do programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo. Com isso, Brizola se revelava muito acostumado com a imprensa e a câmera.

Conversamos um bocado. Brizola mostrava-me, muito orgulhoso, o carrinho de pipoca que tinha acabado de comprar com o dinheiro da indenização. Seguimos para a pracinha do bairro onde Brizola escolheu gravar. Ao ligar a câmera, percebi que Seu Brizola já tinha o discurso pronto para a televisão. Ele respondia às minhas perguntas de pronto e parecia dizer tudo o que um repórter gostaria de escutar. As respostas, muito precisas e articuladas, sempre terminavam com alguma frase de efeito. Além disso, era notável que Brizola possuía um certo deslumbramento por estar sendo filmado tantas vezes. Ele relatava que já tinha sido entrevistado por televisões estrangeiras, que já tinha aparecido em canais de televisão fechada e em diversas reportagens impressas. Dizia que agora era reconhecido na rua e que nunca imaginou que ficaria tão famoso. Durante nossa gravação, tentei por diversas vezes quebrar as respostas prontas de Seu Brizola, buscando uma maior naturalidade em sua fala. Foi difícil.

Tempos depois, revendo a primeira filmagem, considerei que não era necessário reverter o discurso “meio midiático” construído por Brizola, e que, na verdade, esse era um ponto muito interessante para minha pesquisa, já que minha pergunta inicial, que motivou esse trabalho, era justamente o impacto da produção audiovisual sobre os catadores. Brizola era a personificação desse impacto pois nele percebíamos todo o fascínio. Brizola não parecia chateado, nem achava que estava sendo explorado. Gostava da câmera, e havia ganho intimidade com ela. Sabia como agir na frente dela, como falar, como se posicionar.

Cogitei que a primeira entrevista estava muito contaminada pelo excesso de exposição que Brizola havia tido na mídia, fosse por conta da semana inteira de tempo disposto por ele para gravar o *Profissão Repórter*, fosse pelas inúmeras entrevistas concedidas por conta do fechamento do aterro. Brizola atendeu a dezenas de repórteres que se aglomeravam no AMJG nesse dia. Minha estratégia então foi: gravar com Seu Brizola novamente; porém isso só veio a acontecer meses mais tarde.

Eu já sabia o caminho para sua casa, que fica localizada no Alcoólicos Anônimos. Seu Brizola era uma espécie de "faz tudo" por lá, e por isso deixavam que morasse no espaço onde funcionava o AA com sua esposa. Sua casa de verdade deixou para o filho, alegando que era muito pequena para a família toda. Chegando à casa de Seu Brizola, nesse momento não mais sozinha, mas na companhia dos dois membros que compunham minha equipe de filmagem, ele nos recebeu com muita alegria.

Perguntei como estava o carrinho de pipoca e ele se animou em responder, mostrou o carrinho, e pediu para Sandra, sua esposa, pegar os apetrechos para fazer pipoca e sugeriu: "Porque vocês não nos filmam na praça vendendo pipoca?"

Eu e minha equipe compramos a ideia. Vale ressaltar que era final de novembro e estava muito quente em Jardim Gramacho. Andamos muito naquele dia sem êxito de filmagem, e nosso encontro com Brizola pareceu uma grande chance de ter, enfim, sucesso com as gravações.

Seu Brizola mais uma vez fez sua pose para a câmera. A diferença é que não havia mais equipes de filmagem além da minha visitando Jardim Gramacho naquele período, mas Brizola pareceu ter incorporado os elementos da *mise-en-scène*.

Esse dia de trabalho pode, inclusive, ser definido por essa expressão francesa. Brizola não foi vender pipoca porque fazia parte da sua rotina. Ele nos revelou que só vendia nos fins de semana porque a praça não tinha muito movimento e não valia a pena ir durante a semana. Brizola só nos levou até lá com seu carrinho porque queria ser filmado com ele. Mostrou todos os itens necessários para fazer pipoca para a câmera, e até o sal ganhou espaço de destaque em sua fala. Tudo era importante.

A conversa não se deu como da primeira vez, estava mais detida no presente e planos futuros. As perguntas foram focadas mais na nova vida como pipoqueiro, nas mudanças e novos projetos.

Brizola, curiosamente meu primeiro personagem filmado, mostrou profunda intimidade com a câmera. Houve momentos, inclusive, em que ele me dirigia, propondo ideias de cenas e dizendo em que ângulo achava que ficava melhor. Por vezes, complementava ideias que eu tinha. Foi um verdadeiro trabalho em conjunto. Ao terminarmos, sugeri que filmássemos Brizola fechando o portão de sua casa. Ao fazê-lo, ele levantou o braço e gritou: "Acabou!" Não no sentido de pergunta, mas afirmando para a câmera: foi sua improvisação sobreposta à minha sugestão de terminarmos a cena daquela forma. A familiaridade de Brizola e o gostar de ser filmado constituíram uma experiência bem particular, e em nenhum outro caso em Jardim Gramacho tive participação tão ativa no processo de filmagem.

Jeniffer, Cantor e Silvana

Meu segundo momento com a câmera aconteceu de forma um tanto precária. Fui até a FAETEC, já estava bem conhecida por todos os ex-catadores que lá trabalhavam, mas ainda buscava uma maior proximidade. Conversava com Jeniffer, uma das meninas da portaria que, muito desenvolta, me contava que certa vez ajudou um documentarista português a fazer um filme sobre os catadores. Ela dizia que o conheceu na Rio+20, em que muitos catadores foram contratados para trabalhar na coleta de material reciclável em vários pontos do evento. Jeniffer contou que levou o tal documentarista para todos os lugares do bairro, e que ele pediu para conhecer lugares onde a imprensa não chegava e que ninguém filmaria. Dessa forma, ela o levou para dentro da favela, deixando o cineasta muito impressionado com tudo o que viu. Ela ainda o apresentou a catadores e disse que até ganhou agradecimentos no filme que lhe foi posteriormente enviado. Assim, minha segunda personagem filmada também tinha conhecimento sobre uma rotina de gravação, mas não foi filmada na experiência descrita, alegando que não gostava e que não queria aparecer.

Contudo, não precisei negociar muito para que ela conversasse comigo com a câmera ligada. Parte dessa disponibilidade veio com a condição dela ser gravada sempre na companhia de alguém. Na primeira vez que filmamos tivemos a presença de Cantor.

Cantor tem pretensões artísticas e realmente almeja uma vida profissional no ramo da música. Já o conhecia havia algum tempo e tínhamos travado um contato mais substancial. Logo no dia em que nos conhecemos, fiz a proposta de filmá-lo. Ele disse que só aceitaria se fosse maquiado ou estivesse vestindo uma máscara. Brinquei afirmando que compraria uma e até perguntei que personagem preferia, levando a ideia a sério.

No dia em que Jeniffer e Cantor gravaram comigo, ele não portava nenhuma máscara. Não havíamos combinado. A presença de Cantor foi inesperada, surgindo através de uma motivação minha para que ele participasse da gravação, acreditando que dessa forma estimularia Jeniffer a aceitar meu convite. Acabou que um incentivou o outro e ambos concordaram. Cantor pediu para aguardarmos um momento, correu na farmácia mais próxima e adquiriu um pacote com máscaras cirúrgicas. Colocou no rosto e disse que estava pronto.

Quando liguei a câmera, demorei alguns instantes para avisar que estava gravando. Cantor, nesse momento, pega o seu celular e aponta para mim. Eu pergunto o que ele está fazendo e ele responde: "Estou tirando uma foto sua", acrescentando: "também estou fazendo um documentário, é sobre a minha vida e tudo que está acontecendo nela". Eu digo que é justo e completo: "eu filmo e você fotografa", logo depois anuncio que já estou filmando.

Cantor guarda o celular e eu viro a câmera para ele perguntando o porquê da máscara. Ele explica que, como pretende ingressar no universo artístico, não gostaria de ficar famoso como catador e se aproveitar disso para lançar sua carreira de músico e, por essa razão, a máscara. Ele aceita falar, mas não quer que as pessoas o vejam catador, deseja que conheçam seu rosto pelo seu trabalho como cantor. É admirável notar o fato de hoje um catador realmente considerar a possibilidade de ficar famoso enquanto catador. Algo impossível de ser pensado há alguns anos. Porém, como houve alguns catadores que obtiveram certa fama, isso fez Cantor cogitar que o filme que eu gravava poderia trazer algum tipo de reconhecimento e isso, naquele momento, para ele era um problema, pois não seria uma fama proveniente do seu trabalho artístico. A solução dada foi o uso da máscara para esconder o rosto. Nada tinha a ver com a vergonha em realizar o trabalho com lixo, mas apenas que não queria ficar famoso como um ex-catador que virou músico, e sim pelo mérito de suas próprias canções.

Cantor é muito articulado, fala bastante sem a necessidade de muitas perguntas, emenda um assunto no outro. Jeniffer, por um tempo, só concordava ou completava a fala de Cantor. Contudo, Cantor também tinha um certo tom revoltoso em determinados argumentos, principalmente quando se tratava da indenização, ou sobre qualquer pessoa que estivesse ligada à ACAMJG. Sua fala acontecia em um tom crescente, se tornando mais agressiva, e mostrava toda sua insatisfação em relação ao que acontecia na Associação. Dizia que eles não o representavam e Jeniffer engrossava o coro.

Encorajada pelas palavras firmes de Cantor, Jeniffer também começou a tecer duras críticas a toda política da ACAMJG e ao filme *Lixo Extraordinário*, dizendo que o que foi apresentado não condiz com a realidade do catador.

No encontro com Jeniffer e Cantor percebi que entrevistar uma dupla pode ser muito frutífero para o trabalho de pesquisa, a discussão que era estabelecida entre os dois produzia uma diversidade de momentos e observações levando a uma compreensão das múltiplas visões que existem no campo, e ao gravar com uma dupla essas visões são

confrontadas por eles mesmos, permitindo uma observação mais profícua dos pontos divergentes entre esses trabalhadores.

Houve uma ocasião, inclusive, com o avançar da prosa, em que a câmera já tinha sido naturalizada e os dois desataram a conversar como se não houvesse ninguém por perto. A relação entre duas pessoas em uma mesma entrevista é uma técnica interessante para revelar os pontos convergentes e divergentes sobre determinado assunto, mostrando para o espectador como se dão as discussões e os argumentos usados entre os protagonistas destas.

Relação bem diferente da criada "artificialmente" na edição, na qual se colocaria dois catadores que foram gravados em momentos diferentes, mas que estão juntos no filme para exibir as opiniões que os dois possuem sobre um mesmo ponto, a fim de mostrar a multiplicidade de visões sobre um aspecto específico. Neste caso, os personagens não estão respondendo aos argumentos um do outro, gerando novos pontos de vista ou revendo opiniões, estão apenas justapondo ideias opostas ou similares montadas em uma edição, mas que não tiveram a oportunidade de serem discutidas pelas pessoas que as emitiram, e são apenas discutidas pelo diretor.

Infelizmente essa gravação foi feita no final da tarde, e com o passar do tempo a luz foi acabando, tornando a imagem muito escura e com isso impossível de ser usada. Porém foi um rico exercício, possibilitando uma reflexão sobre as vantagens de uma entrevista em dupla e o que poderia ser explorado nesse sentido.

Gravei outra vez com Jeniffer, dessa vez em sua casa a seu convite, e com sua melhor amiga de aterro, Silvana. Aqui mais uma vez uma entrevista em dupla, não tanto por uma escolha minha, mas por desejo de Jeniffer. Silvana acabou se transformando em uma espécie de contraponto na entrevista. Jeniffer, como já dito anteriormente, é muito falante e articulada, enquanto Silvana era mais tímida, falava baixo e dava respostas monossilábicas. Não houve a mesma troca que ocorreu com Cantor, mas foi interessante notar personalidades diferentes e que por sua vez discordavam em pontos-chaves, como, por exemplo: a vergonha de ser catador, o gostar do trabalho, o que incomodava e não incomodava na *rampa*. Silvana atuou como uma oposição a Jeniffer, gerando em um primeiro momento um desequilíbrio de falas, mas após uma análise mais generosa, foi possível perceber dois indivíduos que apesar de terem vivido realidades muito parecidas enxergavam o trabalho e o mundo em que viviam de maneiras distintas.

Já Cantor, cheguei a encontrá-lo algumas vezes sem a câmera depois de nossa primeira filmagem, conversamos informalmente sobre diversos assuntos e nem falamos mais da *rampa* e de seu fechamento. Tempos depois, finalmente, combinei de filmá-lo gravando uma das suas composições. Fomos até a casa de Seu Antônio, ex-catador que tem um filho que possui um pequeno estúdio onde grava para vários Mc's de funk. A título de curiosidade Cantor não é funkeiro, diz que seu som não é classificável, sendo uma mistura de vários ritmos. Nesse dia combinamos com Cantor em Jardim Gramacho e seguimos até Gramacho, onde Seu Antônio mora com os filhos.

Seria meu primeiro dia de filmagem onde as coisas aconteciam de maneira diferente da planejada, e a partir de então fui entendendo que os imprevistos acontecem e deve-se pensar soluções satisfatórias frente a eles. O filho do Seu Antônio não chegava para o compromisso com Cantor, esperamos por quase uma hora, e logo decidimos gravar com Seu Antônio, aproveitando o fato dele ser ex-catador. Com isso, acabamos não gravando com Cantor pois o filho de Seu Antônio não apareceu. Desde então Cantor virou uma figura evasiva e não conseguimos combinar mais nenhum outro encontro. O número de seu celular foi mudado e até Docinho, pessoa pela qual conheci Cantor, disse que não tinha notícias dele. Ele saiu da FAETEC onde trabalhava e só ao final da pesquisa é que fui reencontrá-lo.

Cantor foi uma figura importante no meu trabalho de campo, com quem tive inúmeras conversas que me ajudaram a compreender a complexidade das disputas políticas em Jardim Gramacho, mas por ter realizado apenas uma única gravação com ele, de baixíssima qualidade técnica, fui forçada a retirá-lo do filme.

A partir de então vamos entrar em um novo momento das gravações, quando passo a contar com o auxílio de dois amigos para realizar a filmagem: Alexandre Rozemberg, estudante de Comunicação da UFRJ e operador de som, e Thiago Santos da Costa, fotógrafo, que adicionara à nossa produção mais um equipamento de filmagem—a sua câmera fotográfica Nikon que também realiza filmagens.

Seguirei então operando com dois equipamentos de filmagem, a Nikon fixa no tripé, sendo a câmera principal e a *handycam*, emprestada pelo Laboratório do Filme Etnográfico da UFF, atuando como segunda câmera, focada para os gestos e detalhes, além de servir como captação do áudio ligado ao *boom*⁵⁵.

⁵⁵Um tipo de microfone direcional utilizado em filmagens, tanto externa quanto interna, que é acoplado a uma grande vara, que direciona o microfone ao foco do som que deve ser captado.

A chegada a Jardim Gramacho na companhia de uma equipe fez a relação com o espaço e com as pessoas do bairro mudar totalmente. Com a presença dos dois rapazes eu chamava muito mais atenção do que quando estava sozinha. Notava que quem passava olhava para nós, atitude que não percebia tanto antes, quando estava em campo desacompanhada.

Por outro lado senti uma facilidade muito grande na companhia deles, abordava as pessoas com mais confiança, não tinha tanto receio em pedir as coisas, como por exemplo, filmar a casa ou objetos específicos. Porém, acredito que isso se deva ao fato de se ficar, naturalmente, mais à vontade em lugares estranhos quando se está na companhia de amigos.

Outro ponto percebido foi que, o simples ato de descansar em uma sombra depois do almoço na pracinha com a equipe, fazia com que pessoas que passavam parassem para falar com a gente. Coisa que nunca aconteceu comigo em oito meses de campo. Eu sempre abordei as pessoas, e até então não tinha sido abordada, e foi assim que conhecemos Luciano.

Luciano

Era o primeiro dia do Alexandre e Thiago em Jardim Gramacho, mostrei a porta de entrada para o aterro e a pé seguimos até a praça principal onde mais ao fim dela se encontra a FAETEC.

Entrei na escola, apresentei quem eu conhecia a eles, expliquei quem eram e o que faziam ali. Já era em torno do meio dia, sentamos em uma mureta para descansar e pensar aonde iríamos almoçar. Foi nesse momento que passou por nós algumas vezes um carro com o som alto tocando canções gospel. Era Luciano, um ex-catador que virou pastor evangélico e também trabalhava na Canteiro Escola, assim como Cantor e Jeniffer.

Luciano parou o carro bem na nossa frente, abaixou o som e começou a conversar perguntando se tínhamos gostado da música. Desse ponto em diante a conversa fluiu por horas, porém na maior parte do tempo Luciano falava de assuntos relacionados à sua igreja e a palavra da Bíblia, sendo um trabalho de garimpo coletar as informações sobre a *rampa*.

Luciano então se revelou um personagem muito interessante, não só por sua trajetória, como também por ter sido catador desde o primeiro ano do aterro, acompanhando mudanças que aconteceram e tendo uma história de vida e superação, pertinente para pensar os possíveis caminhos que indivíduos seguiram pós-vida de catador.

Assim como Brizola, Luciano de certa forma montou o enredo do seu personagem, partiu dele a ideia de nos levar à sua primeira casa comprada com o dinheiro da *rampa* e foi lá que gravamos a sua entrevista. Sua intenção era mostrar sua casa na época da catação e a que construiu hoje depois de ter deixado a vida no aterro. Isso parecia ser muito importante para ele, sempre frisava que foi encontrando Jesus que sua vida tomou um rumo. Luciano queria mostrar para nós que prosperou, e a casa foi a alegoria escolhida por ele.

Além da entrevista, escolhi gravar um culto de Luciano, realizado em um espaço construído para essa finalidade em sua nova moradia. Essa escolha se deu justamente por notar a importância da religião em sua vida, e como ela foi elemento essencial para as transformações de um período ruim, no julgamento do Luciano, em que era catador, para o momento positivo do presente.

Luciano foi a minha primeira situação de gravação com uma equipe de filmagem em pesquisa etnográfica. É importante considerarmos as facilidades e desafios encontrados nesse novo estágio do trabalho.

Quando Luciano nos conduziu de carro até sua casa na época de catador, ali já estávamos vivendo uma experiência muito interessante, a carona já nos aproximava de alguma maneira, e além disso, durante o trajeto Luciano nos contava algumas histórias sobre sua vida. Nesse contexto, se estivesse sozinha, teria dificuldade, vergonha, receio de pegar a câmera e continuar a conversa tranquila que estava tendo com Luciano, pois poderia esse gesto influenciar o tom de bate-papo que estávamos tendo.

Por um bom tempo, como já apresentado, tive receio da câmera, supunha que ela agia de maneira negativa em uma conversa, e é justamente nesses diálogos em que as informações e histórias mais interessantes aparecem. Eu mesma tinha que me resolver com esse objeto. Tinha que gerar com ele uma relação de intimidade e cooperação, saber trabalhar com a câmera ao meu favor, e fazer dela um instrumento não tão impertinente, mas um objeto quase imperceptível, ou melhor, um objeto bem-vindo. Não consegui estabelecer essa relação sozinha, ou pelo menos não tive tempo hábil já que optei por uma equipe para me auxiliar e o trabalho se coletivizou.

Dito isso, no carro com Luciano, estávamos tendo uma dessas conversas espontâneas, onde Luciano apresentava suas histórias. Thiago não perdeu tempo e por iniciativa própria sacou a câmera e começou a filmar nosso diálogo. Luciano não se mostrou em nenhum momento incomodado e seguiu com sua fala normalmente, e não notei nenhuma alteração. Ele não foi avisado e nem perguntado se poderíamos filmar aquele instante, simplesmente concordou com o gesto de não ter parado de falar sobre o que contava e seguiu sem fazer nenhuma objeção.

A atitude de Thiago revelou que ele estava confortável em acionar a câmera, talvez a minha hesitação seja oriunda de um cuidado maior com o campo e com as pessoas com quem estabeleço relação, ou uma falta de intimidade com o equipamento, talvez até uma soma dos dois fatores.

A ação do meu companheiro produziu bons efeitos, pois além de registrar uma conversa interessante que era conduzida de maneira informal, também refletiu em mim positivamente permitindo a desmistificação da influência que julgava tão incisiva da câmera, percebendo que sua presença pode reverberar de maneira suave, como no caso com Luciano.

Essa foi uma importante lição para pensar a presença da câmera, aumentado a minha coragem de atuar com ela. Para ter uma boa filmagem, por vezes se faz necessário ter certa ousadia para solicitar algo ao personagem, pedir para entrar em sua casa, tirar ele do que está fazendo para realizar uma gravação, esses e outros motivos que requerem uma habilidade de negociação e conseqüentemente uma boa relação, na qual quem filma precisa estar confortável em fazê-lo.

Rebelde

Retornando ao primeiro dia na companhia dos meus colegas de equipe, fomos também abordados por outro personagem dessa produção fílmica, Rebelde. Nosso primeiro contato foi bem breve, diferente da abordagem de Luciano que durou longas horas de conversa.

Ao marcar na porta de entrada do aterro com os meus companheiros, como já dito, fomos andando até a FAETEC, porém, no caminho, passando pela birosca de Tadeu, um sujeito nos intercede perguntando se estávamos perdidos, e eu logo respondo que conheço bem o caminho. Ele então pergunta se somos jornalistas e na sequência digo que não. Rebelde, intrigado, nos pergunta o que somos então, eu sento ao seu lado e explico meu trabalho. Os meninos que me acompanham, muito empolgados com o primeiro dia em Jardim Gramacho logo indagam a Rebelde se ele era catador, ele ri e responde "já fui, sou ex-catador, ex-bandido e agora sou vagabundo.". Sua resposta gera risada, pois foi dita de maneira espirituosa. Ele ri com a gente e acrescenta fazendo uma piada com o "bordão do catador": "eu podia tá catando mas virei bandido" conversamos um pouco mais e continuamos nosso rumo.

Durante o trajeto para a FAETEC o assunto foi Rebelde, ficamos encantados com seu senso de humor e franqueza, debatemos sobre o contraponto interessante que ele seria a essa figura do catador que reside como último refúgio do trabalho honesto e o quão rico para a compreensão desse lugar/trabalho seria conhecer e apresentar um indivíduo que conheceu o ofício de catador e atuou nele, mas que por um conjunto de razões foi parar no crime. Rebelde seria uma espécie de antítese do argumento principal do catador: "antes estar trabalhando no lixo do que roubando", enquanto que para Rebelde, antes estar no crime que estar catando lixo.

Sabíamos que se tratava de um desafio, pois no momento em que o conhecemos, Rebelde revelou que não gostava de equipe de gravações, afirmou que todos ganhavam dinheiro mostrando a miséria mas que esse lucro nunca retornava para os pobres. Perguntei a ele como achava que essas equipes poderiam ajudar? Ele me respondeu que muitos gravam crianças chorando de fome, pessoas passando necessidade, que é isso que jornalista gosta, mas nenhum oferece um prato de comida, e diz que Jardim Gramacho não é só pobreza, que existem pessoas inteligentes e honestas que lutam por uma vida melhor.

Sua única memória positiva em relação a uma gravação foi com o videoclipe da cantora Maria Gadú que fora filmado lá. Quando pergunto qual era a música, Rebelde não soube responder, mas disse que viu o vídeo e gostou.

Ainda na mesma conversa, já em uma tentativa de negociar, apresentei a minha carteirinha de estudante a ele, dizendo que eu não ganharia nada com aquilo, que se tratava apenas de um trabalho para faculdade. Rebelde não quis olhar o documento, alegando que não gostava de papel, que bastava as inúmeras páginas de sua condicional, e de forma indireta ele nos revelava que já tinha sido preso.

Apesar de uma primeira resistência, Rebelde sempre foi simpático, quando comentei que gostaria de procurá-lo, ele se apresentou como David, mas que ninguém o conhecia por esse nome, que era para perguntar por "Rebeld" com d mudo, porque senão ficava igual ao nome da novela e colocou em meio a risadas: "aí pega mal".

Dias depois fomos em busca de Rebelde, saltamos no bar do Tadeu à sua procura, ali era um lugar que ele nos disse que sempre frequentava. Essa área é uma das mais pobres do bairro. Andamos gravando com a câmera o caminho que realizamos para encontrá-lo, perguntamos a alguns moradores aonde estava Rebelde, e descobrimos que ele era uma figura conhecida naquele pedaço de Jardim Gramacho, até que conseguimos, sem muita dificuldade, chegar até ele.

Para nossa surpresa sua recepção foi calorosa, e ele pareceu feliz em nos ver. Com alguns minutos de conversa mostrei lembrar do seu nome e o do seu cachorro Fred, o que nos fez ganhar mais simpatia com ele, que exclamou: "Até o nome do Fred você lembra!" Rebelde em apenas uma breve conversa em nosso primeiro encontro compreendeu completamente meu trabalho e o que eu fazia lá, e se mostrou disponível em conversar naquele momento mesmo, o que foi uma grande vitória para nós.

Sugerimos o bar do Tadeu, lugar onde nos conhecemos e que ele próprio afirmou ser um espaço que frequentava com assiduidade. Ele aceitou de imediato e de lá seguimos para o ponto escolhido.

Contudo, no caminho, fomos atrapalhados por uma moça que intercedeu Rebelde e parecia lhe pedir algo, ao que ficaram longos minutos conversando. Eu e os meninos ficamos de longe observando e aproveitando para fazer algumas tomadas do local, cheguei a gravar um pouco do diálogo, mas logo parei, considerando estar sendo invasiva. Depois da gravação realizada, Rebelde veio nos contar o que a tal mulher queria, sem nem mesmo eu ter perguntado. Ele nos disse que ela tinha uma filha especial com cerca de doze anos e que o seu ex-marido havia abusado da menina, e por

isso pedia para Rebelde fazer alguma coisa contra o agressor. Dessa forma entendemos que a sua figura era como a de um "xerife" daquele território, e mesmo não sendo mais traficante, ele ainda possuía uma posição de respeito e confiança com os moradores.

Rebelde sentou-se no bar do Tadeu, ofereci a ele uma cerveja, que aceitou com um sorriso no rosto. Ao olhar o enquadramento escolho-o um pouco mais aberto para que seja registrado também o estabelecimento que ele frequenta, afinal o lugar também faz parte de quem ele é.

Esse enquadramento mais aberto se revelou um pouco problemático quando a imagem foi vista após gravada. A movimentação no bar era intensa, falas altas, figuras que olhavam para a câmera. Houve um momento que tivemos em quadro quatro pessoas além de Rebelde sendo que nenhuma participava da conversa, trazendo uma sensação de caos à cena. A intenção de mostrar o ambiente que a pessoa frequenta pode ser boa, mas algumas vezes ela pode ser arriscada. Esses desafios de enquadramento, melhor posicionamento do entrevistado e da câmera foram sendo melhor resolvidos ao longo da realização do filme.

É certo que no começo da gravação, Rebelde parecia tenso e não muito à vontade em falar, estava um pouco diferente daquele que conhecemos, o olhar da câmera intimidou nosso entrevistado. Mas com o tempo de conversa, e talvez com alguns goles de cerveja, Rebelde foi ficando mais à vontade.

Gravação encerrada e equipamentos desligados compramos outra cerveja e tomamos um copo com ele, e foi notável como a conversa fluiu melhor. Rebelde explicou mais detalhadamente vários acontecimentos que tinha comentado na gravação, e chegou a ocorrer o desejo de religar a câmera, pois naquele instante parecia que estávamos conhecendo mais profundamente Rebelde, me contive e não liguei.

Diferente do que aconteceu com Luciano, percebi o impacto da câmera em Rebelde, que dias antes tinha estado tão à vontade com pessoas que acabara de conhecer, revelando uma sinceridade com a qual ficamos admirados, o mesmo Rebelde que se mostrou muito mais espontâneo e comunicativo no momento em que a câmera fora desligada. Rebelde intimidou-se na filmagem.

Serafim

Ao terminarmos nossa conversa com Rebelde seguimos em direção à praça para almoçar, e ficamos muito contentes com a nossa manhã de trabalho. Estávamos andando

e conversando muito animadamente sobre a entrevista que tínhamos acabado de realizar.

Durante o nosso percurso fomos abordados por um motorista de caminhão que perguntou o que fazíamos ali e se éramos jornalistas. Vale frisar que não estávamos com o equipamento na mão, segurávamos apenas o *case* do tripé. Talvez o nosso entusiasmo estivesse sendo um tanto barulhento, ou simplesmente tenham sido as nossas roupas que marcavam uma possível diferença. O fato é que aceitamos o questionamento do caminhoneiro e respondemos quem éramos, e dessa forma fomos nos aproximando, ele estava do lado de fora do seu veículo, que estava com a porta aberta e conversamos um pouco sobre o que era o nosso trabalho.

Seu nome era Serafim, depois de alguns minutos ele perguntou para onde estávamos indo e nos ofereceu uma carona. Aceitamos na mesma hora, os rapazes foram na caçamba e eu no banco do carona.

Nada foi pensado ou premeditado, simplesmente lancei mão da lição que havia aprendido com Thiago na tarde com Luciano, peguei a câmera e comecei a filmar minha conversa com Serafim.

O trajeto foi curto, mas foi valioso ter a voz de quem vivia não do trabalho direto de catador, mas da economia periférica da catação. Essa que também foi diretamente afetada. A fala de Serafim foi contundente para confirmar isso. Sua indignação com o fechamento da *rampa* pareceu ter sido a força que impulsionou ele a ter falado conosco, pensando que éramos jornalistas. Serafim queria fazer um desabafo, uma denúncia, ser ouvido por alguém, pois não estava feliz com o fim do aterro e com as dificuldades que isso havia trazido para sua vida.

Dona Fátima

Havia muito tempo que não visitava a ACAMJG, além disso, Thiago e Alexandre, que compunham minha equipe como fotógrafo e técnico de som, ainda não conheciam a Associação. O plano era filmar Dona Fátima.

Dona Fátima foi um dos meus primeiros contatos feitos. Ela parecia nutrir uma simpatia especial por mim, sempre que eu ia à ACAMJG, me recebia com um sorriso afetuoso e estava sempre disposta a bater longos papos. Ao chegar, apresentei aos meus companheiros de trabalho à associação, que conheceram Dona Ângela, Glória,

Claudeci, o espaço da ACAMJG e puderam entender um pouco melhor como funcionava uma cooperativa.

Já havia comentado com Dona Fátima meu desejo de filmá-la e ela sempre se mostrou muito disposta a me ajudar e, nesse dia não foi diferente, Dona Fátima não hesitou e disse: "vamos lá". Perguntei se ela não queria ajeitar o cabelo, passar um batom, ela riu e exclamou "Pra que isso, menina?"

Uma senhorinha muito agradável, assim é Dona Fátima, que talvez de todas as pessoas que gravei, foi a que ficou mais à vontade com a câmera. Nada mudou ao ligar o equipamento, nem sua postura, nem sua fala, ou seus gestos, Dona Fátima permanecia natural.

Durante as gravações fiz algumas cenas em que pedia para o meu entrevistado ficar parado olhando para a câmera, fiz isso com Seu Brizola e seu carrinho de pipoca, por exemplo. Fiz também com Dona Fátima na ACAMJG, ela sentou-se em uma cadeira para esperar que nós arrumássemos os equipamentos, e quando olhei para ela achei a cena muito bonita. Havia uma composição cromática muito atraente, ela estava perto do escritório da ACAMJG, que é uma construção bege com detalhes em verde, vestia o uniforme da cooperativa, uma blusa e calça verdes, e ainda havia um mato abundante ao fundo.

Olhando para aquela cena, pedi para que Dona Fátima ficasse imóvel na posição que se encontrava por alguns instantes. Foi o tempo de prepararmos a câmera rapidamente para registrarmos o momento. Nesse ínterim Dona Fátima permaneceu estática, como pedido, e ainda parecia bem confortável, olhou o tempo todo fixamente para a lente e não mexeu nenhuma parte do seu corpo, até segunda ordem. Mas não por rigidez causada por uma possível tensão provocada por achar que não podia se mexer, mantendo a posição a todo custo, não por isso. Dona Fátima estava relaxada, ficara assim imóvel, simplesmente porque estava confortável. A câmera não lhe causava nenhum sentimento que alterasse seu espírito.

Com nenhum outro personagem gravado foi assim. Ficar imóvel diante da câmera simplesmente a fitando, causou um leve desconforto, facilmente notado, gestos como olhar para o lado, mexer o corpo levemente, dobrar os joelhos ou ajeitar o cabelo revelam o desconforto de olhar fixamente para o centro da câmera.

Dessa forma Dona Fátima, já revelava em nossa primeira tomada que ser gravada não era um problema, e assim seguiu até o final de nossa entrevista. Dona Fátima respondia a tudo de maneira muito objetiva, suas memórias do trabalho na

rampa pareciam bem realistas, ela não edulcorava os momentos bons nem enfatizava os ruins, apresentava a vida como era e só. Dona Fátima nos oferecia uma visão honesta de sua vida no aterro e nada parecia ser tabu, falava de tudo com muita franqueza. Gravamos por quase uma hora, ao final Dona Fátima confidenciava aos meninos que eu adorava falar e ria pedindo para se retirar que já estava na sua hora de ir embora.

Ao final do dia, Glória comentou conosco que Dona Fátima iria começar a cobrar por gravações, pois já estava ficando famosa. Perguntei se ela já tinha feito outras filmagens antes e Glória respondeu que sim, várias. Compreendi que talvez fosse por isso seu conforto frente a câmera.

É importante pontuar uma mudança na estrutura da equipe a partir desse momento. Aqui escolhi apresentar os personagens por ordem cronológica de filmagem. Seguindo essa mesma temporalidade a equipe ganhou uma forma diferente a partir desse ponto. Alexandre, responsável pelo áudio, deixou o grupo por razões de ordem externa, que nada têm a ver com nossa relação ou apreço pelo projeto.

Dessa forma a equipe virou dupla, eu e Thiago. Com o tempo de filmagens e a experiência sendo desenvolvida, nós fomos encontrando soluções técnicas para suprir a lacuna deixada por Alexandre.

Ao se tornar responsável pelo microfone, Thiago ficava então incapaz de operar simultaneamente a segunda câmera. A mim cabia a função de controlar a câmera fixa (primeira câmera) que por se tratar de uma máquina fotográfica, só realizava a gravação no tempo de vinte minutos, e com isso era necessário atenção a esse período para apertar o *rec* novamente, visto que uma gravação durava em média uma hora.

O fato da câmera desligar automaticamente depois de vinte minutos, criava a necessidade de ficar atento para se fosse o caso de refazer a pergunta, ou pedir para o sujeito filmado falar algo de novo ou que aguardasse alguns segundos até que voltássemos a filmar.

Nessa nova conjuntura, eu e Thiago refizemos nossas posições, em que a minha anteriormente, com a presença do Alexandre, era apenas focar nas perguntas e no andamento da conversa, o contato com a pessoa filmada, acrescentaram-se então outras responsabilidades.

Com passar do tempo fomos ganhando segurança, entendendo melhor nossos equipamentos e elaborando estratégias cada vez mais eficientes para suprir a ausência do terceiro componente. Começamos a deixar o boom fixo em algum lugar no chão, ou

criávamos suporte com o que tínhamos de material disponível, para não nos preocuparmos em segurá-lo e apenas focar no uso das duas câmeras.

Nas primeiras gravações sem o Alexandre, usamos apenas uma câmera, ainda que com posse das duas, sendo a segunda apenas para gravar o som, e com o Thiago segurando o boom e atento a gravação do áudio.

Sua falta foi sentida por ser tratar de um amigo querido que muito contribuía para a discussão do que era feito, porém com experiência adquirida voltamos a operar com as duas câmeras, elemento que faria falta se dispensado, pois só faz enriquecer a narrativa audiovisual e ainda auxilia plenamente na captação dos detalhes e gestos durante uma conversa, não criando a necessidade de gravar mais tempo ou várias vezes com a mesma pessoa.

Dito isso, seguimos nossa cronologia de encontros, agora, cientes de que o trabalho é realizado por uma dupla que repensou sua atuação com os equipamentos.

Dona Ângela

Dona Ângela foi um dos meus primeiros contatos em Jardim Gramacho, a conheci na ACAMJG. Foi ela a primeira pessoa quem me explicou como funcionava a lógica da *rampa* nos anos iniciais de seu funcionamento. Sempre foi muito cortês em nossas conversas.

Há tempos vinha convidando Dona Ângela para gravarmos, ela sempre dizia que não tinha problema nenhum, mas no dia não podia e sempre apresentava alguma razão. Houve até um momento em que de fato combinamos um encontro e Dona Ângela não compareceu, o motivo, explicado por Claudeci foi uma ida ao médico. É justo lembrar que ela estava se queixando de dores havia um tempo.

Já havia filmado Dona Ângela outras vezes, mas só realizando seu trabalho. Sempre falava para ela não se incomodar e continuar o que fazia normalmente. Dona Ângela assim seguia, por vezes olhava para a câmera para ver se ainda estávamos ali, e ficávamos longos minutos filmando.

Curiosamente, Velha, como era conhecida pelos catadores, me informou que voltou ao trabalho para curar as dores que sentia. Afirmou que quando se aposentou seu corpo começou a sentir o peso da idade, sentia dores nas juntas e na coluna, surgidas, segundo ela, nos meses que ficou afastada da cooperativa. Ao voltar ao trabalho, Dona

Ângela melhorou e considerava estar quase boa de novo. Disse que ficar longe do trabalho era a pior coisa para ela, que só fazia mal.

Ao sabermos disso, observamos, eu e a câmera, os gestos, seu tempo, a força de Dona Ângela. Seu corpo mais devagar e pesado que os dos outros cooperados mais jovens conferia um ritmo especial ao seu trabalho, Dona Ângela o realizava tranquilamente, como se tivesse todo o tempo do mundo ao seu dispor.

Registrar seu ritmo com a câmera foi notável, a imagem animada capta a individualidade por outros caminhos além da palavra. Observei toda a movimentação de Dona Ângela somente olhando o enquadramento do visor, ela, o material e a relação entre os dois.

Minhas visitas à ACAMJG estavam se tornando cada vez mais espaçadas, ficava semanas, às vezes até mais de um mês sem visitá-los. Nos últimos meses de campo, minhas idas lá até me provocavam certo desconforto, parecia que não tinha mais intimidade com aquele lugar. Parecia que eu invadia um território alheio e estranho.

Foi nesse contexto, em uma das minhas últimas visitas a ACAMJG, que encontrei Dona Ângela em um momento mais que oportuno para mim, no descanso do trabalho. Senti que ao propor gravar com ela naquele instante, pedido que já tinha sido feito outras vezes, estava virando uma insistência ou impertinência. Dona Ângela se sentiu, talvez, meio acuada por não ter para onde fugir, era eu ali com o equipamento realizando um pedido que já havia feito outras vezes e ao qual ela nunca me negara, somente justificava razões para não fazê-lo naquele momento. Contudo naquela encruzilhada criada, não havia desculpa, era pensar em uma desculpa ou assumir o *não*. Ela optou por enfim me conceder a entrevista. O seu *sim* não foi direto e animado como dos outros catadores com quem gravei, foi um *sim* sem vontade, cabisbaixa. Seu *sim* veio atrelado a uma insistência.

Confesso que não me dei conta na hora, para mim era importante filmar com ela, era uma pessoa relevante na minha trajetória no bairro e fazia parte do que chamo informalmente de "velha guarda de Jardim Gramacho". Dona Ângela conheceu a *rampa* desde o começo, e foi com ela que eu aprendi como as coisas funcionavam naquele tempo. Para mim seria importante que os espectadores do meu filme aprendessem da mesma forma que eu.

Revelada a sua importância para mim e para a minha pesquisa, fui cegada pela vontade de querer Dona Ângela nas filmagens, e não tive a sensibilidade de perceber que ela só era gentil em aceitar gravar comigo, mas que esta, nunca foi sua vontade real.

Essa percepção só foi dada, na verdade, revendo as imagens, relendo o caderno de campo e reanalisando todo o meu percurso com a câmera.

Dessa maneira a filmagem com Dona Ângela ficou bem aquém das minhas expectativas. Nesse dia estava sem o boom, contando apenas com o microfone da *handycam*. Isso só aumentou o desafio, pois Dona Ângela falava muito baixo. Talvez, parte pela timidez, parte pela presença da câmera.

Quando fazia as perguntas em relação aos primórdios da *rampa*, respondia de maneira muito concisa, quase sem vontade. Ao passo que essas perguntas já haviam sido feitas por mim meses atrás. Isso influenciaria em sua resposta?

Nada do que conversei com Dona Ângela nos era novidade, poucas foram as perguntas originais, elaboradas ali no fluir do momento, e a razão disso foi causada pelo caráter abreviado das suas respostas. Criou-se um clima de entrevista a rigor, e não uma conversa onde as informações vão surgindo quase que espontaneamente pelo aquecer do diálogo. A gravação com Dona Ângela foi fria, burocrática, não a conheci melhor naquele dia, e somente reproduzi em fórmula de questões as nossas conversas prévias que foram por ela respondidas.

Marize e Marlene

Chegamos em um momento das filmagens em que já tínhamos um quadro de pessoas entrevistadas, contávamos com personagens mulheres, homens, jovens, pessoas mais velhas, lideranças, catadores que continuaram nessa função e catadores que seguiram para novas formas de trabalho.

Percebemos no nosso conjunto que faltava a voz de cooperados, ex-catadores que escolheram trabalhar em cooperativas. Voz importantíssima para Jardim Gramacho em seu atual contexto, imprescindível para a compreensão do porquê as cooperativas são alvo de crítica da maioria dos ex-catadores e do porquê essa maioria não querer continuar nesse tipo de serviço. Com isso, faltava filmar quem considerou que o trabalho na cooperativa seria o melhor caminho a seguir.

É válido ressaltar que Dona Fátima e Dona Ângela, ambas trabalham em cooperativa, contudo Dona Fátima é tia de Glória e Tião, e Dona Ângela é muito amiga da família, influenciando certamente a escolha de seguir em cooperativa.

Já havia tido contato com muitos cooperados, mas o que pude observar ao longo do tempo, é a relação transitória que eles têm com as cooperativas. Damiana e Alessandra, por exemplo, com quem vinha desenvolvendo uma relação, chegando até a filmá-las trabalhando, com o passar dos meses não estavam mais na ACAMJG. Heloísa, ex-catadora que conheci na festa de fim de ano da mesma associação, onde tentei estabelecer um laço, só fui revê-la mais de um ano depois. As pessoas que permanecem de fato na ACAMJG, conforme percebido, são os familiares e amigos próximos de Glória.

Ao lado do terreno da ACAMJG, está a COOPERCAMJG, uma das cooperativas que integrarão o futuro Polo de Reciclagem. Lá encontro com Ana Carla, uma ex-catadora que hoje é uma liderança, coordenando a cooperativa citada. Já havia conversado com ela outras vezes, mas não queria mais uma voz de liderança, pois já tinha dadas como certas as entrevistas de Glória e Docinho, e gostaria de ouvir os cooperativados. Ana Carla então convocou todos os recicladores que estavam trabalhando naquele momento e perguntou quem queria ser filmado. A reação de todos foi a mesma, ninguém mostrou interesse, alguns até fugiram, e não houve nenhum tipo de agitação.

Por mais que eu dissesse que não era preciso persistir, que poderia voltar outras vezes para conversar com mais tranquilidade, ou que poderia visitar outra cooperativa, Ana Carla não desistiu, disse para eu ter calma que os cooperados eram acostumados com isso. E seguiu para os seus funcionários, dizendo que era coisa rápida, umas perguntinhas e só.

Confesso que não gostei da abordagem de Ana Carla, achei que começar uma relação para gravar um vídeo daquela maneira, seria começar mal. As pessoas que aceitassem naqueles termos propostos por Ana Carla iriam sem muita vontade e isso ia claramente transparecer na imagem. Fora isso, não queria forçar ninguém a falar comigo. Gostaria que a relação se desse de forma mais delicada, ou que a proposta que foi anunciada pela coordenadora da cooperativa convocasse pessoas que estariam de fato dispostas a participar da gravação.

Após muita insistência de Ana Carla, que estava quase se assemelhando a uma animadora de festa para atrair alguém para gravar comigo, duas senhoras cederam ao "convite": Marize e Marlene.

Vieram não muito animadas e sem nem querer sentar, o que já sinalizava que o tempo de fala seria bem curto. Outro fator negativo era o sol, o dia estava terrivelmente

quente. Nesse contexto realizamos a gravação no pior horário possível, algo em torno de uma ou duas da tarde. Sugeri nos instalarmos em alguma sombra, mas Marize disse que ali mesmo estava bom, que estavam acostumadas a trabalhar no sol quente. Só nos afastamos um pouco de onde estavam os outros cooperados para evitar o barulho, e começamos a conversar em meio a um amplo terreno sem sombra, perto das pilhas de lixo.

A maneira como se deu nosso primeiro contato, remeteu à crítica feita por mim em relação aos jornalistas e suas abordagens, a forma de aproximação foi invasiva, e estava claro que ninguém estava disposto a gravar naquele momento. Porém, não se tratava de um caso perdido, a relação poderia ganhar novos contornos. A fala de Comolli, já trazida nesse trabalho, sobre o tempo da escuta, revelou que de fato ao se dedicar em ouvir o outro, o interlocutor percebe que sua fala está sendo valorizada. O tempo dedicado a essas duas senhoras, que segundo Ana Carla, já estavam acostumadas com a gravação, certamente foi um tempo diferente ao que elas conheciam.

Gravamos por cerca de uma hora, debaixo de sol quente, o que não foi um ponto a nosso favor, mas as perguntas e a maneira como conduzimos a conversa alterou de certa forma o semblante descontente e as primeiras respostas sucintas que me foram dadas.

No decorrer da gravação, houve um crescente de perguntas mais pessoais do tipo: "O que você gostava no aterro?" "Qual é sua opinião sobre o fechamento?". Em detrimento de questões mais genéricas: "Como era o trabalho no aterro?" Começamos a ter mais risadas e respostas que vinham acompanhadas de sorriso, e da vontade de falar e contar sua experiência.

O meu desempenho no começo também não foi bom, fiquei nervosa e estava pessimista em relação ao resultado daquela entrevista, minhas perguntas no começo da gravação eram imprecisas e o fato delas estarem de pé em baixo de um sol quente me deixava desconfortável. Pensava que deveria agir rápido, fazer as perguntas que interessavam e liberar elas de volta para o trabalho. Mas, a conversa surpreendeu havendo momentos de descontração e de interesse em falar.

No final desse dia me dispus então a filmar o trabalho delas, Marlene não vi mais na cooperativa, só Marize, gravei ela separando o material, fiz perguntas sobre o trabalho e passei o resto da tarde com elas no meio do material reciclável. Era uma tentativa de me aproximar mais daquela catadora que de certa forma chegou até mim por meios inconvenientes.

Percebi no caso de Marlene e Marize, que por vezes temos que nos deparar com o desafio de achar pessoas que se encaixem no perfil do que queremos discutir, ou seja, como queríamos conversar com pessoas que escolheram trabalhar em cooperativa e tinham uma visão positiva disso, não cabia conversar com os sujeitos que já tinha contado, vide que nenhum deles estava em cooperativas. E os cooperados que conheci transitavam muito rápido, tendo sempre um número grande de novos rostos trabalhando. Nesse contexto, meu desejo de conhecer a opinião de um cooperado se deu de forma artificial e imponderada, fruto de uma falta de cuidado minha com o campo, e ao notar na reta final da gravação a ausência dessa voz, tive que recorrer ao método, digamos a grosso modo, jornalístico.

Obviamente, se a conversa não tivesse sido muito proveitosa, a relação teria de ser estabelecida mais profundamente, comprometendo dessa forma o cronograma de trabalho. Porém, a sorte ou talvez a experiência adquirida em campo, ou pelo simples fato de não ser uma completa desconhecida naquele local e estar totalmente imersa no assunto, tenha feito que a empatia entre eu, Thiago, Marlene e Marize tenha acontecido de maneira positiva. E isso se reflete na imagem produzida.

Glória

Glória se tratou de uma gravação muito importante para a minha pesquisa e também pela minha trajetória naquele lugar. Ela foi meu primeiro contato com Jardim Gramacho, e por muitos meses vi o bairro, a vida no aterro e o trabalho por lá através de seu olhos. Como já apresentado, essa personagem tem uma vida política forte e um discurso muito bem afinado, apesar de ser figura controversa ao lado do famoso irmão, Tião. Além de ser a pessoa que mais acompanhei e conversei na minha trajetória em Jardim Gramacho, a voz de Glória era de suma importância para contribuir com mais um ângulo sobre o encerramento da aterro.

No começo das gravações ficamos um tempo considerável sem visitar a ACAMJG, e Thiago, meu companheiro de trabalho, por conta disso, entendia que existia apenas uma opinião, pois durante algumas semanas só ouvia dos ex-catadores o que eles achavam de Glória e Tião e que julgavam a forma de fazer política da ACAMJG duvidosa. Com isso, meu parceiro chegou a questionar se eu deveria filmar Glória, e demonstrou preocupação com o fato de passar o filme na praça para todos

verem, alegando que provocaria descontentamento na maioria dos catadores que conhecemos, gerando incômodo ao ver Glória tendo espaço para falar.

A reação de Thiago só fortaleceu a minha crença de que a voz de Glória não poderia estar fora do meu trabalho, não só pela trajetória do meu campo, como já dito, mas também, por não se tratar de um filme militante, ou que prevê tratar um lado da história, mas um filme que mostre os diversos olhares e opiniões sobre um evento, o encerramento do AMJG. Não gostaria que acontecesse com os espectadores do filme o mesmo que aconteceu com Thiago no começo do nosso trabalho. O mais interessante foi notar sua reviravolta de pensamento ao conhecer melhor a ACAMJG, Glória e os cooperados. Thiago percebeu que o assunto era mais complexo do que imaginava, que havia disputas de poder, ciúmes, fofocas, e mal entendimento de alguns atos políticos, que foram explicados na primeira parte desse trabalho. Thiago, depois dessa abundância de informações e posicionamentos, apresentou uma questão que considerei ingênua, e ele se questionava o que seria verdade.

Foi através de nossas conversas ao longo de nossos retornos de ônibus de Jardim Gramacho, mesas de bar e outros encontros nos quais discutíamos à exaustão o assunto, que compreendi perfeitamente qual deveria ser a motivação do meu filme. Thiago não é antropólogo e não estava até a conclusão de nossa experiência juntos, familiarizado com a prática do antropólogo. Nesse sentido via sua angústia ao perceber que havia opiniões tão antagônicas sobre o dinheiro da indenização, trabalho em cooperativas, corrupção, e que ficava aflito para entender quem era o bandido e quem era o mocinho. Fazendo-me lembrar a fala de Coutinho em que diz: "Quando o filme dá certo ele não termina com uma resposta síntese."

Notando a angústia que as gravações geraram em Thiago, isso me fez observar que este era o caminho certo, que o filme seria polifônico, e se bem-sucedida a edição, provocaria no espectador talvez a mesma angústia gerada em Thiago, não no sentido de querer perceber a verdade, mas de compreender que Jardim Gramacho vive uma situação complexa e ainda longe de uma resolução satisfatória para a maioria dos trabalhadores da *rampa*, mas que talvez houvesse em algumas frentes de trabalho um esforço em trazer soluções eficientes e duradouras. E para corroborar com nossa compreensão dessa complexidade, Glória traz a voz da instituição, da primeira associação de catadores.

Revelei a Glória a importância que essa entrevista tinha para mim, que a considerava muito relevante para o meu trabalho, ela foi muito solícita, e marcou conosco em uma sexta-feira às oito da manhã.

No dia marcado Glória chegou com Tião quase duas horas depois do combinado, parecia que tinham acabado de ter uma discussão, ela veio esbaforida pedir desculpas pelo atraso e culpou o irmão. Obviamente que não havia problema, estávamos ali por ela, e dedicamos aquele dia para gravá-la. Porém, Glória pareceu ter chegado meio cansada e um tanto estressada, o que me provocou preocupação, pois era uma gravação importante, e era sempre difícil conseguir tempo com ela.

Montamos rapidamente os equipamentos e começamos a trabalhar, seu escritório estava sem luz, e com isso tivemos que pedir para gravar do lado de fora, estava muito calor, fiquei receosa que meu pedido pudesse gerar um desconforto ou mesmo mau humor em Glória, mas ela aceitou fazendo galhofa e seguimos a programação normalmente.

Glória foi minha primeira entrevista planejada. Ao longo do meu trabalho contava com a espontaneidade dos diálogos, como já estava muito imersa no assunto, sabia todas as perguntas que queria fazer, não preparava um questionário antes e deixava a conversa seguir o ritmo do indivíduo entrevistado.

Com Glória foi diferente, simplesmente por se tratar de perguntas específicas em torno da ACAMJG e sobre a relação que os catadores tem com a associação, o trabalho de cooperativa, a questão da indenização, e a sua visão do encerramento e do futuro dos ex- catadores. Queria entender melhor a função da ACAMJG na conquista da indenização, sua relação com as cooperativas, com os moradores do bairro, com as opiniões negativas que muitos ex-catadores têm sobre eles, e sobre a formação do Polo de Reciclagem. A realização de um questionário prévio para a gravação com Glória se deu por conta das perguntas específicas que sua entrevista implicava e por um cuidado de não esquecer nenhuma questão relevante.

No começo, por conta do cansaço aparente, Glória começou a gravação parecendo um pouco indisposta e sem muita vontade de se aprofundar nas suas respostas, mas durou pouco. O uso do meu questionário, trouxe um dinamismo para a conversa e Glória logo foi se animando, o que lhe é característico.

Glória gosta de falar, notei que algumas perguntas foram importantes para ela, principalmente a que tratava das opiniões negativas que muitos ex-catadores têm da ACAMJG, ali ela percebeu uma boa chance de falar o que pensa e o que motiva os

colegas a refletirem dessa forma. A visão de Glória sobre Jardim Gramacho e seus catadores é bem proferida.

Na minha experiência com ela, ficou claro que a intimidade e a construção de uma relação um pouco mais duradoura é crucial para o desenvolvimento de um bom trabalho com a câmera, e a experiência com o questionário, a meu ver, foi muito positiva, permitindo que a conversa seguisse um bom ritmo, engendrando assuntos em uma linha de raciocínio coerente, sem idas e vindas em assuntos variados, como aconteceu com algumas entrevistas.

Contudo, a formulação do questionário só foi possível por conta de uma relação já desenvolvida que mantive com Glória ao longo do meu campo, permitindo a compreensão dos assuntos e questões que caberiam perguntá-la. Não se tratava de um questionário padrão, mas perguntas pensadas para um sujeito específico. Concluí nessa experiência que esse seria o melhor método de trabalho, a relação por um período estabelecida geraria uma bateria de questões própria para esse sujeito, mas sempre lembrando, obviamente, que a espontaneidade e o fator surpresa devem ser considerados e abraçados da melhor maneira possível caso surjam em uma filmagem.

Luzia

Luzia é um desses fatores surpresas que devem ser incorporados sem receio. O cronograma estava quase completo, faltava mais dois dias de gravação e poderíamos partir para a segunda etapa da produção. Porém, em um dia de muito calor, com sensação térmica de mais de quarenta graus, eu e Thiago estávamos sem sucesso. Os compromissos acordados haviam sido desmarcados, e andamos muito embaixo do sol quente. Por conta de nossa exaustão, peguei o caminho errado, nosso plano era, para não perder a viagem, ir até o aterro para tentar conseguir uma autorização para gravarmos lá. Não estava reconhecendo a rua, fiquei frustrada com os sucessivos desencontros que estávamos tendo nesse dia, e nada estava dando certo. Ao notarmos que não se tratava do caminho que queríamos, eu e Thiago desistimos de ir até o aterro. O dia estava abrasador. Subitamente decidi ligar a câmera e gravar o trajeto que fazíamos. Se tratava de uma rua na área mais pobre de Jardim Gramacho, com lixo ao céu aberto e casebres de papelão.

Assim que empunhei a filmadora comecei a ouvir piadas, perguntaram se era dos *Vídeos Incríveis*, (programa da Rede Bandeirantes) ou se era da Globo ou da Record, ouvimos até um "Filma eu!". Até que em um determinado momento uma moça que parecia estar colhendo material reciclável de algum lugar me aborda dizendo "É possível trabalhar nesse calor?" Ao que eu respondo a ela começamos a tecer um diálogo, era Luzia.

Conheci Luzia com uma câmera na mão, e nossa relação começou dessa maneira. Foi a câmera que a atraiu para conversar comigo, e sem hesitar ela apresenta seu trabalho, seus problemas, sua vida. Antes mesmo de perguntar seu nome, ela me mostrava as marcas do aterro em seu corpo. Luzia, no momento da minha chegada, catava em uma *rampa* clandestina que se formou perto da sua casa. Essa *rampa* é de onde alguns ex-catadores têm tirado seu sustento. Ela me apresentou esse lugar, seu marido e a sua cachorrinha Princesa. Fiquei impressionada como estava disposta a abrir sua vida com facilidade, para alguém com uma câmera que nunca tinha visto antes.

Não deixei de gravar nosso encontro em nenhum minuto, a forma como Luzia narrava sua relação com aterro, sua saudade do trabalho e de tudo que ele oferecia para ela. Ficamos em torno de meia hora gravando na *rampa* clandestina, e por conta do calor forte, minha pressão começou a cair, sentia que poderia desmaiar a qualquer momento, mas me mantive forte, pois tudo que Luzia dizia era interessante e espontâneo. Em um dado momento não resisti e coincidiu com o fim da sua fala. Desliguei rapidamente o equipamento, baixei a cabeça e avisei que estava passando mal. Luzia rapidamente me acudiu, me levou para a casa de seu pai que era bem próximo da onde estávamos, me ofereceu água, e jogou um pouco de água gelada na minha nuca. Alertou-me que eu deveria usar boné e protetor solar, e se preocupou comigo. Sentada no sofá ao seu lado, me recuperando, Luzia começou a ter uma conversa informal comigo, minha câmera estava desligada, mas no momento que começou a falar Thiago prontamente ligou a sua e seguiu filmando nossa conversa. Luzia parecia não ter se importado, contou da sua filha que foi tirada dela e hoje vive no Xingu, contou da sua dura trajetória e de como não desistia dos seus sonhos.

A maneira como nos conhecemos, e talvez o fato de ter passado mal e Luzia ter me ajudado nos aproximou de alguma maneira, e saí muito impactada do nosso encontro. Luzia tinha uma história de vida muito forte, contrastando com um sorriso muito poderoso, marcas pelo corpo e esperança na fala.

A pobreza que figurava na casa de seu pai, lugar que confesso não ter reconhecido como moradia em um primeiro momento por se tratar de uma estrutura muito precária composta de placas de madeira, essas adversidades vividas por Luzia e seu bom humor, esses antagonismos que compunham sua vida e sua personalidade me cativaram.

Saí de Jardim Gramacho nesse dia certa de que queria gravar novamente com Luzia, ouvir suas histórias e conhecer melhor seu trabalho na *rampa*. Antes de ir embora, combinei um dia para revisitá-la e ela aceitou.

Nosso segundo encontro se deu na semana seguinte ao primeiro. Fomos ao lugar onde conhecemos Luzia, mas diferentemente do que nos tinha afirmado, ela não estava trabalhando, e seguimos então à sua busca. Perguntamos perto da casa do seu pai e logo fomos informados aonde ela morava. Para minha surpresa, sua casa era ainda mais pobre que a de seu pai. Luzia morava perto da *rampa* clandestina, assim como alguns outros barracos, formando uma pequena favela. Parecia se tratar do lugar mais pobre de Jardim Gramacho, parte que não conhecia até então, escondido das áreas principais em que costumava frequentar. Não havia saneamento algum, lixo ao ar livre, lama, poeira, urubus, insetos, em suma, um cenário difícil.

Chegando à casa de Luzia, lá estava ela, sorridente e feliz em nos ver. Como estava dormindo, pediu para tomar um banho e colocar uma roupa mais "apresentável" para podermos filmá-la. Na sua casa não havia banheiro, fomos então até a casa de sua mãe. Lá esperamos. A casa da mãe de Luzia era uma moradia mais digna, azulejada, com quarto, cozinha, área, sala e banheiro. Na parte de fora alguns sobrinhos brincavam e alguns rapazes mais velhos cortavam o cabelo.

Quando Luzia ficou pronta, decidimos gravar na frente de sua casa. A filmagem dessa vez se deu de forma bem distinta ao do nosso primeiro encontro. Aqui os equipamentos foram armados, escolhemos o enquadramento, eram duas câmeras e um microfone mirando Luzia. Pedimos para algumas de suas sobrinhas, que nos acompanhavam, fazerem silêncio e tivemos que frisar isso algumas vezes. Por conta disso a atmosfera era outra. Luzia na frente de sua própria casa acuada pelas câmeras e minhas perguntas, que dessa vez não foram feitas como uma conversa informal, como em nosso primeiro encontro, mas na tônica de entrevista. Assim, as respostas de Luzia eram mais objetivas, ela mexia as mãos mostrando certo nervosismo, ali Luzia sentiu o tom sério do trabalho e ao ver a preparação para tudo acontecer, percebeu que não era só chegar e falar como da outra vez.

Houve um dado momento em que Luzia parou para beber água e ao voltarmos a gravar ela me deu uma "bronca" sorridente. Pediu para que perguntasse as coisas com mais entusiasmo, disse que eu estava muito séria, e que com isso estava deixando ela nervosa, "que da outra vez eu tava melhor" e riu. Perguntei porque ela achava isso e por que estava nervosa? Ela respondeu: "Não sei, você tá séria e me deixa tensa!" e riu mais uma vez. Para mim estava tudo normal, mas sentia que ela estava mais nervosa dessa vez, tentei perguntar de maneira mais descontraída e seguimos sem queixas ou interrupções até o final.

Por fim, pedi à Luzia permissão para filmar sua casa, mas ela não deixou, alegando que tinha vergonha porque estava muito bagunçada. Não insisti.

Nossa relação com Luzia não acabou nesse dia, comentamos com ela sobre o nosso interesse em conhecer o Sindicato da cachaça, pessoas das quais ela era muito amiga. Luzia então nos levou até o notório grupo.

Sindicato da Cachaça

O Sindicato da cachaça talvez seja o grupo mais célebre de Jardim Gramacho, e não houve uma pessoa com que conversei no bairro que não tenha falado bem deles.

No começo do meu campo com a câmera não tinha a intenção de gravá-los, até porque desconhecia o fato de que eles ainda existiam enquanto grupo, e pensei que com o final do aterro cada um tivesse seguido um caminho diferente.

Nos primeiros meses de campo, antes mesmo de portar a câmera, já tinha ouvido falar do tal Sindicato. Não houve quem falasse mal, esse grupo parecia fazer parte das boas memórias vividas na *rampa*. Visto com muita simpatia por todos que dividiram um copo de cachaça pós-expediente, ou simplesmente um papo no intervalo do trabalho.

Porém, desde o começo das filmagens percebi que eles eram mais populares do que imaginei, como já dito, não teve um catador que eu tenha conhecido que não tenha falado deles. Quando descobri, através de Jeniffer, que eles ainda estavam na ativa como "Sindicato", houve uma vontade imediata de conhecê-los. Fui postergando esse momento e pensei até deixá-lo de lado, até que Luzia se dispôs a nos levar até eles, e foi o incentivo que faltava.

Era uma sexta-feira, dia de festa no Laguinho. Laguinho é como é conhecida pela população de Jardim Gramacho uma lagoa perto do aterro aonde boa parte dos moradores vai se refrescar nos dias quentes de verão. Um lugar muito bonito e vivo, rodeado de intenso verde, e onde também estão replantando o mangue, que fora destruído pela longa vida do AMJG.

Ao chegarmos na companhia de Luzia e de seu esposo, Fabiano, fomos muito bem recebidos por esse famoso grupo. Eram vários, e estavam preparando um churrasco. Nos apresentamos e falamos da fama que eles tinham e que foi ela que nos levou até eles. O grupo ficou muito feliz em saber da imagem positiva que tem. Nosso primeiro contato foi muito descontraído e com muitas risadas, e o dia prometia ser bom. E foi. O cenário escolhido era a própria mesa em que eles se encontravam. Berruga, Márcio, Jaime, Izequías, Fabrício aceitaram gravar prontamente, havia outros que entravam e saíam de cena, mas esse foi o grupo fixo que seguiu conosco até o final.

O começo foi confuso, eram muitos, todos falavam ao mesmo tempo, e só para ouvir o nome de cada um demorou alguns minutos, foi difícil organizá-los, mas já contava com isso, e quando pensei em gravá-los já esperava que a cena seria caótica.

Ao conseguir organizar minimamente o grupo, eles se apresentaram, porém, no processo de pedir um pouco de ordem para conseguir ouvir a todos, eles próprios articularam que cada um daria a opinião sobre o tema perguntado na ordem de posicionamento em torno da mesa. Os primeiros minutos de gravação foram monótonos, justamente por uma organização forjada que não representava o que parecia ser o Sindicato da cachaça. Mas esse ordenamento para falar durou pouco e houve as vozes predominantes: Izequías, Berruga e Jaime.

Quando chegamos, o grupo estava compartilhando uma vodca chamada *Grey Goose*. Trata-se de uma bebida importada de alto custo, e havia duas garrafas dessas com eles. Enquanto nós nos conhecíamos e os membros do Sindicato se ajeitavam para se posicionar frente a câmera, sugeri que colocassem a garrafa que bebiam em cima da mesa. Contudo, alguém disse; “Não coloca essa não porque é cara.” E com isso colocaram duas garrafas de *Caninha da Roça*⁵⁶.

Achei muito interessante observar como a cena também estava sendo construída por eles, não sei o que pensaram quando sugeriram colocar as garrafas de *Caninha da Roça* no lugar da vodca importada, que já estavam vazias e não era o que estavam

⁵⁶São cachaças que vêm em pequenas garrafas bojudas de plástico, são as mais baratas do mercado, seu preço gira em torno de quatro reais.

bebendo naquele momento. Uma possibilidade é a de terem ponderado que o queríamos filmar era justamente isso, um grupo de cachaceiros que consomem cachaça barata. Até porque, talvez seja essa a cachaça que de fato bebem no dia a dia e curiosamente naquele momento apreciavam uma vodca especial e cara, por isso acreditaram que aquela garrafa não representava a realidade deles.

Fato é que a atitude de escolher que objeto apareceria em cena foi um ponto muito eloquente para perceber como eles compreenderam a gravação. Que aquilo vai ser registrado e exibido em outros lugares para outras pessoas, e com isso eles queriam comunicar alguma coisa na escolha das cachaças baratas. Seria esse um retrato mais fiel do que é o Sindicato da cachaça? Ou simplesmente um tom cômico de sua própria condição? É dessa cachaça que geralmente bebemos então é ela que deve estar em cena.

Escolhidas as garrafas para ornar a mesa, seguimos a nossa conversa, que como dito anteriormente, estava em um ritmo monótono onde cada um dava opinião sobre um mesmo tema seguindo a ordem de posicionamento em torno da mesa. Porém, felizmente, essa organização não durou muito, e pouco tempo depois o Sindicato mostrou a alegria e a descontração que pareciam ter no momento em que os conheci.

O Sindicato pareceu ser um grupo bem heterogêneo, e entre eles havia tanto discordâncias como concordâncias sobre os mais diversos assuntos. Mostrar a pluralidade desse grupo seria impossível com aquela organização que eles mesmos estabeleceram, contudo, às vezes ficava difícil entender o que diziam, pois todos resolviam falar ao mesmo tempo. Nesses momentos eu era obrigada a intervir como uma professora de escola, pedindo para cada um falar na sua vez, e dessa forma eles entendiam que tinham que voltar ao formato do começo da gravação. Pegar o ritmo de conversa em grupo foi um pouco trabalhoso.

Depois de alguns exaustivos minutos em busca de um bom ritmo de diálogo entre eles, ainda existia uma espécie de euforia causada pela presença da câmera. Luzia ficou do nosso lado o tempo todo, acompanhando atentamente o pessoal do sindicato, até que incomodada com um momento em que eles só falavam dos acidentes da *rampa*, Luzia começou a lembrar das boas histórias vividas com os colegas de aterro. Thiago, que estava com a câmera móvel, continuava a filmar o sindicato, e tive que chamar sua atenção para virar a câmera para a Luzia. Fazer isso de forma silenciosa e que não entre no áudio do vídeo, e ainda conseguir que os entrevistados não se distraiam com o gestual, mantendo o foco de quem fala, não é tarefa fácil, mas tampouco é um grande desafio. O meu objetivo era manter o equilíbrio que estávamos tendo na conversa e não

tirar a atenção do Sindicato, com medo de retornarmos para o estágio inicial. Nesse sentindo, como a gravação já tinha passado por momentos turbulentos, não convinha interromper o ritmo que estava voltando a engrenar. A missão foi cumprida, era necessário gravar a interação de Luzia com eles naquele momento, ela estava animada recordando as experiências compartilhadas com eles, e ainda, ela era uma personagem do filme, e a pessoa que nos ligou ao Sindicato. Era fundamental entrar com ela em cena. Gravada a conversa em volta da mesa, pedimos a Berruga e Márcio, os dois membros do grupo que moram juntos no Laguinho, que nos apresentasse àquele lugar.

Foi uma apresentação longa, cheia de vida e entusiasmo por parte dos dois, ali era de fato o lugar que pertenciam. Demos a volta em todo o lago, seguimos na companhia de Luzia e seu esposo Fabiano por terra, enquanto Berruga e Márcio foram nadando todo o contorno do lago, nos mostrando de longe como fazem para pescar, saldando a câmera de tempos em tempos dizendo o quanto aquele lugar era especial e o quanto eles gostavam dali. Luzia comigo, na presença da câmera, também revelava o apreço por aquele espaço. Acompanhamos a pescaria da Tilápia e seu preparo, que também proporcionou a apresentações dos espaços construídos por eles à margem do lago, como a cozinha e o forno.

Nesse ínterim de seguir com Berruga, Márcio e Luzia pelo Laguinho, eu e Thiago deixamos nossas mochilas na mesa onde gravamos e seguimos com o grupo. Ao voltarmos fomos saudados por todos do Sindicato, que agradeceram nosso voto de confiança. Berruga veio apertar minha mão e a do Thiago muito feliz por termos confiado nossos pertences com eles. Um pequeno gesto que gerou confiança e amizade entre nós. Depois do saboroso peixe e de um pouco mais de conversa seguimos nosso rumo de volta para casa.

Bar do Tadeu

Tadeu é uma figura recorrente em meu campo em Jardim Gramacho, sempre passo pelo seu bar, o cumprimento, conversamos um pouco, eu compro uma água e sigo o meu caminho. Inclusive seu bar já foi cenário de gravação com Rebelde.

Ao ter tantas idas e vindas em seu pequeno estabelecimento, pensei: Por que não entrevistar Tadeu? Seu barzinho é um dos mais próximos da *rampa*, e é ainda hoje ponto de encontro de muitos ex-catadores. Sua proximidade com o aterro fez com que Tadeu conhecesse muitos catadores e suas rotinas do trabalho, além de ter sido um dos

poucos comerciantes da região que conseguiu permanecer aberto. Tadeu seria então a voz desses trabalhadores que viviam a economia indireta do AMJG.

Nomeio esse tópico como "Bar do Tadeu" e não somente Tadeu, por uma razão curiosa e interessante para o meu trabalho. Ao gravar com em seu bar, eu e Thiago preparamos todos os equipamentos, e quando tudo estava pronto, começamos a fazer as perguntas para Tadeu.

No bar do Tadeu sempre há algum movimento, nesse dia havia um senhor que todos o chamavam de Billy, ele conversava com Natalie, uma jovem ex-catadora. Ao passo que eu realizava perguntas sobre o fim da *rampa* a Tadeu, Billy e Natalie entre si respondiam e comentavam o que eu indagava. Logo em seguida chegou Renata, que também trabalhou no aterro, e entrou na conversa. Dessa forma, a filmagem com Tadeu virou um grande espaço de discussão sobre o fim do aterro e demais questões políticas que gravitam sobre esse assunto. Thiago continuava com a sua câmera no tripé virada para o nosso primeiro personagem, e eu mirei a *handycam* para aquelas três pessoas que dialogavam sobre os meus questionamentos. A partir daí fiquei calada, não intervi e não perguntei mais nada, foi um fenômeno espontâneo gerado pelas minhas perguntas a Tadeu, que iam se desenvolvendo a partir das perspectivas opostas que cada um daqueles personagens trazia. A discussão deles ganhou vida própria.

Assim seguiu a discussão, considerei até por um determinado momento que os nossos três personagens nem tivessem notado que eu havia virado a câmera para eles, tamanha era a entrosagem entre eles, a discussão seguiu a fundo e as opiniões pareciam cada vez mais apaixonadas. Considerei aquilo tudo muito interessante e eloquente para o filme, três ex-catadores em um ponto de encontro muito frequentado por eles, sentados em uma tarde qualquer tendo opiniões por ora divergentes e por outras convergentes sobre o assunto que eu abordava: o fim da *rampa*. Aquele diálogo foi muito poderoso e interessante. Com Tadeu consegui as respostas que queria e nossa conversa não foi prejudicada, e em seu bar consegui também algo que nem esperava: uma discussão eloquente e interessante com três pontos de vista diferentes.

Docinho

Docinho foi um divisor de águas na minha pesquisa. Como já dito, antes de conhecê-la meu campo estava muito delimitado pela ACAMJG. Com Docinho minha

visão de Jardim Gramacho se abriu e pude ver o bairro, os catadores, seu trabalho e seus problemas por conta do encerramento de forma bem mais ampla.

Acompanhei sua trajetória de perto, Docinho fez do espaço da sua associação uma FAETEC, a Escola Canteiro, e com isso criou várias vagas para ex-catadores, capacitando-os nas mais diversas profissões. Tudo isso já discutido na parte anterior desse trabalho.

Docinho, a grosso modo, é uma oposição à ACAMJG, com sua associação, a ACEX, por isso a importância da sua voz no filme, além de todos os motivos aos quais também atribuí a Glória como imprescindíveis para a feitura desse filme.

Fui até o novo terreno da ACEX, onde Docinho planava o solo para receber sua cooperativa que fará parte do Polo de Reciclagem. Ela saiu do trator e foi nos atender, já tínhamos marcado de gravar com ela nesse dia, e Docinho era a última filmagem do meu cronograma.

Como o dia estava muito quente e com o sol forte, fomos em busca de uma sombra. O fato de querer interferir o mínimo possível no cotidiano das pessoas com quem gravo gera algumas implicações. Uma delas foi o ambiente pouco propício para realizar uma filmagem, pois se tratava de um grande terreno baldio, com a terra arenosa em um dia intenso de verão. O único lugar em que havia espaço para sentar e ter um alívio do sol era ao lado de uma obra, que obviamente, fazia muito barulho.

No entanto, não podíamos nos afastar mais de onde estávamos, pois Docinho tinha que voltar a trabalhar, e como se trata de um terreno muito grande, procurar outro lugar que fosse fresco e silencioso, certamente demandaria alguns longos minutos de caminhada. Ou seja, não era viável. Era aceitar a situação que tínhamos ou tentar conseguir outro dia para gravar. Aceitamos as condições propostas. O barulho da obra foi intermitente, mas a conversa foi longa e produtiva e assim como com Glória, também havia produzido um questionário para Docinho.

Por ser tratar de uma pessoa que já acompanhava há muito tempo e que também era uma liderança que se colocava como uma alternativa à política da ACAMJG, tinha perguntas muito específicas a fazer. A conversa foi pautada por essa oposição política e as razões pela necessidade da mesma, da trajetória de Docinho até a formação da ACEX.

Como já havíamos conversado muito sobre a realização desse filme Docinho já estava muito familiarizada com meu trabalho e meus objetivos, e isso permitiu um bom clima de gravação.

3 - O que aprendi com a câmera.

Ao olhar essa vivência em campo com a câmera, começo aqui, uma reflexão de minha própria experiência. Como ponto de partida destaco uma consideração feita por Ana Garderello, Cláudia Fonseca, Nuno Godolphin e Rogério Rosa, no texto *Bastidores de um vídeo etnográfico*, no qual logo nos primeiros parágrafos eles questionam: " As reflexões suscitadas ao longo da fabricação do vídeo nos levam a perguntar se todo vídeo etnográfico não é, no fundo, exploratório." (GARDERELLO, FONSECA, GODOLPHIN, ROSA, 1991, p.270)

Ao pensarem suas vivências no campo, revelando os bastidores do filme que realizaram, o grupo de antropólogos-cineastas anuncia sua primeira hipótese, a de que fazer um vídeo etnográfico pode ser antes de tudo uma forma de investigação do próprio lugar, das pessoas ouvidas e mais, da própria prática. A câmera atua como um instrumento investigativo de fato, e por isso, apresento o que aprendi com ela, como percebi e estabeleci as relações, como ela atua no campo, o que sua presença pode atrair, e o mais importante, o que aprendi trabalhando com ela, tanto em questões técnicas como também em questões subjetivas.

Essa é minha primeira experiência utilizando na pesquisa uma câmera, ao longo do meu percurso fui colecionando uma série de equívocos e aprendizados, que só a prática pode oferecer, o famoso *aprender fazendo*. Por mais que se leia sobre o assunto, o campo é cheio de imprevistos muito particulares, e há de saber lidar com todos eles, e se possível retorná-los ao seu favor.

Comolli trata muito bem essas incertezas inerentes de quem filma o real quando diz:

"O homem sabe que é filmado, ele sabe confusamente o que filmar significa, o que ele não sabe muito bem é que nós, os filmadores, não sabemos nada sobre o que ele vai fazer." (COMOLLI, 2008, p.53)

O inesperado acontece no campo, as entrevistas marcadas que não acontecem, os sujeitos com quem você cria vínculo, estabelece uma trajetória e no final dela a pessoa desaparece, como no caso do Cantor. Ou a dificuldade em conseguir uma entrevista,

como aconteceu com Dona Ângela. Ao olhar para a minha experiência percebo as inúmeras vezes que isso aconteceu. O inesperado pode ganhar também outros sentidos, as surpresas boas como a participação ativa de Seu Brizola e o encontro com Luzia. É difícil definir por onde começar, sendo essa uma experiência marcada por diferentes momentos. É como bem coloca o grupo de autores citado no começo do texto, sobre essas instâncias da vivência audiovisual dada por uma pesquisadora que nunca havia lidado com esse suporte antes, traçando um paralelo com conceitos formulados por Victor Turner ao pensar os ritos de passagem, eles pontuam:

"Passamos pela Ruptura (quando nos afastamos do texto escrito), Liminalidade (quando desorientados erramos pelos caminhos da linguagem audiovisual) e Reintegração (vídeo terminado). (GARDERELLO, FONSECA, GODOLPHIN, ROSA, 1991, p.270)

Boa parte da minha experiência em campo era uma quimera de pesquisadora acostumada com a produção textual e uma pretensa cineasta, fascinada pelas possibilidades dessa linguagem. Logo, em larga medida, essa experiência foi um estágio "entre", buscando as melhores abordagens, negociações, enquadramentos, sons, cenários, histórias até sentir-me reintegrada a esse novo mundo da produção imagética, do qual os autores supracitados marcam como o vídeo finalizado.

Ainda delineando identificações entre o texto *Nos bastidores do filme etnográfico* e minha experiência, os autores dentro das especificidades do seu campo encontraram melhores resultados nas entrevistas realizadas com sujeitos que não possuíam muita intimidade. Eles alegam que quando se tinha uma relação mais aprofundada o relato tendia a ser fragmentado, sem as explicações que seriam necessárias para que o espectador pudesse compreender a história. (GARDERELLO, FONSECA, GODOLPHIN, ROSA, 1991). Minha experiência mostrou o mesmo em parte, criando uma bifurcação na trajetória das entrevistas filmadas.

Como apresentado, as melhores entrevistas em termos de fluidez e condução foram a de Glória e Docinho, por conta de uma conjunção de fatores. Já tinha muita intimidade e havia conversado por vários meses com ambas as personagens. Por isso, ao elaborar um questionário pude selecionar perguntas precisas, que não só saberia que elas iam tratar de maneira mais aprofundada, como também seria interessante dar voz a tópicos específicos da realidade vivida tanto por Glória quanto por Docinho, como por

exemplo: "Por que criar uma associação?" Ou ter uma opinião por um outro viés da recusa encontrada na maioria dos catadores para trabalhar em cooperativas.

Dona Fátima também mostrou-se uma articulada interlocutora. Apesar de não ter elaborado um roteiro, Dona Fátima se mostrou serena e confortável com a câmera e a equipe de filmagem.

Já Dona Ângela revelou, ao final da minha experiência, o contrário. Tendo sido uma das últimas pessoas filmadas, a ex-catadora mostrou em sua fala o problema apresentado pelos autores citados acima: a relação de intimidade entre pesquisador e interlocutor que gera um relato parcial, fruto da sensação de não haver necessidade de explicar novamente o que já foi conversado em outras inúmeras ocasiões. As respostas de Dona Ângela não apresentavam de maneira satisfatória o percurso vivido por ela, seja na vida pessoal quanto na vida do aterro.

Já os personagens que foram aparecendo em meu caminho, "catados" por mim, foram todos uma surpresa positiva. Sempre dispostos a falar por longos minutos suas histórias e compartilhar a saudade da *rampa*, e foi o que aconteceu com Seu Brizola, Luciano e Luzia. Sem muito esforço os encontros se deram de forma tranquila, com facilidade os personagens dividiam suas memórias.

Luzia foi uma dessas personagens encontradas fortuitamente pelos caminhos de Jardim Gramacho, que revelou em nossa trajetória de filmagem (minha com ela) uma série de problemáticas a serem analisadas.

Em nosso primeiro encontro, como eu já estava segurando a câmera ligada quando ela apareceu nosso diálogo se deu de maneira espontânea, as perguntas fluíram como se tivéssemos muita intimidade, gerando uma conversa que para mim soava muito natural. Diferentemente da nossa segunda filmagem, em que já conhecia Luzia, mas que mostrou-se apreensiva e nervosa depois de montarmos todo o aparato técnico para realizar a gravação, originando um outro tipo de comunicação. Há dois pontos que parecem ter interferido na experiência do segundo dia, lá estavam em ação duas câmeras e um microfone, todos apontados para a nossa personagem. Teria sido essa configuração aliada ao fato de termos uma gravação marcada e não dada de maneira espontânea como a primeira? A resposta parece que foi dada pela própria catadora, que no meio da gravação, como já descrito, briga comigo dizendo que eu estava muito séria, deixando ela tensa, e que da outra vez "eu estava melhor, que perguntava com mais animação".

A influência maior seria então a maneira como eu conduzi a conversa? Luzia deixa claro que o motivo de sua apreensão vem da forma como eu faço as perguntas.

O segundo ponto está nas palavras de Coutinho. O cineasta considera inconcebível fazer a mesma pergunta duas vezes, para ele é como "pão amanhecido", quando se faz uma pergunta novamente, a pessoa necessariamente vai responder: "como já te disse". (COUTINHO, 1997)

A segunda entrevista com Luzia foi muito marcada por perguntas repetidas, logo recebia respostas como "pão amanhecido", nossa conversa não foi dinâmica e espontânea, mas mecânica e um tanto enfadonha. Perguntei coisas como: "Luzia, fala um pouco da história da sua filha". Eu já sabia da história, um acontecimento sofrido na vida da catadora que me foi narrado de maneira natural em nosso primeiro encontro, e partiu dela dividir esse problema comigo. No segundo momento, Luzia sabia que eu conhecia a história e não mostrou a mesma vontade em contar os detalhes, nem ao menos mostrou emoção igual ao tocar naquele assunto. Era quase uma farsa aquela gravação, já que estava a par de quase tudo que perguntava. E só perguntava a ela tudo aquilo de novo, justamente por ter apreciado nossa primeira conversa, mas dada a espontaneidade do encontro fiquei receosa com a qualidade técnica da filmagem. Buscava então, no segundo dia de gravação o mesmo encontro, só que mais preparada tecnicamente para garantir o registro das falas daquela personagem que tanto me cativou. Contudo, percebi que minha tentativa foi malfadada. Poderia ter filmado com Luzia mais uma vez, duas, três, quantas quisesse, porém, em todas deveria ter explorando diferentes potenciais da personagem e de seu universo.

Assim como conheci Luzia, conheci outros catadores e demais personagens por causa da câmera. Percebi ao longo desses seis meses que esse objeto motiva as pessoas a irem ao seu encontro pelas mais variadas razões, como foi o caso de Serafim, a discussão iniciada no bar do Tadeu e também dois episódios bem particulares, ambos na reta final das filmagens.

O primeiro, já havíamos encerrado o dia de trabalho e seguíamos nosso caminho de volta, porém queríamos encontrar com Rebelde, pois há muito tempo não o víamos e gostaríamos de perguntar como ele estava. Ao encontrá-lo, Rebelde estava empregado, era agora vigia de um depósito. Estava na porta do estabelecimento na companhia de cerca dez jovens, todos homens e um tanto mal-encarados. Se não estivesse na companhia de Thiago teria ficado um tanto sem graça de me aproximar de Rebelde. Conversamos um pouco com ele, e para minha surpresa veio um dos meninos de grupo

falar comigo, seu nome era Maikon e ele vinha com muita revolta, perguntando se eu era a menina que estava fazendo um filme. Disse que sim, e ele começou a narrar todas as injustiças que estavam acontecendo em Jardim Gramacho, várias mães que não tinham dinheiro para dar comida aos filhos, enquanto os donos de cooperativas estavam enriquecendo. Que todos passavam por muita necessidade, que eu tinha que filmar isso. Disse que naquele dia não podia, pois tinha acabado de fazer uma filmagem e estava sem bateria, mas que podíamos marcar um outro encontro para ele mostrar o que estava acontecendo. O rapaz agradeceu e me deu seu celular, dizendo que era importante mostrar a pobreza que vivia Jardim Gramacho e que todos deveriam saber disso. Ouvi todas as queixas do rapaz, ao final agradei e disse que ligaria.

Nunca liguei, interesse não faltou, mas foram as conjunturas. Infelizmente eu já tinha um cronograma de gravação e não podia mais atrasá-lo. Queria gravar as mazelas que me mostraria Maikon, mas não houve tempo, e obviamente, minha permanência de mais de um ano em Jardim Gramacho permitiu perceber essa pobreza que Maikon falava e registrá-la, porém não em um tom de denúncia como ele falava e desejava que eu fizesse.

Assim como Maikon existem muitos outros que consideram cooperativas e associações, instituições corruptas que roubam dinheiro que deveria ser do catador. Maikon e Rebelde me falavam de catadores que deveriam ter recebido a indenização e não receberam por atitudes corruptas advindas dessas instituições.

Há no filme diversas falas de ex-catadores que não trabalham em cooperativas e tecem firmes críticas a elas, assim como há a voz de cooperados e lideranças. Essa produção não se pretende política, nem parcial. Seria interessante filmar o desabafo de Maikon, mas a compreensão do cenário complexo que vive Jardim Gramacho hoje não foi afetada por essa perda. Mas o que é mais interessante é como a câmera mobilizou esse jovem, que indignado com as situações que vive algumas pessoas que conhece, viu na câmera uma possibilidade de denúncia, de mostrar a "realidade".

Houve outro episódio, dessa vez um pouco mais perigoso, revelando que a presença da câmera implica em certos cuidados. Era nosso último dia de gravação, estava um forte calor. Já tínhamos andado muito, alguns de nossos planos tinham sido frustrados. Estávamos exaustos, até que em certo momento decidimos sentar debaixo de uma sombra. Estávamos tão exaustos que ficamos descansado por muito tempo, para não perder a viagem, vi um grupo de crianças brincando perto de uma árvore, acionei a

filmadora, me encontrava longe do grupo, mas, ainda assim, eles perceberam e começaram a fazer graça para a câmera.

De repente passa uma menina de bicicleta que logo depois traz um jovem em sua companhia. Esse jovem veio me questionando o que eu fazia filmando lá, de uma maneira um tanto rude. Expliquei quem eu era e o que fazia, deixei claro que era um trabalho para a faculdade e que aquele equipamento pertencia à universidade. Ele então me avisou que ali não tinha nenhum catador, que eles estavam em uma outra parte do bairro, e apontou a direção. Disse que só estava descansando e que já seguiria meu caminho.

O rapaz e a moça saíram um tanto desconfiados, e acabei sendo um tanto áspera também, afinal não tinha gostado daquela abordagem. Quando foram embora, comentei com meu amigo Thiago, "Quem eles pensam que são? Donos da rua?" Thiago me olha com um tom de reprovação e afirma: "Adriana, é assim que os traficantes pensam..." Percebi então a gravidade do que eu acabara de passar. Minha trajetória em Jardim Gramacho sempre foi tranquila, mesmo sabendo que havia um tráfico ativo no bairro. Nunca tinha tido problema com a câmera. No último dia de filmagem esse acontecimento me fez pensar que em qualquer lugar que você vá portando um equipamento de filmagem, deve-se ficar atento ao seu redor, pois sempre pode haver alguém que não queira ser filmado.

O mesmo cuidado deve se ter com as pessoas que você se relaciona, ainda que isso fuja um pouco do nosso controle. Luzia, por exemplo, contou-me que um colega seu de trabalho veio questionando quem eu era e o que fazia por lá. Tudo isso porque, desde o encerramento do aterro, surgiu uma *rampa* clandestina, onde é despejado lixo ilegalmente. Nessa *rampa* clandestina alguns catadores ainda conseguem fazer algum dinheiro, inclusive foi nesse espaço que conheci Luzia e pedi para ela me mostrar. O rapaz ficou com medo que eu pudesse ser de alguma emissora de televisão ou botasse aquele conteúdo na internet fazendo com isso acabasse com a tal *rampa*, já que se trata de uma irregularidade. Isso seria um grande problema para eles, já que era uma das poucas formas de sustento devido ao fim do aterro.

A câmera é um elemento poderoso, esses três relatos provam isso, foi portando esse objeto que fui convocada para ouvir uma denúncia e virei uma pessoa suspeita, que apresenta perigo.

Jardim Gramacho, depois da presença pungente de equipes de cinema e principalmente televisão e jornais passou a conhecer muito bem o poder da câmera e seu alcance. Felizmente, eu só percebi isso na reta final dessa experiência, tive a vantagem de conduzi-la ainda guiada pela ingenuidade e conseqüentemente sem receios, acessando todos os lugares com ela em mãos.

Por fim, um dos grandes aprendizados que tive com a câmera, foi o de lidar com ela em ação. A câmera, por vezes influencia no que vai ser dito ou como vai ser dito.

Coutinho sugere que não é a câmera que influencia a pessoa gravada e sim o cineasta, ele diz:

“Na verdade, não é a presença da câmera que muda realmente, o que muda realmente, o que muda é a presença de uma pessoa de outra classe social que não pertence aquele mundo e que interroga sobre uma questão”. (COUTINHO, 1997, p.167)

Também não sei se o cerne da questão esteja nesse ponto. É certo que meu campo é bem particular, diferente do lixão de Itaoca onde Coutinho filmou o *Boca de Lixo*, Jardim Gramacho, como já dito aqui inúmeras vezes, já foi cenário de muitos filmes, editoriais de moda, documentários, notícias de jornal, pesquisas acadêmica, logo os catadores estão acostumados a ver e por vezes lidar com pessoas de outras classes sociais. O que a minha experiência pode confirmar, tanto como pesquisadora (quando atuei no campo sem a presença da câmera) quanto como cineasta, é que em geral as pessoas de Jardim Gramacho estão sempre dispostas a dividir suas memórias.

A câmera pode ser um fator que ajude a intimidar a fala do sujeito filmado. Contudo, em apenas dez minutos de câmera ligada com uma boa conversa, a pessoa em foco logo esquece que está sendo gravada. Com essa constatação somos então levados a um ponto primordial de toda entrevista percebido por mim ao longo de minha experiência, o de nunca fazer perguntas importantes logo no começo da gravação. Os primeiros minutos, geralmente, tendem a ser os piores, onde os interlocutores estão mais travados, tímidos, Tateando e por vezes até incomodados de estarem ali. Porém, bastam dez minutos para se acostumarem com a situação e gradualmente tudo vai se articulando melhor, fluindo de maneira mais espontânea, com respostas mais completas e cheias de elementos. E claro que para que isso aconteça a conversa deve ter uma duração razoável, dela deve ser extraída o seu máximo. Comolli ajuda a concluir essa afirmação:

"O personagem, quando se vê entregue a essa enorme extensão de tempo e de jogo, de palavra e de expressão, faz a entrevista fluir de forma aberta, flutuante, e de certa maneira, muito mais livre. Vinte Minutos! Instalamos-nos em um tempo estendido, menos nervoso, menos abstrato que os das entrevistas habituais, e, ao mesmo tempo, em uma relação de improvisação, de surgimento." (COMOLLI, 2008, P.59)

Vinte minutos parece ser o tempo mínimo para se extrair uma boa conversa, ao passo que como já dito, os dez primeiros minutos são o tempo do aquecimento, e os vinte minutos um bom período para, como colocou o autor, ganhar também em outros aspectos naquela relação que está sendo estabelecida, como o improviso, e novas perguntas podem surgir ao longo do diálogo.

Ao falar das temporalidades de uma filmagem com um interlocutor, esbarramos em uma questão fundamental para a produção do meu filme, a entrevista. Fator esse que hoje está sendo muito debatido dentro da produção de obras de não-ficção. O que era antes uma conquista com o advento do som direto se tornou uma espécie de zona de conforto para muitos documentários. Além disso, ao pensar a entrevista acabamos também por refletir sobre a questão do encontro, em como se dá essa relação com o sujeito filmado. É esse ponto que trataremos de maneira mais aprofundada no próximo tópico.

3.1- Imagem X Palavra: Uma busca pelo equilíbrio.

O trabalho do antropólogo no surgimento desse campo do saber consistia em uma espécie de "tradução" do saber de um determinado grupo pelo viés da erudição do pesquisador, que por sua vez falava em nome dos sujeitos pesquisados. Com o amadurecimento da disciplina foi se compreendendo que o mais importante a ser apreendido era de como essa relação entre diferentes culturas, a do pesquisador e a do pesquisado era estabelecida. Esse encontro foi sendo cada vez mais privilegiado na produção acadêmica. O mesmo movimento é encontrado nos filmes não-ficcionais, nos quais cada vez mais são ressaltados os encontros e as abordagens do diretor com os sujeitos filmados. Existem algumas formas de mostrar isso em uma obra audiovisual, como ouvir a voz do diretor no diálogo, sua escolha na montagem, exibir a equipe de

filmagem que esteve lá. Esses recursos começaram a ser muito utilizados na década de 1980 (BERNARDET, 2003), chegando a ser usados a exaustão, mais adiante discorreremos melhor sobre isso.

O primeiro recurso que transformou a maneira de fazer filmes de não-ficção foi o som direto, alterando de maneira mais profunda a relação entre o sujeito que filma e o sujeito filmado, reconfigurando a experiência da entrevista. Coutinho sobre a questão do som direto vai pontuar como fundamental deixar a relação clara no filme:

"O único interesse do filme documentário que trabalha com o som direto, com pessoas vivas e não natureza morta é um diálogo, e esse diálogo tem que estar presente no filme (...) As perguntas são essenciais como demonstrativos de uma voz que vem de fora, é algo que provoca e gera confronto."(COUTINHO, 1997, p.166)

Esse avanço na captação de som foi um divisor de águas para a produção de filmes de não-ficção. A ideia do som direto é dar voz ao pesquisado. Diferente do que era realizado até então, onde a maioria das produções, inclusive científicas, filmava os sujeitos narrando para o espectador o que ele via na tela, em um movimento de explicar através de uma visão específica, a do pesquisador, o que está acontecendo.

O som direto fez com que os antropólogos-cineastas abrissem mão da voz em off, do texto anterior ou posterior à imagem, da narração ou qualquer outro artifício que incluía a visão do pesquisador no sentido de compreender e/ou explicar o sujeito pesquisado e não de dialogar com ele, dando a entender que este segundo não seria capaz de refletir e falar por si só.⁵⁷ É o começo de um esforço na produção fílmica em fazer o filme "com o outro" e não "sobre o outro".

Coutinho vai dizer que o diálogo acontece, mas ele não é fruto de uma relação simétrica, pelo contrário, essa ideia é uma ilusão que precisa ser rejeitada, é necessário partir do princípio que o diálogo é assimétrico por natureza. Não só porque você não pertence à classe estudada (como na maioria dos casos) mas pelo fato principal, de quem possui a câmera é você, e ela é instrumento de poder onde é possível distorcer

⁵⁷Esse questionamento que foi alcançado ao longo da história do cinema, e conseqüentemente dos filmes etnográficos, acarretado principalmente pelo advento dos aparelhos de gravação de som, criando a possibilidade de gravar o som direto, e não mais necessitando da gravação de vozes em estúdio, como era comumente feito. Como esse recurso era muito trabalhoso e dispendioso, era preferido colocar uma narração. Essa nova forma de gravar o som gerou então o cinema direto.

para qualquer lado que seja desejado, enaltecendo ou denegrindo, aumentando ou diminuindo, o poder da manipulação da montagem. (COUTINHO, 1997)

Bernardet, para corroborar com a discussão do encontro e a repercussão do som direto na produção de filmes de não-ficção, vai tecer críticas ao que julgará como uso excessivo da entrevista na produção de documentários (BERNARDET, 2003)

Para o autor, a introdução do som direto foi transformador para os documentários, a faixa sonora que era considerada um apêndice à faixa visual se tornou tão importante quanto ela. Esse seria o começo de uma relação mais dialógica entre o cineasta e os seus interlocutores. Além disso, abriu-se também a possibilidade de registrar os sons dos lugares filmados, e a criação de verdadeiras ambiências sonoras. Bernardet vai dizer que são criadas a partir do som direto duas grandes categorias dentro da produção documentária: O som ambiente e o som provocado.

Esse som provocado seria então as entrevistas, a gravação de diálogos ou grupos discutindo. No começo do cinema empregando o som direto, as entrevistas eram uma tentativa de encontrar o outro, no cinema direto, estilo cinematográfico fruto desse momento, a produção nacional revelou um universo verbal até então desconhecido, para além da norma culta encontrada na fala dos locutores, e o país pôde ouvir seus múltiplos sotaques e formas de expressão.

Bernardet diz que atualmente a entrevista está sendo banalizada, virou fórmula básica da produção de filmes de não-ficção, e por conta da sua predominância os filmes documentários ficaram essencialmente verbais. "A quase exclusividade da entrevista estreita consideravelmente o campo de observações do documentário." (BERNARDET, 2003, p.287)

Cláudia Mesquita e Consuelo Lins (2008), propondo um diálogo com Bernardet, apontam que há uma preponderância do verbal em cima de outras possibilidades estéticas para um filme documentário, e por conta disso, certas consequências podem ocorrer, como a limitação de uma configuração espacial fruto de uma marcação típica das entrevistas e a ausência de relação com os personagens, perpetuando a manutenção da combatida dicotomia "sujeito-objeto". Claudine de France faz essa mesma crítica aos filmes etnográficos, ela afirma que a antropologia fílmica continua sendo uma disciplina "tagarela" e acrescenta que a razão disso é que muitas das obras produzidas nesse campo são parentes de filmes feitos para um destinatário imediato que coincide com o telespectador de televisão, ao qual convém apresentar os fatos com a ajuda do guia mais seguro e mais direto: a palavra. (FRANCE, 2000, p.29)

Tanto para Claudine quanto para Bernardet, Mesquita e Lins, a produção fílmica ganha quando lança mão de uma observação mais apurada. Claudine defende o equilíbrio entre o uso da palavra e o olhar para o gesto, sendo respeitado o seguinte princípio elementar: a palavra não pode substituir o que pode ser mostrado com imagem. Porém há de se olhar com mais atenção a essa problemática, percebendo pontos onde o uso da palavra seja um recurso eficiente, e não apenas uma estratégia cômoda.

Os filmes etnográficos tradicionalmente são obras focadas em expressões culturais onde o uso da imagem enriquece muito o poder descritivo de tais manifestações, como artesanato, danças ou ritos religiosos. “São cenas de atividades bem delimitadas no tempo e espaço, em que o discurso verbal tem relativamente pouca importância, e em que a linguagem audiovisual vem a calhar”. (GARDERELLO, FONSECA, GODOLPHIN, ROSA, 1991, p.271) Obviamente as possibilidades de temas para filmes etnográficos não se limitam dessa maneira, mas esses assuntos são encontrados com frequência em produções dessa natureza. Claudine de France pontua que a abordagem da palavra talvez seja o único recurso em temas que fogem dessa tradição, trazendo para a pauta da discussão o tema desse trabalho, a memória:

A Antropologia fílmica dedica-se às vezes, a acontecimentos, ações não mostráveis, que se desdobram no eixo tempo e que somente a palavra ou a reconstituição histórica podem evocar. (FRANCE, 2000, p.22)

Comolli considera a palavra indispensável quando se trata do que ele vai chamar de *documentários etnográficos*, e aponta:

"Em um documentário etnográfico, é praticamente obrigatória a gravação fiel do som do ambiente em que acontecem as filmagens, acrescido de entrevistas, de diálogos entre as pessoas filmadas e tudo que seja relevante à enquete. Isso porque, inserido em um contexto de pesquisa, o documentário desempenha o papel de matéria-prima que traz a si a possibilidade de provocar ou de inspirar o aparecimento de hipóteses e dos questionamentos mais diversos." (COMOLLI, 2008, p.298)

Justificando que como o filme será também objeto de pesquisa para profissionais específicos a palavra será um elemento chave e funcional para a suscitação de hipóteses e questionamentos para trabalhos acadêmicos.

Observada toda essa discussão sobre os usos e abusos da entrevista em produções não ficcionais, constatamos que a consequência desse debate é o de trazer grandes desafios tanto para repensar as formas de entrevista quanto na elaboração de estratégias para problematizá-las e reconfigurá-las.

Frente a esse quadro, exibo os desafios encontrados em meu campo nesse contexto de discussão, e o meu posicionamento ciente das problemáticas do uso excessivo das palavras, propondo uma solução equilibrada para o proposto trabalho.

Meu tema pesquisado apresentou uma série de desafios para filmar além da palavra. Quando decidi que queria realizar um filme sobre Jardim Gramacho, encontrei alguns imprevistos pelo caminho que influenciaram diretamente minhas escolhas como cineasta. Por conta do encerramento do aterro, eu não possuía mais um lugar certo onde pudesse encontrar com os catadores, e nesse espaço de trabalho (aterro) eu poderia criar uma rotina junto aos catadores possibilitando melhores observações de seu cotidiano e do seu trabalho. Porém, aconteceu uma verdadeira diáspora: os trabalhadores que não moravam em Jardim Gramacho, um número relevante da população catadora, voltaram para seus bairros ou municípios de origem, os que lá ficaram não tinha uma rotina certa, a rotatividade nas cooperativas era grande, acabei me transformando em uma espécie de catadora, em que meu trabalho consistia em procurar catadores e suas histórias.

O segundo desafio gira ainda em torno do encerramento mas em outro sentido, agora o registro com a câmera é sobre um lugar que não existe mais. Seu fim ainda recente já deixou marcas, há em alguns catadores um tom revoltoso por ficarem sem o seu sustento. Como não usar a palavra? Como rememorar os eventos vividos no aterro? Como refazer os percursos desses trabalhadores de outra forma, além do que é narrado por eles?

É certo de que a palavra não é demonizada, e obviamente tem de ser usada, a grande questão da discussão aqui travada é: como equilibrar imagem e palavra e como usar as palavras para além do formato conservador da entrevista?

Bernardet diz que muitos cineastas lançam mão de uma segunda câmera a fim de preencher a lacuna da observação. Com ela filmam os gestos, os movimentos e tudo aquilo que escapa do discurso verbal focalizado pela primeira câmera. Mas para o autor,

ainda assim é uma tática falha, que não gera uma observação profunda, somente outros planos para serem usados no momento da montagem.

Tive a oportunidade de utilizar uma segunda câmera, e dessa forma concordo nesse aspecto com Bernardet. Em minha experiência, a segunda câmera era focada em gestos e outros elementos, mas em grande medida não captava o universo por completo da pessoa filmada. O que se faz com duas câmeras é variar os ângulos, enriquecendo o material na hora da edição, mas não o discurso descritivo.

A observação não se ganha dessa maneira, e nem foi assim pretendida com as duas câmeras em ação. O ato de observar vai além do dia da filmagem, e é conquistado na convivência, para que no momento da gravação se saiba o que privilegiar. A pessoa que aceita ser gravada nem sempre está disposta a ser acompanhada na maior parte do seu dia por uma equipe de filmagem, e por vezes, a câmera nem sempre tem acesso aos lugares privados, ou seja, nem sempre é possível colher boas imagens sobre determinado indivíduo ou aspecto.

Ao olhar uma história que teve seu fim recentemente, as palavras são ferramentas imprescindíveis para a reconstituição desse lugar em todas as suas esferas possíveis, e é com elas que o aterro pode ser redesenhado para o espectador.

"Histórias de vida, testemunhos individuais e coletivos sobre acontecimentos de um passado inacessível à imagem direta, que representam fragmentos da unidade de um grupo humano cujo esquecimento é assim evitado. Memória viva, a antropologia fílmica torna aqui o lugar da tradição oral" (FRANCE, 2000, p. 22)

Como trabalhar com essas memórias que nos foram compartilhadas e colocar no plano da filmagem?

Como nunca havia feito um filme, o pensamento *Glauberiano* de uma ideia na cabeça e uma câmera na mão não me pareceu tão simples assim. Por muitos momentos preferi não arriscar em "inovações", primeiro por uma deficiência técnica, segundo por uma inexperiência que gera receios de cair em exageros, fugir do propósito do filme ou realizar cenas pretensivas. Assumi a entrevista como uma solução eficaz, primeiro por se tratar de um filme que tem como matéria-prima a memória, segundo, pelo filme ter também um caráter acadêmico, por isso privilegiei as informações e reconstruções que eram feitas por esses catadores e moradores do bairro no sentido de se tornarem no futuro instrumentos de investigação para outros pesquisadores do tema.

Há em meu trabalho um esforço no sentido de observar e revelar no vídeo, outros momentos da vida dos personagens que gravei. O foco dessa pesquisa e do filme é o encerramento do AMJG e como isso afetou a vida dos catadores e moradores de Jardim Gramacho, logo, torna-se indispensável, para entender o que foi esse impacto, ver como estão atualmente esses trabalhadores e os rumos que foram por eles tomados.

Essa oscilação entre passado e presente possibilitou, em meu trabalho, outra dicotomia: palavra e imagem. Encontrei nessas dualidades uma solução na busca do equilíbrio comentado por Claudine de France.

Como já descrito na primeira parte desse trabalho, hoje, Jardim Gramacho é um bairro que está abandonado. Muitos catadores dizem que dá tristeza olhar para a rua principal que leva ao aterro, pois nela, antes do fechamento, havia um intenso trânsito de pessoas e carros e hoje seu ritmo é bem mais lento. Sendo essa uma informação compartilhada por quase todas as pessoas com quem conversei, torna-se importante filmar esse vazio, mostrar as ruas com o movimento dos dias atuais promovendo um contraste com as falas que narram como eram esses espaços antes.

O aterro, assim como a agitação das ruas do bairro, se perderam, não podem mais serem registradas pela câmera, porém o gestual do catador ainda pôde ser apreendido. Mesmo que com o fim da *rampa*, sem a possibilidade de filmarmos quem e como trabalhavam as pessoas daquele lugar, podemos compreender como esse profissional atua hoje através das imagens feitas nas cooperativas, em um gestual muito similar ao do aterro, e construímos assim um material imagético para tecermos comparações com as memórias narradas do trabalho na *rampa*. Propondo um esforço imaginativo por parte do espectador em ele próprio, para traçar as diferenças e semelhanças.

Além desse empenho no espaço físico e na gestualidade do ofício, ele também foi alçado na trajetória individual desses personagens. Tive o objetivo conquistado com Dona Ângela, Fátima e Marize atuando em seus afazeres. Rebelde revelando suas preciosas tatuagens, em que cada uma conta uma história. Brizola e todo o seu esmero com o carrinho de pipoca. Luzia no momento descontraído com o Sindicato da cachaça, e eles por sua vez pescando, bebendo e cozinhando, e até Luciano em um momento de fé pregando a palavra de Deus.

Esses são momentos nos quais nenhum desses personagens explica o que faz, são no geral imagens geradas por um olhar, provocadas por uma câmera, não há narração, há observação.

Espero ter feito um sábio uso das entrevistas, ferramentas que não considero um "lugar fácil" na produção de filmes de não ficção, mas um elemento que quando bem dosado se torna um importante recurso, não só para dar a voz aos personagens que protagonizam as histórias, mas também para poder contá-las. Nesse sentido, espero ter apreendido em minhas filmagens aspectos que estão além da linguagem verbal, focando em gestos, marcas, corporalidades, espaços e tudo o mais que a imagem pode exibir com a riqueza de detalhes que lhe é intrínseca.

Como coloca Roy Wagner: “o antropólogo é obrigado a incluir a si mesmo e seu próprio modo de vida em seu objeto de estudo, e investigar a si mesmo”. (2010, p.28)

Aprendi muito com toda essa experiência e a investigação de si mesmo, como proposta por Wagner, para mim aconteceu de fato no momento da câmera. Ao gravar tanto pessoas que conheci em posse dela e velhos contatos de Jardim Gramacho, vi que a câmera também provocava reações em mim e não só no sujeito filmado. Ademais, a antropologia tem como metodologia o ato de observar, não só o que falam nossos interlocutores, mas também o ambiente, os gestos e tudo o mais ao nosso redor.

Minha observação se aguçou muito mais através da lente da câmera, como o grupo de antropólogos (GARDERELLO, FONSECA, GODOLPHIN, ROSA, 1991) citados logo no começo do capítulo em que afirmam: “O filme etnográfico é no fundo exploratório.”, Com a filmadora em mãos, além de ter percebido muito mais o lugar e as pessoas que filmava, fui muito mais a fundo no bairro, explorando espaço que até então não tinha conhecido. Aprendi a olhar melhor, com mais atenção e mais cuidado.

Outro ponto fundamental da observação é o não dito, principalmente quando se filma. O silêncio pode ser muito eloquente para compreender determinado aspecto na vida do entrevistado. Michel Pollak fala como o silêncio em memórias de eventos traumáticos pode ser uma eficaz ferramenta para compreender como determinado evento repercutiu tanto na pessoa quanto na sociedade em que vive.

Nessa investigação de mim mesma, percebi a minha dificuldade em permitir esse silêncio. A câmera, até no final de minha incursão, ainda gerava ansiedade, esse sentimento foi diminuindo com a experiência, e isso é nítido quando revejo as entrevistas, porém, frequentemente atropelava o sujeito filmado, perguntando por cima da resposta ainda sendo dita, e por vezes eu complementava suas respostas, caso

soubesse do assunto. A minha ansiedade não permitiu, em diversas vezes, que o silêncio se fizesse, ou simplesmente que o entrevistado refletisse sobre a pergunta realizada mesmo que a resposta já houvesse sido dada, podendo assim lembrar de mais um dado ou um outro momento em que ainda não houvesse sido dito. A calma e serenidade foram elementos conquistados ao longo dessa experiência, em que ouvir o outro se revela muito mais delicado quando se possui um equipamento de filmagem.

Jean-Marc Rosenfeld, em seu texto *Filmar: uma reconversão do olhar* vai trazer o seguinte comentário sobre a edição:

O que é observado na tela é completamente diferente daquilo que o cineasta acreditava ter registrado. O filme realizado não é o filme esperado. A filmagem indiretamente apresentada na tela desmente a lembrança da filmagem vivida. (FREIRE, 2009, p.43)

Nesse momento de rever o material filmado, tive a mesma sensação, imagens que acreditei terem ficado boas não corresponderam à minha expectativa, assim como fui surpreendida por várias outras tomadas que nem recordava de terem ficado tão bonitas ou eloquentes para o trabalho. Esse rememorar o campo que havia sido filmado, curiosamente foi imprescindível para a escrita desse mesmo trabalho.

Ao reescrever o campo tanto com a câmera quanto sem ela, fui pega revisitando as imagens em um esforço de lembrar como era determinado lugar para descrevê-lo, ou a fala de determinada pessoa para transcrevê-la, e não só para detalhes técnicos, quando revistas as imagens elas me levaram a outras lembranças que já haviam sido esquecidas, colaborando para a inspiração e o aprimoramento do texto. Esse que por sua vez me ajudou a montar de maneira organizada uma cronologia do tempo que passei no bairro. Os momentos vividos simplesmente acontecem, e quando se ordena as lembranças e pensamentos no texto, é possível pensá-los de maneiras mais sistemática gerando reflexões sobre o vivido. Dessa forma, ao refletir melhor sobre minhas próprias temporalidades em campo e os processos históricos de Jardim Gramacho e dos seus personagens, consegui vislumbrar melhor uma narrativa para o meu filme. Dessa forma tanto o texto me ajudou a pensar e editar as imagens quanto as imagens me ajudaram na escrita do texto, ainda que divididos em parte distintas nesse trabalho, os momentos vividos e experimentados por mim, enquanto cineasta-antropóloga e antropóloga-cineasta foram complementares a pesquisa como um todo.

Considerações Finais ou Contradáviva Audiovisual

Baseado no conceito de dádiva pensado por Marcel Mauss, Jean Rouch elabora a ideia de *Contradáviva-audiovisual*, que consiste em retornar ao filme pronto, ou em processo, para aqueles que participaram do mesmo.

Eduardo Coutinho afirma que mostrar o filme para os personagens que o compuseram é uma questão ética, um retorno para aqueles que empreenderam tempo de suas vidas para que o filme fosse feito.

Meu tempo de permanência em Jardim Gramacho compreendeu um período tumultuado para os catadores, com a iminência do fim do aterro e com o seu encerramento efetivo, e pude acompanhar mais de perto as lutas, as dores, as saudades e as novas formas de levar a vida. O bairro, nesse período, teve sua feição mudada, o que antes era um espaço de muita movimentação deu lugar ao vazio e ao silêncio. Na fala dos catadores, foi possível sentir como o fim do aterro promoveu mudanças na sua forma de ver e pensar o trabalho por ali. O que era ruim depois do encerramento se tornou tolerável, razoável, e o que era bom ganhou tons mais fortes chegando a ser caracterizado como "o melhor lugar para se trabalhar".

O trabalho e a falta dele, a marginalização, o assédio da mídia, os filmes, o reconhecimento político, a saudade do que era o bairro, tudo isso compõe um cenário complexo, revelando todos os paradoxos de Jardim Gramacho e dos ex-catadores com quem pude conversar.

Delimitar temas e problemáticas em um lugar que se revelou tão rico em questões e assuntos que pareciam longe de já terem sido esgotados, apesar da considerável quantidade de trabalhos acadêmicos sobre o assunto, fez com que escrever essas páginas não tenha sido fácil. Em meio a tantas informações, conjunturas e cenários para compreender o que era o aterro, o trabalho da catação e o ser catador, busquei um outro desafio, o de fazer um filme. Desse modo, minha pesquisa ganhou duas formas de ser pensada e apresentada, formas que se complementaram ao longo de todo o meu percurso, o filme e o texto.

Aqui, essa relação encontra seu desfecho. Meu tema de pesquisa não foi apenas sobre como os catadores trabalham, mas também sobre como são suas vidas ou o que os une como grupo. Precisei passar por esses temas para ter a dimensão do que foi o encerramento do aterro de Jardim Gramacho em suas vidas. Logo, minha pesquisa se fundou em um momento específico, em um marco histórico para aquela comunidade.

Por ter estado presente no período em que o encerramento aconteceu, me estendendo por pouco mais de seis meses após o fim, não é possível trazer um panorama conclusivo sobre como esse fato mudou a forma de viver desses trabalhadores. O que pude perceber foi como lidaram com esse momento e como estavam se organizando para que os impactos fossem amenizados.

Por isso, nesse espaço dedicado às considerações finais, proponho apresentar, no lugar de uma conclusão, a etapa final de um processo: lanço mão da ideia da *contradátiva audiovisual*. Após passar um período de mais de um ano estabelecendo relações, conquistando confiança e conhecendo melhor tudo o que diz respeito à catação em Jardim Gramacho, produzi um filme que é fruto desses encontros. Ao terminá-lo, consegui exibi-lo para alguns dos personagens que o compõem.

Foi uma experiência gratificante, revelando um espaço de troca e conversa sem precedentes em meu trabalho de campo. O filme foi exibido em uma sala da FAETEC onde também existe um escritório da ACEX. Como não dispunha de muito tempo, e possuía poucos números de telefone, tive de ir às casas dos catadores para convidá-los para a sessão. No final, meu público era de doze pessoas. Entre elas, estavam Seu Brizola e sua esposa Sandra, Rebelde e um amigo chamado Rafael, que também foi catador, Luciano e toda sua família, Cantor e Sheila, que trabalha na FAETEC e foi catadora. Seu Brizola levou seu carrinho de pipoca, que casou bem com a ocasião.

Do começo ao final da exibição, estive atenta aos semblantes de todos os que assistiam. Era relevante a presença de catadores na plateia que não participaram do filme, pois suas opiniões poderiam ser mais isentas, por se tratar de pessoas que não estavam envolvidas no processo da gravação e, claro, sempre há emoção quando se vê a si mesmo representado no vídeo. No decorrer da projeção, as reações foram as mais diversas: Rebelde e o amigo Rafael sempre reconheciam os espaços e as pessoas que apareciam ao fundo, tecendo comentários sobre cada personagem que não estava presente na sala, mostraram admiração por Dona Ângela e descrença em Glória. Rafael me perguntou, com certa frustração, porque não tinha chamado Jeniffer e Silvana para estarem na sessão, assim que viu as duas na tela. Seu Brizola mostrou contentamento ao ver o Sindicato da cachaça e riu em vários momentos; a esposa de Luciano chorou no final do filme.

Percebi, ao longo da projeção, que havia alegria e entusiasmo ao reconhecerem espaços, pessoas e principalmente situações. Às vezes riam quando se identificavam com algo, outras vezes mostravam estranheza dizendo que não era como algum

personagem relatou. Cantor, por exemplo, mostrou certo desconforto quando assistia à cena em que o Sindicato da cachaça narrava sobre os corpos mortos encontrados na *rampa*. Ele comentou com Sheila: “Nossa, que pesado!”

Rebelde parece ter ido à sessão preocupado com o que foi colocado no filme a seu respeito. Estava muito falante ao longo da exibição, mas sempre que aparecia no vídeo mudava o semblante, ficando sério e concentrado. Ao final, todos pareciam muito contentes e se mostraram satisfeitos com o que viram, dizendo que retratei bem como era o trabalho.

Cantor, porém, fez uma ressalva. Para ele, o filme não conseguiu tirar a imagem de vítima do catador. Perguntei se achava que as pessoas que assistissem ao filme iriam continuar achando que o catador é um “pobre coitado”. Ele respondeu que sim e seguiu dizendo que muitos falavam que ganhavam bem na *rampa*, mas ninguém precisava um valor. Para ele, o lucro que o trabalho da catação gerava tinha de ser explicitado para que os possíveis espectadores entendessem que o catador não era miserável.

Luciano pareceu feliz com o que viu e me sugeriu passar o filme na praça para que todos pudessem vê-lo. Seu Brizola, personagem que, como já mostrado, gosta de filmagens e fotos, concordou com Luciano, acrescentou que adorou o nome “Mãe *Rampa*”, e concluiu dizendo que era exatamente isso: “a *rampa* era uma mãe para todos nós”.

É claro que os elogios foram bem-vindos e me alegraram muito, porém tentei provocá-los visando obter comentários mais críticos. Não sei se foi por acanhamento ou vontade de não me chatear, mas, com exceção do Cantor, ninguém apresentou uma sugestão ou algo que poderia ser mudado. Perguntei claramente se achavam que alguma coisa estava destoante do que viveram, ou se não expliquei direito determinado ponto, mas todos se mostraram satisfeitos. Ainda assim, acredito que essa aceitação, sem grandes questões sobre o filme, foi motivada por certa vergonha de se posicionar, um receio de criticar o meu trabalho.

Por fim, ao refletir sobre toda essa experiência, o que pude perceber é que Jardim Gramacho viu uma liderança surgir e aparecer para o Brasil, anunciando os problemas e questões que tinham de ser resolvidos. A fama de Tião trouxe desconfiança para muitos e a luta dos catadores parece cada vez mais organizada e fortalecida. Contudo, como bem disse Glória, muitas das conquistas ainda não atingem a base da categoria. São poucos os catadores mais politizados, que entendem que essas pequenas vitórias já fazem grande diferença, ainda que não sejam sentidas pela maioria. O que

prova que essas conquistas ainda são muito embrionárias, que há um longo caminho pela frente, mas os primeiros passos parecem ter sido dados.

Com o encerramento do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, os catadores que ali trabalhavam foram os primeiros no Brasil a receber uma indenização. Um exemplo que servirá de modelo para muitos outros lixões que ainda fecharão, e, da mesma forma, uma experiência nova, em que se possibilitou um espaço de discussão entre os catadores e as esferas municipais, estaduais e federais do poder público, algo inédito na história desse tipo de trabalho.

É inegável que muitas vitórias foram alcançadas nesse processo, porém, ainda assim estamos longe de uma situação ideal. O índice de desemprego e trabalhadores informais no bairro permanece grande. A falta de educação e outros serviços primordiais são escassos ou, quando existem, muito precários. O plano de transição e reurbanização são projetos com alto investimento de verbas públicas que têm como objetivo trazer profundas mudanças de infraestrutura para o bairro. Contudo, há descrença quanto ao plano de reurbanização e ao Polo de Reciclagem. A população acredita que essas melhorias nunca acontecerão, que com o aterro já fechado, fonte de principal preocupação do poder público, não há mais com o que se incomodar em Jardim Gramacho, e que, muito em breve, segundo os próprios catadores, o bairro será esquecido pelo governo.

Em junho de 2013, fez exatamente um ano que o AMJG fechou. Algumas reportagens foram feitas para saber o que aconteceu com o bairro nesse tempo e as notícias não foram tão positivas quanto as lideranças pretendiam. As reportagens que se dedicaram ao assunto mostravam a grande insatisfação dos ex-catadores que reclamavam que o plano de transição só foi pensando no momento do fechamento do aterro, e não antes. Criticavam o quão pouco foi feito até agora. Um exemplo é o Polo de Reciclagem, que tinha a estimativa de abrir empregando cerca de 500 ex-catadores, e que, por ora, está funcionando com um quarto do estimado.⁵⁸

Walter Benjamin, ao pensar a profissão de quem coleta o lixo, diz que: “Resíduos revelam uma história do esquecimento. O catador dos 'restos do dia que passou' é capaz de fazer despertar a própria memória involuntária de uma metrópole” (BENJAMIN, apud FERRAZ, 2009, p. XVII).

⁵⁸<http://oglobo.globo.com/rio/um-ano-apos-fechamento-de-gramacho-promessas-ainda-no-papel-8689935>

Essa sua fala nos faz pensar sobre os paradoxos vividos por Jardim Gramacho. Será que esses mesmos catadores, que em todos os dias de trabalho reavivavam a história do Rio de Janeiro, conseguirão manter a memória viva de sua própria história? De suas reivindicações políticas e das promessas de transformação do bairro? Ou se manterão assim como os resíduos pensados por Benjamin, revelando uma história de esquecimento?

Nesse trabalho, apresentamos a forma como essa população catadora enfrentou seu drama, suas formas de passar por essa grande ruptura. Como a memória frente a um momento tão marcante e recente foi registrada, mostrando os discursos que ganharam entonações fortes. Esforçamo-nos também para alcançar uma compreensão desse trabalho e desse lugar, assim como das angústias, posições políticas e saudades geradas por todo esse processo transformador em Jardim Gramacho, que deverá ser um marco para a história da catação no Brasil.

Vamos ao filme.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. Antropologia e Imagem. São Paulo: Jorge Zahar, 2006

_____. Escrituras da Imagem. São Paulo: Edusp, 2004

BARBOSA, Rosangela Nair de Carvalho; Silva, Alessandra Azeredo da. A questão ambiental e o trabalho no lixo. Disponível em: www.historiagora.com/dmccocuments/Questao_Ambiental_e_o_lixo.pdf

BASTOS, Valéria Pereira. Catador: Profissão. Um estudo do processo de construção identitária, do catador de lixo ao profissional catador. Jardim Gramacho, de 1996 aos dias atuais. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2008

BAUMAN, Zygmunt. Vidas Desperdiçadas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas; Mágia e Técnica, Arte e Política, vol 1, São Paulo: Brasiliense, 1994,

BERNARDET, Jean-Claude. Cineastas e imagens do povo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever” In: Revista de Antropologia (USP), vol. 39, nº 1, São Paulo, 1996.

CARMO, Scarlet. A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores de recicláveis: Considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas na cidade do Rio de Janeiro. Caderno EPABE BR, v.7, número 4, artigo 5, Rio de Janeiro, Dez 2009 In: www.epabe.fgv.br/cadernosebape

COMOLLI, Jean-Louis. Ver e Poder. A inocência perdida: cinema, televisão, ficção e documentário. Belo Horizonte UFMG, 2008

COUTINHO, Eduardo. "O Cinema Documentário e a Escuta Sensível da Alteridade"
In: Ética e História Oral - Projeto História. Revista da Pós-PUC/SP No. 15; Educ, 1997.

DA-RIN, Silvio. Espelho Partido. Tradição e Transformação do Documentário, Rio de Janeiro: Azougue, 2004

FELDMAN- BIANCO, B; MOREIRA, M Leite.(orgs.). Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais. São Paulo- SP: Papirus Editora

FERRAZ, Ana Lúcia Marques Camargo. Dramaturgias da Autonomia. A Pesquisa Etnográfica entre Grupos de Trabalhadores. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FRANCE, Claudine de. (org) Do Filme Etnográfico a Antropologia Fílmica. Campinas- SP: Ed. Unicamp, 2000

FREIRE, Marcius e LOURDOU, Philippe.(org) Descrever o Visível. Cinema Documentário e Antropologia Fílmica. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2009

GEADA, Eduardo.(org) Estéticas do Cinema. Lisboa: Ed: Publicações Dom Quixote, 1985

GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 2009

_____. Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1988

GOMES, Luiz Cláudio Moreira. A cooperativa de catadores de materiais recicláveis de Jardim Gramacho- COOPERGRAMACHO: Uma nova identidade social a partir do trabalho cooperativo. Trabalho publicado nos Anais do XVII Congresso Nacional do CONPEDI, realizado em Brasília – DF nos dias 20, 21 e 22 de novembro de 2008.

GUIMARÃES, César. Imagem e Memória. Entre o legível e o visível. Belo Horizonte: Ed, UFMG, 1997

IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. Diagnóstico Social de Jardim Gramacho. Rio de Janeiro: IBASE, 2005

IETS -Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade. Estratégia de Desenvolvimento Urbano, Socioeconômico e Ambiental para o Entorno do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho - Diagnóstico Socioeconômico de Jardim Gramacho, Rio de Janeiro 2012

LINS, Consuelo. O Documentário de Eduardo Coutinho. Televisão, Cinema e Vídeo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

_____. Filmar o Real: Sobre o Documentário Brasileiro Contemporâneo, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

_____. A voz o ensaio e o outro In: Catálogo da Retrospectiva de Àgnes Varda, CCBB, Rio de Janeiro, 2006

LOIZOS, Peter. A inovação no filme etnográfico.(1955-1985). In: Cadernos de Antropologia e Imagem. n. 1 UERJ, 1995.

MACDOUGALL, David. Mas afinal, existe uma antropologia visual? In: Catálogo da Mostra Internacional do Filme Etnográfico, Rio de Janeiro, 1994: 71-75

MACHADO, Gisele Cardoso Almeida. Da Ilha de Sapucaia ao Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho: A criação de territórios do lixo da cidade do Rio de Janeiro como expressão de segregação espacial. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Regina Célia de Mattos. Departamento de Geografia da PUC. Rio de Janeiro, 2012

MAGNI, Cláudia Turra; BRUSCHI, Mauro. Em busca do nomadismo da imagem no trânsito entre a antropologia e a arte. In: SAMAIN. Etienne (ORG). O Fotográfico. São Paulo: Ed. Senac, 2004.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac Naify, 2007

MEAD, Margaret, “A Antropologia Visual em uma disciplina de palavras.” In: HOCKINGS, Paul. Principles of Visual Anthropology. 1975

MENEZES, Paulo. “O nascimento do cinema documental e o processo civilizador”. In: O imaginário e o poético nas Ciências Sociais. São Paulo: Educsc, 2005

MEIRELLES, Delton Ricardo Soares, GOMES, Luiz Cláudio Moreira. A Busca da Cidadania: A Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias - RJ . Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1139.pdf

NICHOLS, Bill. Introdução ao Documentário. Campinas, SP: Papyrus, 2005

PEREIRA, Cláudia da Silva. “Representações do mundo da moda na mídia. Do Luxo ao Lixo.” Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 40 • dezembro de 2009

PIAULT, Marc-Henri, A Antropologia e a “passagem à imagem”. In: Cadernos de Antropologia e Imagem. n. 1 UERJ, 1995.

PINTO, L. L. Diagnóstico da Atividade de Catação. Duque de Caxias, 2004

POLLOCK, Michel. "Memória, esquecimento e silêncio" In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

RAMOS, Fernão Pessoa. A mis-en-scène no documentário. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/docentes/fernaoramos/20Mise-en-SceneSiteCineDocumental.pdf>

RIBEIRO, Camille Gonçalves. Vestidas de Rampa: Um estudo sobre catadoras de materiais recicláveis. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010;

RIBEIRO, Ricardo Laino. O Impacto do Encerramento do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (AMJG) sob a Ótica dos Comerciantes do Setor Informal de Alimentos. Dissertação defendida em 2011 na Universidade do Grande Rio. Rio de Janeiro

RICOUER, Paul. "O bom uso das feridas da memória" In: Les résistances sur le Plateau Vivarais-Lignon (1938-1945); Editions du Roure, 2005

SENETT, Richard. O Artífice. São Paulo- Rio de Janeiro: Ed. Record, 2009

SILVA, Tomaz Tadeu (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Ed: Vozes, Petrópolis, 2000

VARGENS, Dayala. Catadores de materiais recicláveis: Discursos sobre a atividade de trabalho. Cadernos do CNFL, vol. XII, número 12

VELLOSO, Marta Pimenta. Os catadores de lixo e o processo de emancipação social. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10s0/a08v10s0.pdf>

WAGNER, Roy. A Invenção da Cultura. Cosac Naify, São Paulo-SP, 2010

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

Àgnes Varda. "Catadores e Eu" França, 2000

Eduardo Coutinho, "Boca de Lixo" Brasil, 1992

Jorge Furtado, "Ilha das Flores" Brasil, 1989

Marcus Prado, "Estamira" Brasil, 2005

Lucy Walker, co-direção: João Jardim e Karen Harley, "Lixo Extraordinário" EUA, 2009